



UFRJ

**AS FONTES UTILIZADAS POR BUCHANAN PARA A  
COMPOSIÇÃO DA PSALMORUM DAVIDIS PARAPHRASIS  
POETICA, LIBER II**

Francisco de Assis Florêncio

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Clássicas.

Orientador: Professor Doutor Carlos Antônio Kalil Tannus.

Rio de Janeiro  
Agosto de 2006

**AS FONTES UTILIZADAS POR BUCHANAN PARA A  
COMPOSIÇÃO DA PSALMORUM DAVIDIS PARAPHRASIS  
POETICA, LIBER II**

Francisco de Assis Florêncio  
Orientador: Professor Doutor Carlos Antônio Kalil Tannus

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas,  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários  
para a obtenção do título de Doutor em Letras Clássicas.

Aprovada por:

---

Presidente, Professor Doutor Carlos Antônio Kalil Tannus, UFRJ

---

Professora Doutora Alice da Silva Cunha, PPGLC – UFRJ

---

Professora Doutora Vanda Santos Falseth, PPGLC – UFRJ

---

Professor Doutor Amós Coelho da Silva – UERJ

---

Professor Doutor Airto C. Montagner – UERJ

---

Professor Doutor Edison Lourenço Molinari – UFRJ (Suplente)

---

Professora Doutora Vera Lucia Montenegro Vieira – UNIVERCIDADE (Suplente)

Rio de Janeiro  
Agosto de 2006

FLORÊNCIO, Francisco de Assis.

AS FONTES UTILIZADAS POR BUCHANAN PARA A COMPOSIÇÃO DA PSALMORUM DAVIDIS PARAPHRASIS POETICA, LIBER II/ Francisco de Assis Florêncio. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2006.

xi, 197f.; 31 cm.

Orientador: Professor Doutor Carlos Antônio Kalil Tannus

Tese de Doutorado – UFRJ/Faculdade de Letras/Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2006.

Referências Bibliográficas: f. 198.

1. Latim Renascentista. 2. Paráfrases dos salmos, de George Buchanan. 3. Livro II das Paráfrases. 4. Fontes utilizadas. 5. I. Tannus, Carlos Antônio Kalil. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas. III. Título.

## **AS FONTES UTILIZADAS POR BUCHANAN PARA A COMPOSIÇÃO DA PSALMORUM PARAPHRASIS POETICA, LIBER II.**

Francisco de Assis Florêncio

Orientador: Prof. Dr. Carlos Antônio Kalil Tannus

Resumo da Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (Culturas da Antigüidade Clássica), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Letras Clássicas (Culturas da Antigüidade Clássica).

A Tese se propõe a traduzir e a estudar o livro II da *Psalmorum Davidis Paraphrasis Poetica* da autoria de George Buchanan, célebre humanista escocês. Procurou-se apresentar um breve resumo acerca da vida e obra do autor, vindo, em seguida, um panorama da presença e influência das paráfrases dos salmos na Renascença. O estudo tem por objetivo principal identificar as fontes que serviram de matéria-prima para a composição desta obra. Elas se dividem em três: fontes hebraicas, clássicas e bíblicas do século XVI. Na primeira fonte, buscou-se encontrar vocábulos e expressões próprias do texto hebraico. Na segunda, identificar a presença de transcrições e exemplos de autores clássicos, com destaque para Horácio, Vergílio e Ovídio. Quanto às Bíblias, devido à dificuldade de se encontrar versões latinas daquela época, usaram-se, como material de cotejo, versões latinas atuais, bem como versões em português e espanhol. Não nos esquecemos, porém, de tecer comentários de ordem lingüística, filológica, literária e estilística.

**AS FONTES UTILIZADAS POR BUCHANAN PARA A COMPOSIÇÃO DA  
PSALMORUM PARAPHRASIS POETICA, LIBER II.**

Francisco de Assis Florêncio

Orientador: Prof. Dr. Carlos Antônio Kalil Tannus

*Abstract* da Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (Culturas da Antigüidade Clássica), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Letras Clássicas (Culturas da Antigüidade Clássica).

The aim of this thesis is to translate and study book II of *Psalmorum Davidis Paraphrasis Poetica* by George Buchanan, distinguished scottish humanist. First, we present a short description of the author's life and work, followed by a brief display of presence and influence of the psalms paraphrases during Renaissance. The main objective of this study is identify the sources which inspired the author. They are the hebrew, the classical and biblical sources from the sixteenth century. In the first source we are have attended to find words and expressions present in the hebrew text. In the second, we have identified the presence of transcriptions and examples of classics, mainly Horace, Virgil and Ovid. Concerning biblical sources, due to difficulty in finding latin versions of that time, modern versions as well as portuguese and spanish ones have been used as sources. We have not forgotten, though, to make linguistic, philological, literary and stylistic comments.

## SINOPSE

Apresentação do autor, George Buchanan, sua vida e sua obra. A repercussão das paráfrases dos salmos no século XVI. Tradução da *Psalmorum Davidis Paraphrasis Poetica, Liber II* e estudo das três fontes que lhe deram origem: texto hebraico, autores clássicos e Bíblias do século XVI. Abordagem lingüística, filológica, literária e estilística da obra em estudo.

*À minha querida esposa Mara pelo apoio a mim dispensado antes, durante e no término desta tese. Dedico também ao meu querido filho Theodoro, um verdadeiro presente de Deus.*

*Primeiramente a Deus, sem o qual nada do que aqui está existiria.*

*À minha querida mãe, a quem devo muito, principalmente a vida; a meus irmãos e sobrinhos, que sempre estiveram ao meu lado nas horas de maior dificuldade.*

*Aos meus professores do curso de doutorado e, em especial, ao orientador desta tese, professor Carlos Antônio Kalil Tannus, que, com sua colaboração, dedicação, opiniões, sugestões e críticas, demonstrou não ser apenas um simples orientador ou professor, mas também um grande amigo que, independente de qualquer circunstância, está sempre pronto a atender e ajudar o seu discípulo, mesmo que para isso tenha, muitas vezes, de abdicar de seus momentos de descanso.*

*Ao amigo Marco Antonio A. de Barros pelo incentivo, pois, como diz o autor sacro, “Há amigos mais chegados que um irmão”. Aos demais colegas da UERJ que, com certeza, muito torceram pelo meu sucesso.*

*Ao amigo Nelson de Barros (in memoriam), pessoa que sempre me incentivou e a quem guardarei para sempre em minha memória,*

*agradeço.*



## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| <b>ABREVIATURAS</b> .....                              | 11  |
| <b>1. INTRODUÇÃO</b> .....                             | 12  |
| <b>2. BUCHANAN: VIDA E OBRA</b> .....                  | 18  |
| <b>3. AS PARÁFRASES DOS SALMOS NO SÉCULO XVI</b> ..... | 22  |
| <b>4. AS PARÁFRASES DOS SALMOS EM LATIM</b> .....      | 31  |
| <b>5. CORPUS, TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS</b> .....         | 34  |
| 5.1. Salmo XLII.....                                   | 34  |
| 5.2. Salmo XLIII.....                                  | 44  |
| 5.3. Salmo XLIV.....                                   | 50  |
| 5.4. Salmo XLV.....                                    | 63  |
| 5.5. Salmo XLVI.....                                   | 73  |
| 5.6. Salmo XLVIII.....                                 | 81  |
| 5.7. Salmo XLIX.....                                   | 88  |
| 5.8. Salmo L.....                                      | 99  |
| 5.9. Salmo LI.....                                     | 109 |
| 5.10. Salmo LII.....                                   | 116 |
| 5.11. Salmo LIV.....                                   | 121 |
| 5.12. Salmo LV.....                                    | 126 |
| 5.13. Salmo LVI.....                                   | 134 |
| 5.14. Salmo LVII.....                                  | 140 |
| 5.15. Salmo LVIII.....                                 | 146 |
| 5.16. Salmo LXI.....                                   | 153 |
| 5.17. Salmo LXII.....                                  | 158 |
| 5.18. Salmo LXIII.....                                 | 164 |
| 5.19. Salmo LXIV.....                                  | 170 |
| 5.20. Salmo LXV.....                                   | 176 |
| 5.20. Salmo LXXII.....                                 | 184 |

|                             |            |
|-----------------------------|------------|
| <b>6. CONCLUSÃO.....</b>    | <b>192</b> |
| <b>7. BIBLIOGRAFIA.....</b> | <b>195</b> |

## ABREVIATURAS

|         |                                       |
|---------|---------------------------------------|
| And.    | Andria                                |
| ARA     | Almeida revista e atualizada (Bíblia) |
| B. Gal. | De Bello Gallico                      |
| BH      | Bíblia Hebraica                       |
| BJ      | Bíblia de Jerusalén                   |
| Buc.    | Bucólicas                             |
| De Div. | De Divinatione                        |
| De Or.  | De Oratore                            |
| DIT     | Dicionário Internacional de Teologia  |
| En.     | Eneida                                |
| F.      | Fasti                                 |
| Hist.   | Histórias                             |
| Lib.    | Líber                                 |
| Met.    | Metamorfozes                          |
| SE      | La Sagrada Escritura                  |
| NV      | Neovulgata                            |
| NVL     | Nova Versio Latina                    |
| Od.     | Odes                                  |
| TM      | Texto massorético                     |
| Trist.  | Tristes                               |
| Vulg.   | Vulgata                               |

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo identificar as fontes que foram utilizadas para a composição da obra renascentista *Psalmorum Davidis Paraphrasis Poetica, liber II* de autoria de George Buchanan, ilustre humanista escocês. Sendo esta obra bastante extensa, tal qual o texto da Vulgata, pareceu-nos mais produtivo não trabalhá-la por inteiro, mas sim fracioná-la, delimitando, assim, o *corpus*. Como fazê-lo? Após avaliarmos algumas possibilidades, tais sejam, delimitá-la pelos autores do saltério, por assunto ou pelos salmos mais conhecidos pela cristandade, concluímos que o mais interessante seria demarcar o *corpus* a partir da própria divisão do saltério, a qual está fracionada em cinco livros. Em seguida passamos a imaginar que livro, dentre os cinco, usaríamos para confrontar com a obra de Buchanan. Concluímos, por fim, que o livro que mais atendia aos nossos anseios era o *liber secundus*, não apenas pelo fato de nele estarem presentes vários salmos daquele que é considerado o maior dos salmistas, Davi, mas também pela presença de outros salmistas, como os filhos de Coré, Asafe, Etã (também conhecido por Jedutum), os quais, com certeza, ajudaram a “temperar” o *liber secundus* com seus estilos.

Por serem ainda hoje bem nebulosas e, por isso, dignas de estudo as fontes consultadas por Buchanan para a tessitura de sua obra, propomo-nos a demonstrar que, além da Vulgata (principal fonte das paráfrases), o autor fez uso de outras fontes para a confecção de sua obra. O nosso ponto de partida se deu nas hipóteses levantadas pelo professor McFarlane, no seu artigo *Notes on the composition and Reception of George Buchanan's Psalm Paraphrases*<sup>1</sup>. Nele, o professor procura demonstrar, ainda que não saia

---

<sup>1</sup> In *Renaissance Studies*, edited by I. D. McFarlane, A. H. Ashe, D. D. R. Owen, Edinburgh and London, 1972, pp. 21-62.

da teoria, que, além da Vulgata, outras três fontes foram utilizadas por Buchanan como matéria-prima para a confecção de sua obra: o texto hebraico, fontes clássicas e versões latinas quinhentistas.

No que concerne à influência do texto hebraico na obra de Buchanan, há, segundo o professor McFarlane, três hipóteses:

Em primeiro lugar, é notório que Buchanan, por muitos anos, conversou, frequentou círculos e conheceu intelectuais que dominavam profundamente a língua hebraica, como, por exemplo, Franciscus Vatablus, como testifica o professor Barclay:

*Doctissimus poeta sequutus Francisci Vatabli psalmorum interpretationem; quem Parisiis Hebraicae linguae professorem habuit summe amicum et familiarem. Itaque consulebat curiose fontes ipsos, et linguam qua psalmos cecinit regius propheta. Unde deducit aliquando plus sententiae quam appareat in vulgatis editionibus.*<sup>2</sup>

Em Segundo lugar, sabe-se que Buchanan ganhou de presente de *Florentius Volusenus* uma cópia do *Dictionarium Hebraicum* (Basel, Froben, 1523), cujo autor era Sebastian Münste. A obra se encontra agora na *Edinburgh University Library* e possui a seguinte inscrição: “Georgius Buchananus ex munificentia florentii voluseni”. Além da obra citada, há um outro trabalho de Münste que provavelmente chegou às mãos de Buchanan: *Liber Psalmorum cum translationibus quattuor et paraphrasis duobus... Interpretes sunt Autor editionis vulgatae D. Hieronymus, Felix Pratensis, Sebast. Monsterus. Paraphrastae Autor Chaldaeus, Ioannes Campesis ... Argentorati, 1545*. Não se sabe ao certo o nível de influência de Volusenus sobre as paráfrases de Buchanan, mas acredita-se que dois opúsculos seus tenham de alguma maneira influenciado ou inspirado o

---

<sup>2</sup> Barclay apud McFarlane, 1972, p. 58.

escocês: *Psalmi quindecimi enarratio*, Paris, 1531 e *In psalmum nobis 50 Hebroeis vero 51 ...enarratio*, Paris, 1532.

Por fim, existe a possibilidade de que o poeta escocês conhecesse consideravelmente a língua hebraica. No século XVI havia vários comentários de natureza lingüística sobre a língua hebraica, publicados principalmente por Robert Estienne, com cuja família Buchanan mantinha estreitas relações. Antes de tudo, vale lembrar que na *University of St Andrews Library* existe um dicionário de frases hebraicas, cuja posse é creditada a Buchanan, e que contém notas nas margens e textos sublinhados. O professor McFarlane não descarta a possibilidade de esta obra ter servido de fonte para a composição das paráfrases: “Many of the phrases noted or underlined refer to the Psalms, and one could see here possible sources for Buchanan’s own versions.”<sup>3</sup>

Sendo um poeta de formação clássica, não seria de se estranhar que a segunda fonte consultada por Buchanan fossem os clássicos, cuja influência é marcante em toda a sua obra. A sua dívida é grande para autores como Horácio e Vergílio, – pois muitos são os centões destes autores nas paráfrases –, mas encontram-se também, no corpo de seu trabalho, ecos de outros autores clássicos. Sobre esta influência, o professor McFarlane assim se pronuncia: “Historically speaking, the discussions of the these sources has centred more particularly on Buchanan’s debt to the classics.”<sup>4</sup>

No que concerne à influência de versões latinas, o professor McFarlane acredita que Buchanan, embora nunca tenha abandonado a Vulgata na composição de sua obra, – pois inúmeras são as suas transcrições – valeu-se, com certeza, de outras fontes e versões bíblicas quinhentistas para que seu texto fosse composto. Deste modo, ele destaca duas

---

<sup>3</sup> Op. cit. p. 30.

<sup>4</sup> Ibid. p. 58

obras que provavelmente influenciaram o vate escocês: *Liber Psalmorum Davidis: annotationes in eosdem ex Hebraeorum comentariis e Liber Psalmorum Davidis. Tralatio duplex, Vetus et Nova*, publicados por Estienne, possam ter influenciado significativamente Buchanan, principalmente o primeiro, que foi editado antes de ele partir para Portugal.

Como não tivemos acesso a versões do século XVI, decidimos utilizar, como material de cotejo, algumas versões atuais, mais precisamente a Bíblia de Jerusalém (BJ), a Almeida Revista e Corrigida (ARA), *Biblia Hebraica Sturttgartensia* (BH) e La Sagrada Escritura (Los Salmos y los Libros salomônicos), a *Nova Versio Latina* (NVL) e a *NeoVulgata* (NV), a primeira de 1951 e a segunda de 1978, que tinham como objetivo revisar o texto da Vulgata, tornando-o mais claro, mais inteligível, eliminando, assim, passagens muito literais e duvidosas. Com certeza, todas estas versões foram de grande valia para o nosso trabalho, pois, por meio delas, foi possível constatar que o poeta fez uso não apenas da Vulgata, mas que recorreu também a outras versões latinas da época, sem se esquecer de consultar, é claro, o texto hebraico. Quanto à Septuaginta, achamos não ser necessário utilizá-la como fonte de consulta ou cotejo em razão de a tradução da Vulgata ter sido quase que exclusivamente baseada nela, conforme testemunho do professor Ford:

*It is upon this version, and not the Hebrew text, that normal Vulgate translation is based, although Saint Jerome did produce a latin text, the 'Hebrew' Psalter, which was based upon the original.*<sup>5</sup>

Dito isto, a nossa tese se divide nos seguintes capítulos: vida e obra do autor; as paráfrases dos salmos; as paráfrases dos salmos em latim; tradução e comentários das paráfrases.

---

<sup>5</sup> FORD, Philip J. *George Buchanan, Prince of the Poets*. Aberdeen: Aberdeen University Press, 1982, p. 78.

Assim, no primeiro capítulo teremos a oportunidade de apresentar o ilustre humanista, com certeza ainda desconhecido para a maioria dos latinistas brasileiros. Acreditamos, porém, que depois desta apresentação, o tão comentado engenho deste poeta deixará de ser admirado apenas por europeus e americanos e ganhará admiradores também nesta parte do *orbis terrarum*. Quanto à sua obra, por ser de temática variada, com certeza servirá de inspiração para outros latinistas, que certamente verão nela uma fonte inesgotável de estudo.

No que diz respeito ao segundo capítulo, o leitor terá a oportunidade de viajar pelo século XVI e acompanhar conosco a trajetória das paráfrases dos salmos. Verá que ela engloba quatro períodos que vão, aproximadamente, de 1530 a 1610. Além do latim, a língua vernácula mais fértil neste tipo de composição foi o francês. Nesta língua, destacamos Marot, Calvino, Lefèvre d'Étaples, Bezè e, em latim, além de Buchanan, François Bonade, Jean Gagnay, Eobanus Hesse, comprovando, assim, a importância deste gênero para o período renascentista.

No que tange à tradução, por não termos acesso a nenhuma tradução desta obra, quer em língua estrangeira, quer em vernácula, coube-nos, em companhia do nosso orientador, o árduo trabalho, porém compensador, de vertê-la pela primeira vez para o português. Muitas vezes, para elucidar alguns trechos ou alguma palavra, recorreremos ao texto e ao contexto da Vulgata.

Quanto aos comentários, contamos com a ajuda dos professores ID McFarlane e Philip J. Ford (através de suas obras) e Roger P. H Green (obras e e-mail); de versões em português (BJ e ARA), em espanhol (SE), em latim (Vulg., NVL e NV) e em hebraico (Biblia Stuttgartensia), bem como de dicionários, comentários bíblicos e artigos.



Lembramos que, embora o nosso objetivo seja o estudo das fontes utilizadas por Buchanan para a composição de sua obra, não deixamos de fazer comentários de aspectos lingüísticos, filológicos, literários e estilísticos. Além desses comentários, verificamos também que o poeta, muitas vezes, procura tornar inteligíveis algumas passagens que se encontram nebulosas no original latino, facilitando, assim, a compreensão desses trechos. O professor Ford assim comenta esta preocupação do poeta: “It is clear that he took considerable pains to unravel and clarify the often obscure meaning of the original...”<sup>6</sup>

Por fim, deixamos de fora do trabalho os salmos XLVII, LIII, LIX, LX, LXVI, LXVII, LXVIII, LXIX, LXX, LXXI por não terem quase nada a acrescentar no que se refere às fontes aqui estudadas, sendo apenas influenciados pelo texto da Vulgata.

---

<sup>6</sup> Op. cit. p. 84.

## 2. GEORGE BUCHANAN: VIDA E OBRA

George Buchanan, um dos mais ilustres humanistas do século XVI, nasceu em Stirlingshire, na Escócia, em 1506 e, desde a mais tenra idade, travou conhecimento com a língua latina. Isso se deu principalmente porque a Escócia não demorou a reconhecer a importância do ensino do latim para os seus pupilos, e já em 1496 um Ato Educacional, que garantia subsídios para estudantes, especialmente para os filhos dos nobres, foi aprovado. De família tradicional, era filho de Agnes Heriot e de Thomas Buchanan, que era descendente da respeitável e pródiga família Buchanan de Buchanan. Apesar desse histórico, a família de George Buchanan fica, após a falência do avô e da morte do pai, entregue à sorte. Seu tio materno, James Heriot, preocupado em ajudar sua irmã, que naquela ocasião ficou com a responsabilidade de cuidar de oito filhos, envia a Paris, em 1520, o jovem Buchanan, a fim de que pudesse dar continuidade aos seus estudos. Porém, em 1522, em razão da sua fraca saúde e do falecimento do tio, vê-se obrigado a retornar à terra natal. Restabelecida a saúde, Buchanan, em 1523, alista-se nas forças do Duque de Albany, que liderou um frustrado ataque à Inglaterra. Após um outro período de enfermidade, ele se matricula, em 1525, na *St Andrews University*. Em 1527, ingressa como bacharel na Universidade de Paris e, em 1528, obtém o grau de mestre em Artes. Depois de formado, ministrou, por quase três anos, o ensino de gramática no colégio de Santa Bárbara, onde fez amizades com célebres mestres, em especial, André de Gouveia, sobrinho de Diogo de Gouveia, diretor da instituição. Embora gozasse de boas amizades e liberdade de pensamento, a situação financeira do jovem mestre não era das mais satisfatórias, o que o levou a compor o poema *Quam misera sit conditio docentium litteras humaniores Lutetiae*.

A sua situação financeira só começa a melhorar quando ele se torna tutor do jovem Gilbert Kennedy, conde de Cassillis, sobrinho de William Kennedy, abade de Crossraguel. No intuito de melhor ensinar latim ao jovem conde, Buchanan verteu para o latim a gramática de Tomás Linacre, que foi publicada em 1533. Nas eleições do Reitor de Sorbona, em 1534, ele, graças à sua cultura greco-latina, começa a ser reconhecido por seus compatriotas e se torna procurador da nação alemã pela secção escocesa.

A sua veia satírica vem à tona quando, numa viagem à Escócia, em companhia do conde, envolve-se em discussões partidárias, civis e religiosas, campo propício para o aparecimento daquele que é considerado o mais célebre de seus poemas satíricos: *Franciscanus*. Cai, então, nas graças do rei Jaime V, que o torna preceptor do seu filho bastardo, Lord James Stuart, e faz uso desta obra para atacar os Franciscanos, a quem considerava mancomunados com os seus inimigos. Além desta obra, Buchanan compõe ainda mais duas obras de espírito satírico: *Somnium e Palinodiae*. Vendo, porém, após a morte da filha do monarca, que este estava colhendo frutos amargos por ter desafiado uma ala tão significativa da Igreja, decide regressar à França, na esperança de encontrar apoio em Santa Bárbara. Não recebendo aí a acolhida desejada, parte para Bordéus, onde se reencontra com o diretor do Colégio de Guiana, André de Gouveia, que lhe confia a primeira classe de gramática e, depois a cátedra de grego ou de artes, que foram ocupadas por ele até julho de 1543. Nesse período, floresce em sua veia o gênero dramático e ele escreve quatro peças: *Medea, Alcestis, Baptistes e Jephthes*.

Embora feliz em Bordéus, Buchanan retorna a Paris no final de 1543 e se torna professor no Colégio do Cardeal Lemoine.

Apesar de já gozar de boa reputação na França, o poeta resolve deixá-la e, em 1547, na companhia de André de Gouveia e outros colegas, parte para Portugal para se tornar

mestre no Real Colégio das Artes, em Coimbra. Tranqüilamente ministrava aulas às turmas de latim e grego quando, em 1550, ele e outros dois colegas foram acusados pelo Tribunal da Inquisição de idéias e práticas heterodoxas. Após ser interrogado, a sua sentença foi passar seis meses no mosteiro de São Bento, em Xabregas, a fim de expiar os seus pecados com pios exercícios e outras coisas úteis para sua salvação. Recebeu liberdade condicional em 1551 e, em 1552, já livre, deixa Portugal em um navio cretense com destino à Inglaterra. Vasto foi o material produzido por Buchanan em terras portuguesas. Quando preso, produziu a obra que veio a eternizá-lo, *Psalmorum Davidis Paraphrasis Poetica*, embora provavelmente ele não a tenha concluído em Portugal. Além dela, escreveu aproximadamente vinte poemas de cunho erótico sobre duas prostitutas: Peris e sua filha Leonora. Por fim, compôs sátiras injuriosas contra Beleago, um colega seu em Coimbra, e alguns epigramas satíricos.

Em 1552, de volta à França, torna-se professor do Colégio de Boncourt, onde mantém contato com membros da Plêiade, impressionando-os com o seu vasto conhecimento de Catulo e suas obras.

Em 1554, ele se encontra ligado à casa do conde de Brissac, marechal da França, como tutor de seu filho Timoléon.

Retorna à Inglaterra no fim da década de cinquenta e passa a viver sob o patronato de William Cecil, que manda publicar vários poemas seus e de outros poetas de igual quilate.

Em 1561 ele está de volta à Escócia e a serviço da rainha Mary Stuart. Grato, ele compõe um *Epithalamium* para comemorar o casamento dela com o Delfin François, a quem homenageia nas *Siluae* 4 e, após a morte deste, nas *Siluae* 5. Na terra natal, Buchanan se tornou protestante e, de 1563 a 1566, foi membro da Assembléia Geral da Igreja

Reformada. Nessa época, as suas atividades seculares se dividiam entre a corte e o *Leonard's college* em *St Andrews*. Naquela, trabalhava como tradutor de documentos em espanhol. Neste, como diretor. Após se tornar tutor do futuro rei, o jovem James VI, ele passa a ser considerado o escocês mais erudito de seu tempo. Embora continuasse a escrever versos, na maioria das vezes, de natureza ocasional, passa, a partir de 1576, a alcançar vãos mais altos e produz uma gramática latina e uma obra paradigmática, *De prosodia libellus*, ambas para serem usadas nas escolas escocesas. Nessa época, a pena do vate trabalha incansavelmente, vindo à tona mais duas grandes obras para a educação do jovem príncipe: *Rerum scoticarum historia* e *De iure regni apud Scotos*, um diálogo sobre os direitos e deveres do príncipe. Apesar do seu furor literário, um ambicioso projeto, iniciado na França, não é concluído.

Dois anos antes de sua morte, que ocorre em 1582, Buchanan escreve sua autobiografia. Para a posteridade fica um grande exemplo de uma pessoa que cultivou sempre a arte de fazer amigos, o que se evidencia principalmente em sua poesia, onde amigos, colegas e patronos aparecem constantemente como fonte de inspiração.

### 3. AS PARÁFRASES DOS SALMOS

Durante toda a Idade Média, as Escrituras são copiadas, glosadas, adaptadas, traduzidas em língua vulgar, com o consentimento de Roma, mas foi com o advento do humanismo, em especial com a chegada do século XVI, que a Bíblia passou a ser realmente estudada, saindo das mãos dos escribas e sendo redescoberta pelos estudiosos e exegetas humanistas. O livro de Salmos ocupa, com certeza, um lugar especial no estudo das Escrituras, pois, já há muito e em especial no século de Buchanan, atravessa a esfera religiosa e se impõe na vida secular dos fiéis. Passa a ser usado, então, como livro texto para o ensino das letras aos jovens, quer como abecedário para ensinar a ler, quer comentado para o ensino da gramática ou do latim. Além do exposto, vale destacar que o livro de Salmos estava presente nas mentes e corações dos fiéis graças principalmente aos livros de orações e de horas e também era, provavelmente, o livro sagrado mais usado pelos sacerdotes nos ofícios divinos, na liturgia e nos sermões, como testemunha Gagnay:

*Nullus enim sacrorum librorum est, in quo tot hominum genera contineantur... Itaque cum tam necessarium atque utilem esse christianis librum maiores nostri intelligerent, prohi constituerunt ut in divinis officis psalmi decantarentur.<sup>7</sup>*

Apesar de sempre presente nos lábios dos sacerdotes, este livro apresenta consideráveis dificuldades de interpretação, geradas principalmente pela tradução literal da Vulgata, influenciada principalmente pela Septuaginta. Assim sendo, segundo Gagnay, as paráfrases dos salmos teriam, neste contexto, um papel fundamental na busca de uma maior

---

<sup>7</sup> Gagnay apud McFarlane, 1972, p. 23.

inteligibilidade das passagens de difícil interpretação. Vejamos como ele se posiciona a esse respeito:

*Hinc factum, ut nullus liber frequentius labiis christianorum tenatur & sacerdotum maxime: atque non labiis modo, ut vere possent cum Paulo dicere, psallam spiritu, psallam & mente... nullus est inter sacros libros difficior, seve propter hebraismos a septuaginta interpretibus (a quibus sumpta est ecclesiastica versio) non perspicue redditos, sive propter ἀναποδοτὰ in psalmis frequentia, seu propter latentis prophetiae obscuritatem...*<sup>8</sup>

Na segunda metade do século XVI, vem à tona, na França, um novo tipo de gênero de poesia, que rapidamente cresceu em popularidade entre os humanistas de então, tanto aos que se dedicavam ao estudo do latim, quanto aos que se debruçavam no estudo da língua materna: as paráfrases dos Salmos.

De 1530 a 1610, os salmos atraem constantemente a atenção. Eles intervêm em muitas situações e são apresentados de diversas formas. Sem entediar os críticos nem os leitores, eles são traduzidos, parafraseados, adaptados e imitados incessantemente. Um acontecimento qualquer, um contexto diferente, uma variação na interpretação, uma formulação inédita são suficientes para justificar o empreendimento, sempre provisório, sempre suscetível de aperfeiçoamentos ou de experiências novas. Tal proliferação, a partir de um texto único, realça claramente condições estéticas e religiosas particulares, distintas dos modos e dos critérios atuais. Por isso, é importante examinar esta vasta produção dentro do quadro especial em que ela se insere, de modo que, em lugar de parecer inconsistente ou diferenciada, ela impõe sua originalidade e necessidade.

As leis da criação e da concorrência literária requerem, sobretudo, um exame sob uma perspectiva histórica. Um poeta da Renascença não procura seduzir por uma invenção

---

<sup>8</sup> Gagnay apud McFarlane, 1972, p. 24.

deliberadamente pessoal. Ele não apresenta sua obra como uma confissão íntima e pouco se preocupa em ilustrar idéias ou formas a todo custo inéditas. Ele se considera, ao contrário, um intérprete de verdades fundamentais que existem à sua volta. Todas elas foram expressas, em suma, pelos mestres do passado, os quais, na função de intermediários entre Deus e os homens, iniciados nos segredos da natureza, expuseram elementos de uma realidade permanente e universal, muito ricas para servir de paradigmas aos artistas menos inspirados. Já que o essencial foi dito e que as idéias, imutáveis, não se inventam, a matéria de um poema novo consiste principalmente em variações em relação aos dados consagrados. Trata-se, portanto, de elaborar, em uma determinada obra, materiais provados e insubstituíveis, só que de maneira mais clara, mais verossímil e mais agradável. É exatamente nestas áreas que o poeta renascentista atua com sua pena. Ele ainda não está livre de enunciar tal noção segundo a sua fantasia: do momento em que ele se propõe a reviver o já conhecido, de dar um valor atual às realidades potenciais, ele obedece a certas convenções e recorre às figuras de retórica, a fim de prender a atenção dos leitores. Ele lança mão de técnicas tão seguras que, aos nossos olhos, ele parece mais um artesão do que um criador.

Nesta perspectiva, a abundância das paráfrases dos salmos parece menos estranha. O salmista deu à poesia religiosa, de uma vez por todas, uma de suas expressões das mais verdadeiras. Inspirar-se em suas obras, transpô-la em termos contemporâneos, é, portanto, agir de maneira perfeitamente válida. Sua mensagem é tão profunda e ilimitada que ela contém, na sua origem, todos os desenvolvimentos possíveis. Sua linguagem é dotada de uma autoridade e de um vigor tal que nada a sobrepõe. Nada mais natural, portanto, que pegar emprestado, em seus versos, os elementos para novos textos. É claro que nunca serão



os mesmos, mas estão muito próximos de uma realidade rica o bastante para suscitar um grande número de imitações.

*Pari passu* às teorias estéticas, certos fatores religiosos dão conta, igualmente, desta profusão de paráfrases, pois Davi não representa apenas a imagem de um excepcional poeta, mas também e, principalmente, da figura do crente por excelência. Ele passa aos fiéis uma imagem aumentada deles mesmos e lhes transmite, ao mesmo tempo, uma mensagem edificante. Seus salmos, segundo uma idéia amplamente difundida, reúnem os ensinamentos de toda a Bíblia. De uma forma agradável, eles contêm todas as recomendações dirigidas por Deus aos cristãos. Por outro lado, eles são tão diversos e tão verdadeiros que seu valor prático nunca falta aos seus propósitos: para cada situação, na vida cotidiana, eles propõem uma solução específica e eficaz. Melhor que qualquer bálsamo, eles amenizam os sofrimentos físicos e os tormentos morais. Testemunham também, pela sua lucidez e justeza, uma penetração exemplar e refletem os segredos mais recônditos de nossa alma. Convidam, portanto, cada fiel a praticar sua própria introspecção, fornecendo, assim, suporte para a prece. O arrependimento e a ação de graças do salmista são dotados de um sentimento universal e assistem o cristão até no mais íntimo da sua vida espiritual.

Um texto que se presta a tantos usos é carregado, no seio das comoções religiosas que afetaram o século XVI, de significados múltiplos e de uma atualidade inesgotável. Ele corresponde tão bem às necessidades do momento que os leitores encontraram nele um eco imediato, e não se cansaram de a ele recorrer. Toda nova versão dos salmos, por mais banal que possa parecer, contém, para eles, mil alusões e responde a circunstâncias especiais. Ela fala uma linguagem secreta, esquecida, que nos convém reconstituir com a ajuda das condições históricas em que ela se insere.

Mas estes dois fatores – valor da limitação na criação literária e multiplicidade de significações religiosas da coletânea de salmos – quase não são suficientes para justificar o interesse testemunhado pelos versos de Davi durante o período renascentista: eles não pertencem propriamente ao século XVI e só legitimam a frequência, a quantidade de paráfrases, sem dar conta da qualidade de cada texto ou do caráter particular de um ou outro empreendimento sucessivo.

O estudo dos quatro períodos que, alternativamente, se interessam pela tradução dos salmos e a maneira com que cada um vê o texto sagrado permite estabelecer, a princípio, em que estado de espírito foram concebidas as paráfrases e a que motivações históricas e culturais elas respondem.

No primeiro período, que vai de 1535 a 1562, aproximadamente, o ambiente religioso é dominado pelo advento do calvinismo e pela lenta sobrevivência do ideal evangélico. Logo, a popularidade dos salmos corresponde claramente às ambições espirituais e litúrgicas que animam estes dois movimentos. O trabalho de Marot nessa área vai ao encontro do programa elaborado por Erasmo, Lefèvre d'Étaples e Marguerite de Navarre, a saber, transmitir à prática dos fiéis uma intensidade nova e dar vigor à mensagem das Escrituras. Comparadas aos salmos em versos franceses da Idade Média e das primeiras décadas do século XVI, livres no tratamento do texto original e indiferente às exigências da leitura, as paráfrases de Marot marcam um progresso considerável. Elas mantêm, com relação às suas origens, uma fidelidade constante, sem nunca negligenciar as leis da clareza. Restabelecem, na sintaxe e na disposição estrófica, as características da poesia hebraica e conseguem seduzir pela sua vivacidade e pela qualidade da sua linguagem. A perspectiva muda no momento em que Calvino se apodera das paráfrases de Marot, pois a partir daí a coletânea francesa de salmos em versos, que será completada por

Bèze, se veste de uma coloração confessional e obedecerá às necessidades dos huguenotes. A coletânea satisfaz a todas as exigências destes, já que ornamenta o culto com textos autenticamente bíblicos e coloca o poder do canto a serviço da fé. Ainda liberada, aos olhos de alguns, de toda função partidária graças as suas origens evangélicas, e já considerada por outros como o emblema do protestantismo, a coletânea, antes mesmo de estar acabada, ia dar impulso novo no sucesso dos salmos. Ela inaugura uma tradição que, entre católicos e reformadores, vai se prolongar para muito além daquele século.

A popularidade da coletânea de salmos, na sua primeira fase, corresponde, portanto, a dois tipos de motivações: uma de ordem religiosa, durante a Pré-Reforma e o advento do calvinismo; a outra de ordem literária, desde o momento em que Marot e Bèze provocam a concorrência e a imitação. Os protestantes, a partir deste momento, providos de uma tradução consagrada pelo sucesso, só retornarão aos poemas do rei Davi para neles se inspirarem livremente ou, na oportunidade, submetê-los a um tratamento particular. Os católicos tomam a vez, seja porque se proponham a preencher uma lacuna, seja porque eles se consagram aos trabalhos eruditos.

O segundo período, que tem como figura principal Baïf, sacrifica a eficácia às pesquisas experimentais. Ela não se importa com o compromisso entre as exigências da tradução e das leis da comunicação: é a restituição rigorosa do original que a atrai, a despeito das convenções poéticas habituais. A singularidade da forma hebraica é resgatada tão fielmente quanto possível, donde a densidade e a tensão que complicam freqüentemente a leitura. A transposição das idéias tende à literalidade, em detrimento das interpretações. É nesta perspectiva que se explica a atenção dirigida aos salmos em seu segundo período. As academias parisienses, entre 1570 e 1590, dedicam-se arduamente às pesquisas eruditas, especialmente no que concerne ao estudo e produção dos salmos. Eles perdem, por isso, seu

caráter edificante e popular, passando a exteriorizar as reflexões e experiências de uma elite social e intelectual. O caráter e as preocupações dominantes do grupo se inspiram nos modelos neoplatônicos que, sob efeito das circunstâncias religiosas, apresentam fortes conotações cristãs. O sincretismo próprio da Renascença atribui-se aqui, portanto, uma função essencial e encontra no estudo da coletânea de salmos as confirmações que ele deseja: entre os mestres do passado, ao mesmo tempo teólogos e poetas, Davi e Orfeu são investidos dos mesmos poderes e representam, talvez, as duas faces complementares de uma figura central comum à tradição judaica e ao patrimônio greco-latino. Os próprios salmos revelam toda espécie de afinidades com a poesia antiga e misturam habitualmente seus materiais aos motivos profanos. As aproximações teóricas e as experiências práticas combinam portanto seus dados para estabelecer que as duas culturas-mães do Ocidente pertencem a um sistema homogêneo. A mesma concepção tem papel importante na aplicação dos salmos ao canto. Os artistas e os eruditos agrupados em torno das Academias se propõem a restaurar os efeitos excepcionais obtidos, na Antiguidade, pela união entre a poesia e a música. As raízes dos salmos são tão profundamente fincadas por esses intelectuais que mesmo mais tarde, quando as pesquisas artísticas e filosóficas são submetidas às considerações morais e religiosas, eles continuam a ser solicitados, graças ao seu valor didático e inspirativo.

Com o advento, na França, da Contra-Reforma, numerosos poetas católicos vão trabalhar, entre 1570 e 1610, na regeneração da literatura devocional, e lhe garantir a intensidade emocional que conclame o espírito do tempo. É nesta atmosfera que vem à tona o terceiro período das coletâneas de salmos. Outros fatores, é certo, contribuem para o seu sucesso: alguns autores protestantes tentam renovar seu estilo e encontram nos versos de Davi o exemplo de uma escrita sugestiva e audaciosa, capaz de exprimir a violência dos

sentimentos e dos acontecimentos. Simultaneamente, o tema literário da penitência adquire, de ambos os lados da barreira confessional, uma importância considerável, razão pela qual o tema se inspira amplamente nos exemplos que lhe fornece o salmista. O dinamismo espiritual que reina durante as últimas décadas do século se reflete, portanto, sob todos os aspectos, na exuberância da poesia religiosa e na exploração livre da lírica hebraica. Esta terceira eclosão traz técnicas bem diferentes. A tradução se liberta, *verbo ad verbum*, a ponto de se confundir com uma adaptação ou uma transposição livre. Tudo se passa como se a paráfrase tivesse extenuado suas virtualidades, no domínio da restituição literal, e procurasse agora penetrar mais adiante, segundo uma fórmula mais flexível, no campo da criação pessoal. Ela se mistura com numerosos elementos heterogêneos, acolhe interpretações inesperadas e se abre a toda sorte de requintes estilísticos; as evocações concretas e as figuras de retórica se multiplicam, na procura de efeitos pitorescos e originais. O Antigo Testamento e a tradição profana juntam seus materiais para assegurar aos salmos franceses a maior expressividade possível; tudo converge para atingir, pelo prestígio da escrita, uma alta tensão emocional, de modo a forçar a adesão do coração e do espírito.

O último período de adaptações inspiradas pela coletânea de salmos segue, superficialmente, o mesmo trajeto do segundo: o original é submetido a várias modificações e o estilo responde às leis de uma estética requintada e segura dos seus meios. Contudo, numa visão mais aprofundada, verificamos que tal semelhança é enganosa. A tradução, nesta fase, não se prende ao texto bíblico, a fim de aumentar seu valor edificante ou seu entendimento espiritual, mas tende a se identificar com a poesia mundana da moda e a rejeitar tudo o que faria dela uma obra propriamente religiosa. O salmo serve como instrumento de bajulação e se reveste de ornamentos vistosos e convencionais. Ele sofre

tanto um excesso de adjunções, quanto uma redução onde sua coerência e sua mensagem se perdem. A paráfrase se presta às pesquisas sofisticadas, carrega-se de uma beleza não funcional. Após várias gerações trabalharem para aclimatar em francês a letra ou a essência dos salmos, os escritores acabam, por volta de 1600, por impor seu gosto, seu toque pessoal ao texto de Davi. As considerações filológicas e religiosas cedem lugar às exigências de qualidade e originalidade. Este contraste justifica a escolha, e até a necessidade, de uma perspectiva histórica no estudo das paráfrases.

#### 4. PARÁFRASES DOS SALMOS EM VERSOS LATINOS

François Bonade foi o precursor deste gênero ao compor, em 1531, na França, a primeira paráfrase completa dos salmos em versos latinos. Antes, porém, os sete Salmos penitenciais (6, 32, 38, 51, 102, 130 e 143) já eram bastante traduzidos e parafrazeados entre os humanistas, como se pode comprovar pela publicação da obra *Metaphrasis psalmorum VII poenitentialium litaniarumque*, de Antonius Giraldinus, *sine data*, mas que, com certeza, veio à luz antes de 1515, ano em que apareceu a sua segunda edição. O gosto pelas paráfrases dos salmos se espalhou entre outros humanistas, tais como Salmon Macrin e Nicolas Bourbon, poetas que conheciam profundamente o grego e com os quais ou com suas obras, acredita-se, Buchanan tenha travado conhecimento. Porém, a obra que veio a impulsionar de vez as paráfrases dos salmos em versos latinos e a influenciar definitivamente o vate escocês foram as paráfrases dos *Psalmi Davidici septuaginta quinque, in lyricos versus, seruata ecclesiasticae uersionis ueritate & Hebraeorum uarietate*, de autoria de Jean Gagnay, publicada em 1547. Segundo o professor James R. Naiden, a julgar pelas edições existentes, as mais completas traduções populares do *Salterium* parecem ter sido aquelas de George Buchanan, Eobanus Hesse, Theodore Bèze, Flaminio-Spinula e Latomus-Nannius. Vale ressaltar que, embora as versões mais populares fossem as produzidas pelos protestantes como os citados acima, podemos encontrar muito bons parafrastas católicos, como Ludovicus Crucius, Bartholomaeus Botta, Angelus de Faggis.

O caminho percorrido pelas paráfrases de Buchanan até a sua composição definitiva permanece desconhecido, uma vez que o próprio autor, na composição *Vita* (sua autobiografia), faz apenas uma breve alusão à composição das paráfrases dos salmos, em

especial, ao tempo em que se encontrava detido no monastério de Xabregas: “Hoc maximo tempore Psalmorum Davidicorum complures vario carminum genere in numeros redegit.”<sup>9</sup>

Antes da edição completa, que só aparece em 1564 ou 1565, dezenove paráfrases de Buchanan já haviam sido publicadas nos *Davidis Psalmi aliquot Latino carmine expressi a quatuor illustribus poetis, quos quatuor regiones, Gallia, Italia, Germania, Scotia, genuerunt*, em 1556, onde encontramos 18 salmos traduzidos por Buchanan. De acordo com Johannes A. Gaertner, Buchanan foi o precursor de um tipo de paráfrase produzida segundo os moldes clássicos: “The classical translation of the century was, after all, if not produced, at least begun by George Buchanan (...)”<sup>10</sup>.

A superioridade de Buchanan sobre os demais parafrastas deve-se, com certeza, ao fato de ele não recorrer a determinados procedimentos literários tão comuns aos seus contemporâneos. Assim, muitos poetas empregam, em excesso, nomes e características de deuses pagãos como *Ceres, Baco, Fortuna, Sors, Fatum*; outros, embora não sejam profundos conhecedores do hebraico, seguem tão de perto o texto original que acabam produzindo uma poesia “capenga”, ou seja, não possui características do latim bíblico nem clássico. Há outros poetas que conhecem profundamente a poesia hebraica, mas que na hora de vertê-la para o latim produzem uma poesia pobre. Por fim, existe ainda um quarto grupo, do qual Bèze faz parte, que, apesar de ter produzido um texto bem elegante, fica a desejar quando comparado ao do poeta escocês, razão pela qual, talvez, o prefácio de sua obra esteja tão cheio de desculpas. Buchanan, pelo contrário, é superior aos acima citados, pois, comparativamente, produziu uma obra livre de clichês, e soube encontrar o fiel da

---

<sup>9</sup> Buchanan apud MacFarlane, p. 22.

<sup>10</sup> GAERTNER, Johannes A. *Latin Verse Translations of the Psalms 1500-1620*. Harvard: in *Theological Review*, XLIX, 1956, p. 278.



balança no que se refere a seguir ou não o texto da Vulgata, pois ora predomina este, principalmente no que diz respeito ao léxico e ao tema; ora os ecos clássicos, no que concerne ao contexto, intertextualidade, vocabulário e, algumas vezes, à temática; muitas vezes, surgem palavras e expressões que nos levam a deduzir que o poeta se preocupou em consultar outras versões em latim, bem como fontes hebraicas, como dicionários e versões dos salmos nesta língua.

Em vida, Buchanan deve ter presenciado cerca de dezesseis edições de suas paráfrases e, antes de o século XVI chegar ao fim, mais doze vieram à luz.

Para concluir este capítulo, vale a pena transcrever as palavras do professor Gaertner: “The history of metrical Latin Bible translations is really the history of Psalm paraphrases in Latin verse.”<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Op. cit. p. 272.

## 5.1. PSALMUS XLII

Este é um Salmo de súplicas que expressa os sentimentos mais íntimos do salmista e comprova a sua confiança em Deus. Quanto à composição, é atribuído aos filhos de Coré, que eram músicos do templo. Segundo Derek Kidner, este salmo retrata “... o lamento de um cantor do templo exilado no norte, perto da nascente do Jordão, que anseia por estar de volta à casa de Deus e que transforma seus anseios em fé resoluto e esperança do próprio Deus”<sup>12</sup>.

2 Non ceruus fluuios sic auet algidos,  
(Ceruus turba canum quem premit) ut tui  
cor desiderio carpitur anxio,  
Rerum conditor optime.

3 Huc me raptat amor dulcis, et impotens  
ardor ferre moras. O niueum diem,  
qui templo reducem me statuet tuo!<sup>13</sup>  
O lucis iubar aureum!

4 Ieiunus lacrimis pro dape se dolor  
pascit, turba meis obuia dum malis  
illudens rogat, Heus iste tuus Deus  
cur nunc deserit exulem?

5 At rursus bonitas quum subiit tua,  
et menti auxilii certa fides tui

---

<sup>12</sup> KIDNER, Derek. *Psalms 1-72: An Introduction and Commentary on books I and II of the Psalms*. Leicester: Inter-Varsity Press, 1981, p. 185.

illuxit trepidae, temporis illius  
me consolor imagine:  
festis quum populus me reducem choris,  
faustisque excipiet uocibus, et Dei,  
pompa cum celebri, me comitatibur  
augusta ad penetralia.

6 Cur me sollicitis teque doloribus  
mens aegra examinas? Pone metum, ac Deo  
te da: quo patriae uindice reditus,  
grates sospes adhuc agam.

7 Haec mentem recreat spes, licet auis  
Iordanis lateam saltibus, Hermonis  
exul dura licet saxa perambulem,  
solis hospita belluis.

8 Quamuis agminibus me mala densius  
omni ex parte premant, quam super horridos  
montes grando sonat, quam mare uerberat  
raucis littora fluctibus:

9 Tu me si placido lumine uideris,  
cedent tristitiae nubila: tetricas  
maeroris tenebras discutiet mihi  
lucis iubar tuae.

10 Laudes interea non mihi nox tuas,

---

non curae impediunt: O columen meum,

(Dicam) et certa salus, ludibrium feris

cur me deseris hostibus?

11 Dirumpor, tacitis aestuat ignibus

pectus, turba meis impia dum malis

insultans rogat: Heus iste tuus Deus

Cur nunc deserit exulem?

12 Cur me sollicitis teque doloribus

mens aegra examinas? Pone metum, ac Deo

te da: quo patriae uindice reditus,

grates laetus adhuc agam.

## TRADUÇÃO

2 O cervo (a quem uma matilha de cães persegue) não deseja tão ardentemente os riachos gelados, quanto o meu coração é tomado pelo ansioso desejo de ti, ó excelente criador de todas as coisas.

3 Para aí o teu doce amor me arrebatou e o teu ardor, que é incapaz de suportar demora. Ó níveo dia, que me colocará a mim, reconduzido, no teu templo! Ó áurea estrela do dia!

4 Em lugar da refeição, a minha dor, em jejum, se alimenta de lágrimas, enquanto a turba, testemunha das minhas desgraças, zombando, pergunta: Olha! Por que esse teu Deus te abandonou agora exilado?

5 Mas quando novamente a tua bondade chega, e a fé, certa de teu auxílio, começa a brilhar para minha agitada alma, consolo-me com a imagem daquele tempo; quando o povo acolherá a mim,

que retorno, com festivos coros, e com alegres vozes, e, com uma célebre pompa me acompanhará até aos santuários sagrados de Deus.

6 Por que atormentas a mim e a ti, ó alma aflita, com inquietações e com dores? Cessa com o teu medo, e entrega-te a Deus, a fim de que, restituído à pátria por este vingador, salvo, eu possa ainda dar-lhe graças.

7 Esta esperança reconforta-me a alma, ainda que eu esteja escondido nos inacessíveis desfiladeiros do Jordão, ainda que eu, exilado, percorra as duras penhas do Hermom, que só as feras acolhe.

8 Ainda que, de todos os lados, as adversidades, mais numerosas do que exércitos, me aflijam, da mesma forma que o granizo ressoa sobre os assustadores montes e o mar castiga as praias com as suas ondas retumbantes,

9 Se tu me contemplares com o teu plácido olhar, cessarão as nuvens da tristeza; o esplendor da tua luz afastará de mim as tétricas trevas da aflição.

10 Entretanto, nem a noite, nem as preocupações me impedirão de te louvar, ó meu sustentáculo, (hei de dizer!) e salvação segura, por que me abandonas ao escárnio dos ferozes inimigos?

11 Estou despedaçado, o meu coração arde em um fogo secreto, enquanto a ímpia turba, insultando-me em minhas desgraças, diz: Olha! Por que esse teu Deus abandona agora um exilado?

12 Por que atormentas a mim e a ti, ó alma aflita, com inquietações e com dores? Cessa com o teu medo e entrega-te a Deus, a fim de que, restituído à pátria por este vingador, alegre, eu possa ainda dar-lhe graças.

## COMENTÁRIOS

Buchanan, ao iniciar o segundo livro de sua composição, recorre a uma figura de linguagem, a lítotes, e mantém a figura do mesmo animal presente no texto da Vulgata: *ceruus*. A imagem deste animal, que é uma criatura frágil e que, apesar de veloz, é de fácil abate, é bem propícia para o contexto deste salmo. Fica bem claro aqui também a própria situação do poeta escocês no mosteiro de Xabregas: um ser indefeso, perseguido e finalmente encurralado por seus opressores. É o poeta exteriorizando, assim como o salmista, o seu estado de alma: injustiçado, saudoso e sentindo na pele a dor da solidão. Assim, aquela situação leva o eu poético, assim como o músico sacro, a desejar mais ainda a presença de Deus em sua vida.

Já no segundo verso, aparece, no sintagma *turba canum quem*, o primeiro eco clássico deste trabalho, inspirado no poeta Ovídio "... quem turba canum..." (Met. IV, 723). No vocativo *Rerum conditor optime*, encontramos uma das características estilísticas mais marcantes do humanista nesta obra, a saber, a presença abundante de epítetos pagãos para designar o Deus cristão. Muitos deles, como veremos no decorrer deste trabalho, são advindos de deuses pagãos (Júpiter, em especial). Este expediente não é uma criação renascentista, pois, como se sabe, desde os séculos IV e V autores cristãos, como Prudêncio, já faziam uso deste recurso.

O emprego anafórico de *ceruus*, ainda na primeira estrofe, é mais uma das marcas estilísticas de Buchanan. Muitas vezes, como ocorre aqui, para retomar um termo já mencionado, o poeta, em lugar de substituí-lo por um pronome ou um sinônimo, prefere repeti-lo.

O latim da Vulgata, que já se afastara em demasia do latim clássico, faz uso nada moderado dos pronomes, percorrendo, assim, um caminho que vai ter como desfecho as línguas neolatinas. No caso das paráfrases, por serem escritas segundo o modelo clássico, os pronomes aparecem em número bem inferior ao do texto sacro. Neste salmo, porém, e no salmo que se segue, os pronomes

oblíquos e possessivos aparecem em número superior ao das demais paráfrases. Com certeza isso se deve ao fato de a função emotiva ser predominante nestas duas paráfrases, o que evidencia a presença do eu poético.

O emprego abundante de adjetivos, que se prestam a dar vida e cor às coisas e aos seres, é uma marca bastante presente em todo o livro II, diferenciando-o, assim, do original latino e hebraico, que apenas nomeiam os substantivos, sem se preocuparem em caracterizá-los. Assim temos: **niueum** diem, iubar **aureum**, **festis** choris, pompa **celebri** etc.

As paráfrases não são apenas meros exercícios literários, mas também uma tentativa da parte do autor de explicar e de esclarecer, para o leitor do texto bíblico, passagens que, no original latino, eram de difícil entendimento, principalmente por serem muito literais. É o que ocorre, por exemplo, no final do verso três, que, na Vulgata, assim se apresenta:

“... et apparebo ante faciem Dei?”.

Ao fazer uma tradução meramente literal, o texto bíblico não deixa claro o significado do hebraísmo “aparecer diante da face de Deus?” Ao consultarmos, porém, a Bíblia de Jerusalém, encontramos ali uma explicação que vai ao encontro do verso buchanano, pois aquela versão assim explica a expressão em estudo: “...visitar seu (de Deus) santuário, o Templo de Jerusalém”, expressão esta coerente com a da paráfrase: “me colocará a mim, reconduzido, no teu templo!”.

Ainda na terceira estrofe, o autor mostra a sua preferência pelo acusativo exclamativo – *niueum diem* – que, além de vir acompanhado da interjeição *Ō*, pode ser precedido ainda pelas interjeições *edepol*, *ecastor*, *hercle*, etc. Vale ressaltar que apesar de o parafrasta andar o tempo todo na fronteira que separa um idioma pagão de um tema cristão, ele, em momento algum, se deixa levar por inteiro por um dos dois lados, o que vem a se comprovar pela interjeição escolhida por ele.

Ao substituir *anima* (Vulgata), que pode significar “ar”, “vida”, “espírito”, sendo por isso uma palavra polissêmica, por *cor*, o poeta procura esclarecer o real significado da palavra *anima* neste contexto. Conotativamente falando, o *index* da Vulg. define “coração” como a “sedes vitae corporeae spiritualis sive in cognoscendo sive in volendo sive in sentiendo”<sup>14</sup>, sendo, por isso, o espectro das emoções da alma humana.

Na estrofe de número quatro, Buchanan, na condição de exilado, se coloca na mesma posição do salmista. Deste modo, percebemos que além de identificar-se com os sentimentos do poeta sacro, o vate renascentista busca, ao empregar a palavra “exilado”, deixar o texto mais claro que o original, pois embora esteja explícita a condição de exilado do poeta bíblico neste salmo, em momento algum encontramos ali a palavra *exul*. Ainda aqui, merece destaque a idéia de que as lágrimas servem de alimento na hora de amargura. Este pensamento não se prende apenas ao contexto bíblico, mas encontra acolhida também na mente greco-latina, conforme exemplo de Ovídio: “... cura dolorque animi lacrimaeque alimenta fuere.” (Met. X, 75).

Ainda nesta estrofe, verificamos que o coletivo *turba* não aparece no texto da Vulgata:

“...Quoniam transibo in locum tabernaculi...”

mas é ratificado por duas outras versões:

ARA: “... de como eu passava com a multidão de povo...”;

NVL: “Quomodo incesserim in turba,...”

Na quinta e sexta estrofes, assim como em toda esta obra, o poeta, seguindo a Vulgata, que por sua vez segue a sintaxe hebraica, faz uso do polissíndeto. A conjunção mais empregada é com certeza a copulativa *et*.

Embora siga, como já dissemos, o texto bíblico na sintaxe e conseqüentemente na figura de linguagem, o vate escocês, em razão de seguir o latim clássico, é menos econômico no emprego

---

<sup>14</sup> Op. cit. p. 1205.



dos conectivos, pois, além de *et*, recorre muitas vezes aos conectivos *ac* (*ac Deo te da*, sexta estrofe) e *-que*, os quais, seguindo o esquema de Coseriu, indicam, respectivamente, adição; adição + unidade; e adição + unidade + equivalência. Além do exposto, vale lembrar que o uso excessivo destes conectivos por parte dos poetas renascentistas muitas vezes se dava apenas por questões métricas: “Englishman’s point is not badly taken, because these particles often are used by neo-latin poets as simple expedients to make up a correct meter.”<sup>15</sup>

Buchanan, na busca de dar feições clássicas ao seu texto, foge, muitas vezes, do vocabulário já consagrado pela língua da Igreja, como ocorre na sexta estrofe. Nesta passagem, na Vulgata, encontramos o verbo *confitebor*, que, no latim clássico significava “confessar”, “declarar”, mas que, por influência da religião cristã, passou a significar, no latim da Igreja, “louvar”, “celebrar”. O poeta, ao contrário, prefere a forma *grates agam*, expressão ritual já em voga no período clássico e de uso corrente entre os pagãos para agradecer aos seus deuses, como podemos comprovar neste exemplo de Plauto: “... ut Ephesiae Dianae lauta laudes gratesque agam”. (Mil. 2, 5, 2). Ainda nesta estrofe, merece destaque a presença do estribilho, que vai reaparecer na décima segunda. Embora siga o original no que concerne ao emprego do estribilho, o poeta não se limita apenas em repeti-lo como faz o salmista, mas busca inovar sempre na sua segunda aparição. Assim, ao retomá-lo no último verso, ele substitui o adjetivo *sospes* (6<sup>a</sup>) por *laetus*. Na interrogação *Cur me sollicitis teque doloribus mens aegra exanimas?*, que aparece no estribilho, ressoa a voz do poeta que mais influenciou o vate escocês, Horácio. No Carminum Liber II, carmen XVII, logo no primeiro verso, o célebre poeta assim se dirige a Mecenas: “Cur me querelis exanimas tuis?” Como podemos perceber, os textos são bem parecidos, havendo aqui apenas a alteração da ordem do verbo *exanimas* e a exclusão do sintagma nominal *querelis tuis*.

---

<sup>15</sup> GAERTNER, Johannes A. *Latin Verse Translations of the Psalms 1500-1620*. Harvard: in *Theological Review*, XLIX, 1956, p.284.

Ainda no estribilho, merece destaque a substituição de *mens* por *anima* (Vulgata), o que é uma constante não apenas nesta paráfrase, mas em todo o livro dois. Isto ocorre pelo fato de uma das acepções de *mens*, assim como *anima* em algumas passagens bíblicas, é a de ser a *sedes affectionum*, exteriorizando, assim, o estado de espírito em que se encontra o poeta.

A camena clássica ecoa mais uma vez na nona estrofe, onde a construção *placido lumine uideris* foi transcrita, *ipsis litteris*, do Liber Carminum IV, carmen III, v. 2, do poeta Horácio, não havendo nem mesmo alteração da ordem, como ocorreu com os dois exemplos anteriores.

Quanto à ordem de colocação das palavras, o autor tem por hábito intercalar um termo entre um determinante e o seu determinado ou vice-versa, como explica o professor McFarlane: “...with its altered order, reflects Buchanan’s liking elsewhere for separating two words that agree with each other.”<sup>16</sup> Vejamos alguns exemplos presentes neste salmo: 2<sup>a</sup>: fluuios ... algidos; 5<sup>a</sup>: bonitas ... tua; faustis ... uocibus; 9<sup>a</sup>: lucis ... tuae; na décima primeira estrofe esta marca estilística aparece em duplicata: ...turba ... impia e meis ... malis.

Na décima estrofe encontramos pela primeira vez o vocábulo *hostis*, que primeiramente veio a significar “estrangeiro”, depois “hostil” e, por fim, “inimigo público” em oposição a *inimicus*, “inimigo privado”. Destacamos esta palavra pelo fato de ser ela bastante corrente na obra de Buchanan em substituição a *inimicus*, palavra preferida pela Vulgata. Quanto ao emprego delas, vale lembrar que no período imperial e na poesia já não havia distinção entre as duas formas, razão pela qual, para “inimigo”, ora se usava *hostis*, ora *inimicus*.

Na décima primeira estrofe, a preferência pelo particípio presente *insultans* em oposição à Vulgata, que emprega o pretérito perfeito (*exprobrauerunt*), com certeza também não foi aleatória, uma vez que três das quatro versões consultadas testificam essa raiz verbal:

---

<sup>16</sup> Op. cit. p 25.

ARA: “...quando os meus adversários me insultam,...”;

BJ: “... meus opressores me insultam,...”;

NVL: “...dum insultant mihi aduersarii mei,...”.

Da Vulgata apenas cinco termos foram mantidos na paráfrase: dos quais *ceruus* é encontrado no primeiro versículo:

“Quemadmodum desiderat ceruus...”

No versículo quatro, *lacrimis*:

“Fuerunt mihi lacrimae...”

O vocábulo *uocibus* se encontra no versículo cinco:

“... In uoce exsultationis et...”

No versículo sete encontramos *Iordanis* e *Hermonis*:

“... Propterea memor erro tui de terra Iordanis, et Hermoniim a monte modico.”

## 5.2. PSALMUS XLIII

Embora esteja separado do salmo anterior, este salmo é, na verdade, a continuação do salmo 42, constituindo assim um único poema com aquele, o que se comprova principalmente pela presença de um mesmo solilóquio para ambos os salmos: “Et quare tristis incedo, dum affligit me inimicus?”, assim como o mesmo estribilho: “Quare tristis es, anima mea? Et quare conturbas me? Spera in Deo, quoniam adhuc confitebor illi, Salutare uultus mei, et Deus meus.”

1 Vindex esto mihi Deus,  
et patrocínio protege me tuo,  
oppressum scelere impio:  
et fraudum laqueos frange nefarios.

2 Vitae o praesidium meae,  
cur me praesidio destituis tuo?  
Cur luctu uagor obsitus,  
dum saeuae furias uito tyrannidis?

3 Profer lumen opis tuae:  
montem pande uiam quae ferat ad tuum:  
montem, quam proprie domum  
maiestate tui numinis incolis.

4 Atque aram adueniam ad tuam,  
ac te, laetitiae materiam meae:  
et grata cithara tibi  
grates laetus agam, conditor optime.

5 Cur maeres anime anxie,  
ac me sollicito pectore maceras?  
Omnem pone metum, ac Deo  
curam crede tui, quem super aethera  
cantu sospes adhuc feram,  
quum saluus patriae reddar amabili.

### TRADUÇÃO

- 1 Sê o meu defensor, ó Deus, e guarda a mim, oprimido pela impiedade criminosa, com a tua proteção; e rompe os laços abomináveis das fraudes.
- 2 Ó refúgio da minha vida, por que me afastas da tua proteção? Por que ando coberto de lamento, enquanto fujo do furor de uma tirania cruel?
- 3 Mostra a luz do teu poder, abre o caminho que me conduza ao teu monte, casa, onde propriamente habitas com a majestade da tua divindade.
- 4 Então me achegarei ao teu altar, e a ti, motivo da minha alegria; e hei de, feliz, agradecer-te com a agradável cítara, ó excelente criador.
- 5 Por que estás triste, ó alma inquieta, e por que me afliges com um coração atormentado? Cessa com todo teu medo e confia os teus cuidados a Deus; a ele, salvo, ainda hei de dar graças com um canto acima dos céus, quando, seguro, voltar à minha querida pátria.

## COMENTÁRIOS

Logo no primeiro verso, percebe-se que o escocês vai além do texto bíblico, aproximando-se, por isso, mais do texto hebraico do que o original latino. A vulgata, ao empregar o verbo *iudica*, deixa em aberto a posição do juiz e o resultado da sentença. Buchanan, ao fazer uso de um termo próprio do Direito Romano e que já estava presente na Lei das XII tábuas, busca, com certeza, aproximar-se mais do original hebraico, שפוט (shapat), cuja raiz verbal corresponde ao verbo latino *vindicare*, que, por sua vez, é derivado de *vindex*, “protetor”, “defensor”, “vingador”, ficando a cargo de Deus duas funções: a de advogado do salmista e, após a sentença ser promulgada por ele mesmo, a de vingador.

Faz-se presente também, na primeira estrofe, a aliteração do fonema /p/, que coloca de um lado a proteção do exilado, *patrocinio protege me*; e de outro, aquilo que o aflige: *oppressum scelere impio*.

Ainda nesta estrofe, a mesma figura é empregada com a intenção de representar o som do rompimento dos laços que prendiam o exilado: **fra**udum, laqueos **fr**ange nefarios.

Na segunda estrofe encontramos a palavra *praesidium* (*fortitudo*, na Vulgata), que, com certeza, está mais em consonância com o texto hebraico do que com o texto latino, pois tem o mesmo significado de מצודה (ma’ôz), que, traduzido, significa “lugar de força”, “fortaleza”, “refúgio”.

No último verso desta estrofe encontramos a conjunção temporal *dum*, que, com certeza, foi copilada da Vulg., mas que também é atestada pela BJ e pela ARA:

“... dum affligit me inimicus?”

Uma das características estilísticas de Buchanan, como já vimos no Salmo 42, é a de retomar uma entidade por meio dela mesma e não pelo emprego de um sinônimo, pronome ou de

qualquer outra expressão que venha a substituir o termo anteriormente mencionado, como ocorre com *ceruus ... ceruus*, no salmo anterior, e aqui com *montem ... montem*, que é também outro vocábulo tomado de empréstimo à Vulgata para a composição da paráfrase.

No que concerne ao monte Sião, cabe aqui uma análise geográfico-religiosa. A própria etimologia da palavra já é algo de conforto para o exilado: “lugar de defesa, fortaleza”, do hebraico *tsiyon*. Sião é a elevação fortificada entre os vales do Cedrom e do Tiropoen, que Davi capturou, tomando-a dos jebuseus. Mais tarde ficou conhecida como a cidade de Davi.

Quanto à declaração de que Sião é o “... montem, quam proprie domum /Majestate tui numinis *incolis*.”, embora não esteja na passagem bíblica em estudo, ela está em total consonância com o contexto veterotestamentário, pois desde que o templo de Salomão foi construído sobre o monte Sião, ele passou a ser o centro da atividade de Javé, sendo, por isso, identificado como o lugar onde ele habita, como testifica o profeta Isaías:

“... Ad locum nominis Domini exercituum, montem Sion.” (18:8).

No que se refere ao original latino (versículo 3), o humanista faz as seguintes modificações:

Buchanan: *Profer lumen opis tuae: montem pande viam quae ferat ad tuum;*...

Vulgata: *Emitte lucem tuam et veritatem tuam; ipsae me deduxerunt, et adduxerunt in montem sanctum tuum, ...*

Ao compararmos as duas versões, verificamos, mais uma vez, que a paráfrase não é um mero passatempo literário, mas que há, por parte do autor, uma preocupação em deixar o texto mais claro e coerente. Assim, ao atentarmos para o texto de Jerônimo, verificamos que há uma certa confusão quanto ao emprego dos verbos *deduxerunt* e *adduxerunt* no pretérito perfeito, pois, ao confrontarmos o tempo em que estas formas verbais se encontram com o contexto temporal em que estão inseridos, verificamos que as formas apropriadas deveriam estar no futuro imperfeito ou presente do subjuntivo, como testificam a *Nova Versio Latina* (*ducant* e *adducant*) e também a

Neovulgata (*deducant* e *adducant*), ratificando, assim, a forma verbal escolhida por Buchanan, a saber, *ferat*. A confusão temporal presente na Vulgata ocorre pelo fato de esta versão seguir, como já dissemos, a Septuaginta, que, por sua vez, tem dificuldade de passar para o grego o simplificado sistema verbal hebraico, conforme explica o professor Ford:

*Moreover, the tense system of the Hebrew verb, with only the present and the past in the indicative mood and a single-tense imperative, did not translate readily into the far more precise Greek and Latin systems, and it was left largely to the translator to decide whether the pas, present, or future was being referred to.<sup>17</sup>*

Na quarta estrofe, o vate, na busca de um texto mais coeso e menos repetitivo, substitui a palavra *Deus*, que aparece por duas vezes no original latino, pelos pronomes *tuam* e *te*.

Ainda nesta estrofe, deve-se fazer a distinção entre *ara*, aqui empregada, e *altare*, presente na Vulgata. *Altare*, forma rara e tardia, foi a preferida pela língua da Igreja e designava a parte mais alta da *ara* que, – oriunda do grego  $\alpha\iota\rho\omega$ , “levantar”, “erguer” –, representava o altar como um todo.

Cabe destacar como se encontra a segunda parte do versículo 4 na Vulgata:

“...Ad Deum, qui laetificat iuventutem meam...”

A distinção existente entre o texto da paráfrase e o apresentado acima se deve, com certeza, ao fato de o texto do escocês estar mais próximo de outra versão de sua época, o que se comprova principalmente pelas versões da Neovulgata e da *Nova Versio Latina*, cujo texto assim se apresenta:

“... Ad Deum laetitiae et exultationis meae,...”

---

<sup>17</sup> Op. cit. p.95.



Vemos, então, que as duas versões dispõem as palavras *laetitiae* e *meae* na mesma ordem e caso da paráfrase. Para corroborar ainda mais a construção da paráfrase, a SE assim comenta esta passagem: “El TM dice ‘de alegria de mi júbilo’ (smht gyly)”<sup>18</sup>.

Epítetos pagãos para designar o Deus cristão é uma marca bastante presente nos autores renascentistas e que, como já dissemos, remonta aos primeiros séculos da era cristã. Como este salmo é na verdade a continuação do anterior, não causa estranhamento, portanto, a presença mais uma vez do epíteto *conditor optime*.

Os dois primeiros versos da última estrofe parecem ter sido inspirados no comediógrafo Terêncio ( And. 886 sq.):

“quor me macero?/quor meam senectutem ...sollicito?”

Novamente, no último verso, o poeta, ao se identificar com a situação do salmista, procura dar mais clareza ao texto, uma vez que não apresenta apenas a situação melancólica em que se encontrava o exilado e a esperança de voltar a celebrar ao seu Deus, mas aborda também o desejo do salmista de retornar a sua pátria, tema este apenas subentendido no versículo bíblico.

---

<sup>18</sup> LA SAGRADA ESCRITURA: Antiguo Testamento IV, texto y comentario de Los Salmos y los Libros salomónicos. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, MCMLXIX. p. 177.

### 5.3. PSALMUS XLIV

Encontramos, neste Salmo, mais um cântico de súplicas, que pode ser classificado como uma elegia nacional. Nele encontramos duas situações antagônicas vividas pelo povo de Deus: de um lado, os triunfos do povo hebreu e as maravilhas realizadas por Deus no meio do seu povo no passado e, de outro, um presente de humilhação e vergonha, fato este que talvez se refira à ruína de Jerusalém em 587 a.C.

2 Vetusta ad aures fama nostras attulit,  
serisque patres posteris

stupenda facta tradidere a te, Deus,  
patrata priscis saeculis:

3 Eliminatis quum profanis gentibus,  
et incolis prioribus,  
eorum labore fructibusque perfrui  
nostris dedisti patribus.

4 Certe nec armis lucidis, nec uiribus  
debemus has uictorias;  
sed nos fauoris aura mollis et tua  
protexit indulgentia.

5 Ergo, salutis auctor unice, o Deus,  
ades piis salutifer.

6 Te dante vires, hostium ferociam

tam facile profligabimus,

taurus minaci quam iacit cornu pilas,

stipulaeue fascies aridae.

Superba Regum colla crasso in puluere

prostrata conculcabitur.

7 Non arcus istam letifer fiduciam,

non mucro saeuus ingerit:

8 Tu nos ab hoste subtrahes, sternes solo

infensa nobis agmina.

9 Non ergo semper jure te cantabimus

nostrae salutis uindicem?

Ac donec orbis astra uoluet ignea,

te prosequemur laudibus?

10 At nunc relictos obicis ferocium

iniuriae nos hostium,

nec prodīs ante nostra ductor agmina,

qualis solebas antea.

11 Hosti imminenti terga cogis uertere,

praedaeque das prementibus.

12 Pecus ut macello destinata, exponimur

caedentium libidini.

Omnesque terras barbararum gentium

errore complemus uago.

13 Venum dedisti nos palam, nec auctio

te ditioem reddidit.

14 Vicina nostris oppida insultant malis,

15 cladesque rident; fabula

sumus profanis nationibus: caput

motant, labella exporrigunt.

16 Oculis oberrat usque contumelia,

pudorque uultus inficit:

17 Dum uoce acerba iniurias exasperat,

minasque torvas adicit

18 Hostis proteruus. Obruti tot cladibus,

tot undequaque instantibus,

tamen nec unquam est animus oblitus tui,

tecumque pacti foederis:

19 Sese nec ullis territus periculis

auertit aut flexit uia

20 Recta pes: etsi penitus abiecti interim

abs te: licet draconibus

immitioris gentis addicti iugo,

feramus umbram ergastuli;

et seruitutem lugeamus, et necem

uitae precemur taedio.

21 Iniqua meritis si tuis obliuia

offuderint se mentibus

nostris, manusue supplices protendimus

diis impiarum gentium;

22 Id te lateret, abditas qui pectoris

prorsus latebras inspicias?

23 Te propter, odio caeteris populis sumus,

et instar ouium caedimur.

In te fauoris pendimus poenas: tui

amoris odia nos premunt.

24 Exsurge, similem somnulentiae moram

salutis auctor corripe.

25 Cur ora condis, immemorque negligis

tuos malis in ultimis?

Afflictus animus, et malis praesentibus

lassus, futuris anxius,

26 Succumbit oneri: strata tabescunt humi

defecta membra uiribus.

27 Exsurge genitor, et uigore corporis

animique cassos subleua:

clemens bonusque nos ab hostis impii

immanitate libera.

## TRADUÇÃO

2 A tua antiga fama trouxe aos nossos ouvidos, e nossos pais nos contaram nos últimos dias os admiráveis feitos advindos de ti, ó Deus, os (feitos) realizados nos tempos antigos;

3 Quando, após teres expulsado as nações profanas e os primeiros habitantes, concedeste aos nossos pais gozar de seu trabalho e do fruto dele.

4 Com certeza, não devemos estas vitórias às nossas brilhantes armas, nem às nossas forças; mas nos protegeu a brisa agradável do teu favor e a tua indulgência.

5 Por isso, estás presente, ó Deus, único autor da nossa salvação, que traz salvação aos piedosos.

6 Fortalecendo-nos tu, abateremos tão facilmente a ferocidade dos nossos inimigos, quanto um touro derruba, com seu chifre ameaçador, os molhos ou os feixes da seca palha. Pisaremos, prostrados no grosso pó, os soberbos pescoços dos reis.

7 Nem o mortífero arco, nem a cruel espada trazem essa confiança:

8 Tu hás de nos afastar do nosso inimigo, derrubarás ao chão as tropas inimigas.

9 Acaso, com tua permissão, não cantaremos sempre o defensor da nossa salvação? Acaso não te buscaremos com louvores, até que a terra afaste os astros ígneos?

10 Mas agora tu nos expões a nós, abandonados, às ofensas dos nossos ferozes inimigos, e não te colocas à frente das nossas tropas, ó comandante, como costumavas fazer anteriormente.

11 Obriga-nos a dar às costas ao inimigo que se precipita, e dás-nos, como presa, aos que nos oprimem.

12 Somos expostos, como o gado destinado ao mercado, ao bel-prazer dos seus abatedores. E enchemos todas as terras das nações bárbaras com uma errância sem destino.

13 Vendeste-nos publicamente, mas a nossa venda não te fez mais rico.

14 As cidades vizinhas insultam-nos em nossas desgraças,

15 riem das nossas ruínas; somos fábula entre as nações profanas; balançam a cabeça, abrem os lábios.

16 Continuamente a afronta está diante dos meus olhos e a vergonha do meu rosto toma conta de mim;

17 Enquanto o violento inimigo grita insultos contra mim com a voz áspera e lança ameaças terríveis.

18 Mesmo cobertos de tantas desgraças, tantas perseguições por todos os lados, contudo a minha alma nunca se esqueceu de ti, e do pacto de aliança (que fez) contigo.

19 O nosso pé, aterrorizado por alguns perigos, não se afastou ou se desviou do teu reto caminho;  
20 embora durante algum tempo estejamos afastados inteiramente de ti, ainda que sejamos condenados aos chacais e ao jugo de cruéis nações, suportemos a sombra da prisão; choremos a servidão e supliquemos, por causa do cansaço da vida, a morte.

21 Se os esquecimentos infelizes dos teus favores penetrarem em nossas mentes, ou estendermos as mãos suplicantes aos deuses das ímpias nações;

22 Acaso poderia ser isto ocultado a ti que examinas completamente os recantos ocultos do coração?

23 Por tua causa, somos motivo de ódio para os outros povos, e somos mortos como se fôssemos ovelhas. Por ti pagamos as penas do teu favor; o ódio ao teu amor nos oprime.

24 Desperta, autor da nossa salvação, abrevia a demora que se assemelha à sonolência.

25 Por que ocultas a tua face, e, esquecido, abandonas os teus a terríveis males? O nosso espírito abatido, cansado dos males presentes e atormentado pelo que há de acontecer,

26 sucumbe ao peso; os membros, desprovidos de forças e prostrados ao chão, perecem.

27 Levanta-te, Nosso Genitor, e por meio do vigor do corpo e do espírito, a nós, fatigados, reergue; (tu que és) clemente e bom, livra-nos da crueldade do ímpio inimigo.

## COMENTÁRIOS

O poeta escocês, logo no primeiro verso, a exemplo do original, recorre a um tipo de construção bastante comum aos livros poéticos da Bíblia e, em especial, ao livro de Salmos: o *parallelismus membrorum*. Aqui aparece o chamado paralelismo sinonímico, em que a mesma idéia – os feitos grandiosos realizados por Deus no passado – é repetida em diferentes palavras. Ainda neste verso, para falar dos antepassados que narraram os feitos grandiosos de Deus, o poeta recorre ao texto bíblico e transcreve deste o substantivo *patres*.

Na terceira estrofe, o poeta, seguindo a Vulgata, mantém a palavra *gens, -tis*:

“Manus tua gentes disperdidit, et plantasti eos; afflixisti populos et expulisti eos;” .

Neste verso, embora o poeta fuja do paralelismo bíblico, fica claro, pela presença da palavra *gentibus*, pelo contexto e pela empatia de sentimentos entre o texto bíblico e a paráfrase, que ele não envereda pelo caminho dos clássicos. O substantivo *gens, gentis*, à época imperial, servia para designar nações estrangeiras ou estrangeiros em oposição ao povo romano; já no latim cristão – e é neste sentido que Buchanan o emprega – prestava-se a designar, no Velho Testamento, todo e qualquer povo que não fazia parte do povo judeu (os gentios), e que tinha como correspondente grego τὰ Ἐθνη, os pagãos, que, por sua vez, equivale ao hebraico גוֹי (*goi*).

Na quinta estrofe, encontramos mais uma alusão ao texto bíblico, agora no que diz respeito ao emprego do vocábulo *salus, -utis*, que assim se encontra na Vulgata:

“... Qui mandas salutes Iacob.”

Vemos, então, que para expressar a frase *mandas salutes*, o poeta recorreu a um adjetivo composto, *salutifer*, que traz em sua formação *salus*, mesmo radical do texto bíblico, e *fer*, “que leva”, “que conduz”, estando, assim, em consonância com o texto sacro.



Pelo exposto acima, percebe-se que o autor da paráfrase se preocupa em manter a coerência temporal dos versículos anteriores, uma vez que a partir da sexta estrofe, após narrar os feitos gloriosos operados por Deus no tempo de seus antepassados, o salmista, fortalecido pelas narrativas, pede agora auxílio (verbo no futuro imperfeito) ao seu Vingador para, num futuro próximo, vingar-se de seus inimigos.

Na sexta estrofe, embora o vocábulo *cornu*, que também se encontra na Vulgata no mesmo caso, apareça, semanticamente seu valor difere totalmente daquele presente nesta paráfrase. No contexto bíblico, “chifre” simboliza “força” e “autoridade”. Na paráfrase, porém, ele é meramente uma das partes do corpo do touro, não possuindo, portanto, nenhuma conotação bíblica. O que há nesta passagem é uma alusão a uma cena bem peculiar aos romanos, mas totalmente estranha ao contexto veterotestamentário: a imagem de um touro nos espetáculos públicos em Roma, onde os espectadores, na tentativa de atormentá-lo, atiravam *pilae* em direção àquelas feras, conforme testifica Marcial: “quantus erat cornu, cui pila taurus erat!” (Spect. 19, 2).

Parece-nos, ainda nesta estrofe, que a expressão *colla in pulvere* foi colhida nos campos clássicos, uma vez que ela é encontrada na obra do poeta predileto de Buchanan: Horácio. Assim, para falar da vitória do fraco sobre os ricos soberbos, ele deve ter se inspirado na passagem “...collum in pulvere Teucro.” (Liber IV, ode 6, vv.11, 12).

Na sétima estrofe, encontramos a declaração do salmista de que a sua confiança não está nas armas, mas no seu Deus. Para designar a primeira arma, o poeta emprega a mesma palavra das Escrituras, *arcus*, só que acompanhada do adjetivo *letifer*. Esta construção provavelmente foi tomada de empréstimo à Eneida, 10, 169: “... et letifer arcus.”

Cabe ressaltar, ainda nesta estrofe, a distinção entre *gladius* (Vulgata) e *muco* (paráfrase). A primeira é uma palavra de uso corrente na prosa e na poesia latina, em oposição à *ensis*, de

emprego literário, e que estava restrita apenas à poesia; a segunda, *mucro*, era uma parte da espada, sua ponta e, por metonímia, a própria espada.

Merece destaque, na oitava estrofe, o fato de o parafrasta ter escolhido um tempo distinto do apresentado pela Vulgata (versículo oito):

Buchanan: “Tu nos ab hoste subtrahes, sternes solo infensa nobis agmina.”

Vulgata: “Salvasti enim nos de affligentibus nos, et odientes nos confudisti.”

Acreditamos que a escolha feita por Buchanan tem como base o fato de que a Vulgata passa, a partir do versículo seis, a empregar todos os verbos no futuro imperfeito, só aparecendo o pretérito perfeito no versículo acima. O comentário da SE, embora se refira ao versículo anterior, também serve de reforço à escolha de Buchanan: “En cambio, *espada* y *arco*, en v. 7, son frases de confianza para el futuro, mientras las de v. 4 eran de fe o recuerdo del pasado.”<sup>19</sup>

A frase *Ac donec orbis astra volvet ígnea* (nona estrofe) além de ser mais poética do que “tota die” (vulgata), traz também consigo uma idéia de eternidade.

Da décima à décima sexta estrofe, há uma forte oposição a tudo o que foi dito antes pelo salmista, pois após ter cantado um passado glorioso, ele entoava agora um cântico melancólico por um presente desastroso e assustador.

Na décima terceira estrofe, o adjetivo no grau comparativo, *ditiozem*, é o mesmo presente no texto da Neovulgata, *ditior*, sendo o caso a única distinção entre eles. Ainda aqui merece destaque a oposição entre *Venum dedisti* e *Vendidisti* (Vulgata). O segundo verbo é a forma contraída do primeiro, a qual deve ter sido escolhida por questões métricas, uma vez que o verso precisaria começar com duas longas.

O substantivo *fabula* (15<sup>a</sup> estrofe) está, com certeza, mais próximo do texto hebraico do que o termo *similitudo* (Vulgata). O vocábulo hebraico usado aqui é מַשַּׁל (*mashal*), que, dentre as suas

muitas acepções, destacamos: “similitudo” e “fabula”. A primeira, embora seja uma das possíveis traduções literais da palavra hebraica, não é a melhor tradução no que concerne ao contexto em que ela está inserida, razão pela qual, a *Nova Versio Latina*, indo ao encontro do texto de Buchanan, prefere o vocábulo *fabula*. Na verdade, neste contexto, “fábula” está, conforme definição da própria Vulgata, *pro irrisione et proverbio usurpatur*<sup>20</sup>, refletindo, assim, a situação do povo de Deus diante dos povos pagãos, ou seja, estes fazem gracejos, mangam, com suas narrativas, do povo escolhido. Acrescente-se a isso o comentário do DIT: “Na mesma linha de pensamento, observem-se passagens em que *mashal* tem o sentido de ‘motivo de zombaria’: Salmos 44.14 [15];”<sup>21</sup>

A parte b do versículo dezessete assim aparece na NVL:

“Propter inimicum et hostem.”

Percebemos, então, que, embora apareça a oposição entre *inimicum* e *hostem*, a presença deste último nesta versão mostra a preferência — assim como no texto de Buchanan — por *hostis* em detrimento de *inimicus*.

Vejamos agora a ocorrência deste versículo na Vulgata:

“A uoce exprobrantis et obloquentis,...”

No que se refere ao versículo acima, percebemos que o poeta transcreve do texto bíblico o ablativo *uoce*. Porém, se compararmos a tradução da paráfrase com a da Vulgata, veremos que a primeira é bem mais inteligível que a segunda:

Paráfrase: “Enquanto o violento inimigo grita insultos contra mim com a voz áspera e lança ameaças terríveis.”

---

<sup>19</sup> Op. cit. p. 179.

<sup>20</sup> Op. cit. p. 1209

<sup>21</sup> HARRIS, R. Laird, Jr, Gleason L. Archer, Waltke, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia – Antigo Testamento*. Tradução de Márcio L. Redondo, Luiz A T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo, Vida Nova, 1998, p. 1208.

Vulgata: Pela voz (gritos) do que me censura e do que fala injúrias contra mim.”

Na 18ª estrofe, merece destaque o genitivo *foederis*. Na Vulgata assim encontramos o final do versículo 18:

“... Et inique non egimus in testamento tuo.”

Segundo comentário da própria Vulgata, o vocábulo *testamentum*, nesta passagem, “ponitur pro foedere”<sup>22</sup>. Vemos então que além de o vocábulo escolhido por Buchanan ser ratificado pelo comentarista bíblico, ele é o preferido pela NVL:

“... Nec uiolauimus foedus tuum,...”

Vejamos agora como se encontra a oração *aut flexit uia/Recta pes* nas versões da Vulgata, da BJ e da tradução hebraica, respectivamente:

“... E não desviastes as nossas veredas do teu caminho;”

“... e nossos passos não se desviaram do teu caminho.”

“.. nem nossos passos se desviaram da tua trilha.”

Feita a comparação, percebe-se que a paráfrase está mais próxima da BJ e do texto hebraico do que a Vulgata, comprovando-se, assim, a influência de uma segunda fonte bíblica latina.

Com certeza o poeta se inspirou no texto hebraico ou em outra fonte ao utilizar, na vigésima estrofe, o vocábulo *draconibus*, já que no texto de Jerônimo ele não aparece:

“Quoniam humiliasti nos in loco afflictionis,...”

De origem grega, δρᾶκων, significa “dragão”, “serpente”, parecendo, portanto, destoar do contexto da paráfrase buchana. A explicação para isto se deve ao fato de que, em hebraico, a palavra, substituída no texto da Vulgata por *in loco afflictionis*, é תן (*tan*), que pode significar, dependendo do contexto, “dragão”, “baleia” ou “chacal”. Desse modo, percebemos que o

---

<sup>22</sup> Op. cit. p. 1235.

humanista procurou fazer uma tradução literal do texto hebraico, esclarecendo, assim, o real significado do “lugar de aflição”.

A escolha da palavra Chacal (*canis aureus*), para este contexto, deve-se principalmente ao fato de este animal ser costumeiramente encontrado a perambular, em busca de comida, pelas ruínas de cidades abandonadas, sendo, por isso símbolo de desolação e de juízo divino.

Na tentativa também de deixar o texto mais inteligível e, em consequência, mais próximo do original, a Neovulgata, mais próxima do texto da paráfrase, substituiu a palavra *afflictionis* por *uulpium*. Embora não muito confiável, a tradução do TM também se aproxima do texto de Buchanan, conforme comentário da SE: “El TM Lee ‘lugares de chacales’ (mqwm tnym), expresión poco aceptable.”<sup>23</sup>

O autor inicia a última estrofe com o mesmo verbo da Vulgata, *exsurge*, mas quando evoca a divindade, faz uso de *Genitor*, diferentemente da Vulgata, que usa a forma *Domine*, tradução do grego *Κυριος*, e que era usado, desde a Septuaginta, para designar Iavé. O vocábulo *genitor*, de raízes clássicas e correspondente ao grego *γενετωρ*, era bastante empregado na literatura greco-latina para designar os deuses mais poderosos (Cíc. Div., 2, 30, 64), em especial *Iuppiter*, “pai dos deuses e dos homens”, como no exemplo de Ênio: “*diuum pater atque hominum rex*” (Ann. V. 179).

Ainda na última estrofe, destacamos o verbo *libera*. Na Vulgata assim encontramos a parte b do último versículo:

“... Et redime nos propter nomen tuum.”

---

<sup>23</sup> Op.cit. p. 181.

Vemos, então, que onde o poeta emprega *libera*, o salmista usa *redime*. Além da distinção semântica entre eles, já que o primeiro significa apenas “libertar”, “livrar”, e o segundo, formado do prefixo *re* e do verbo *emere*, significa, literalmente, “comprar de volta”, ou seja, comprar alguém para em seguida dar-lhe liberdade. Vale ressaltar que a forma verbal escolhida por Buchanan encontra apoio na NVL:

“... Et libera nos propter misericordiam tuam.”

#### 5.4. PSALMUS XLV

O salmo 45, diferentemente dos que até aqui foram estudados, é um salmo de alegria, de júbilo, classificado como um salmo régio, que narra as núpcias reais, simbolizando o casamento de Cristo com a sua Igreja. Quanto à intertextualidade, este salmo dialoga com o *Canticum Canticorum*, principalmente pelo fato de este ter sido escrito pelo rei Salomão, o qual, segundo alguns estudiosos, seria o rei descrito neste salmo. Quanto à influência clássica, embora esta paráfrase possa ser classificada como um epitalâmio, não é a voz de Catulo ou de Claudiano que aqui se ouve, mas a do poeta Vergílio, não só na grande quantidade de alusões, mas também na contextualização.

2 Cor micat, exsultant trepidis praecordia fibris,  
eructantque nouum grauido de pectore carmen:  
certat lingua animum fando, manus aemula linguam  
scribendo exaequare, meo noua carmina Regi

3 Dum cano: Regi, hominum cui nemo e femina cretus  
audeat eximiae contendere munere formae:  
quem decorat lepor, et roseis affusa labellis  
gratia: cui rerum caeli indulgentia spondet  
hunc fore perpetuum longaeua in saecula tenorem.

4 Ergo, armis inuicte heros, age, fortibus apta

5 Ensem umeris: ense, per quem te gloria caelo  
aequat; et aduersum fidens fer pectus in hostem.

Frena tibi currus Verum moderetur et Aequum,

Et quae praecipitem Clementia temperat iram.

His ducibus tibi furget honos, tua dextera factis  
clara per ignotas fundet miracula terras,

6 Cordaque uulnificis figens inimica sagittis,  
sponte tibi coges ualidas procumbere gentes.

7 Nec maris aut terrae spatium, nec terminus aevi  
Finiet imperium, sceptri moderamine iusti  
Quod regis, et leges mollis clementer acerbis.

8 Te superaequauos omnes regnator olympi  
Diligit, et laeto uultu exhilarauit oliuo:

Unde tui mulcent populi noua gaudia mentes,

9 Pallia quum loculis tibi depromuntur eburnis,  
Et murræ passim lacrimae, stactaeque suauis  
Halitus, et molles casiae funduntur odores.

10 Ancillae apparent genus alto e sanguine Regum  
Inter honoratas promptae ad tua iussa ministras.

At Regina, thori consors, tibi dextera adhaeret,

Auro picta sinus, auro radiata capillos,

Misit ab Eois Ophyre quod flaua caminis.

11 Tuque adeo Regina audi, et rem pectore conde:

nec mea dicta nega placidas demittere in aures:

iam nunc et patriam et patrem obliuiscere, iam nunc

ex animo caros penitus depone propinquos:

unum oculis specta, unum animo complectere Regem:



Regem oculis animoque, tuo qui pendet ab ore,  
unius et pulchris defixus uultibus haeret.

12 Hunc dominum agnosce, et supplex uenerare: nec ille

13 Officio studioque tibi concedet: et illa  
undarum regina Tyrus te murice et Auro  
accumulans colet: et uicina per oppida late  
procumbent tibi suppliciter gazisque potentes,  
aut opibus clari: meritumque feretis honorem

14 Hunc populi. Pharii proles generosa tyranni  
tota decens, tota est gemmisque insignis et auro:

et facies cultum illustrat, facieque decora

15 Pulchrior est animus. Tibi, Rex, en ducitur uxor,

Diues opum, diues pictai uestis et auri,  
uirginibus comitata suis, de stirpe propinqua;  
uirginibus, qua pompa frequens clamore secundo

16 Insequitur, plausuque fremens laetaeque choreae cantibus augustam laetas deducet ad aulam.

17 Neu desiderio nimium tangere tuorum uirgo, tibi dulcem patrisque et matris amorem leniet  
adnascens sobolis generosa propago: Quos regere imperio terras, totumque per orbem adspicies  
populos sceptris frenare superbos.

18 Nec tu carminibus Regina tacebere nostris: quaque patet tellus liquido circumsona ponto,  
posteritas te sera canet: dumque aurea uoluet astra polus, memori semper celebrare fama.

## TRADUÇÃO

2 O meu coração palpita, as minhas entranhas saltam nas veias agitadas, e, do peito repleto, entoam, um novo canto: a língua, falando, disputa com o espírito; a minha mão, emulando, escrevendo novos poemas ao meu Rei, começa a se igualar à língua.

3 Enquanto canto ao Rei, a quem nenhum homem nascido de mulher ouse disputar com um presente de beleza sem par; a quem a beleza enfeita e a graça é derramada nos lábios róseos; a quem a indulgência das coisas celestes garante que ele será um movimento perpétuo ou pelos séculos longevos.

4 Vai, pois, invencível herói nas valentes armas,

5 põe a espada nos fortes ombros; a espada, através da qual a glória te torna igual ao céu; e, confiante, ergue o peito contra o inimigo que se opõe. Que a verdade e a justiça conduzam os carros quanto aos freios, e a tua clemência que abranda a ira que se precipita. Sendo estes os chefes, a tua honra se elevará e, tendo realizado fatos notáveis, a tua destra produzirá, pelas terras desconhecidas, gloriosas maravilhas,

6 e ferindo com as tuas flechas mortais os corações dos inimigos, espontaneamente obrigará as fortes nações a se prostrarem diante de ti.

7 Nem a extensão do mar ou da terra, nem a extremidade do tempo delimitará o teu domínio, o qual tu diriges com o governo do teu justo cetro, e de maneira clemente tornas brandas as duras leis.

8 O soberano do Olimpo te ama mais do que todos os da tua idade, e alegrou o teu rosto com óleo de alegria; por causa disso os admiráveis regozijos acalmam as mentes do teu povo,

9 quando as tuas vestes são tiradas das caixas de marfim, e, por todos os lados, gotas de mirra e o suave perfume da goma de mirra e os odores agradáveis da canela espalham-se.

10 As tuas criadas, raça oriunda do nobre sangue dos reis, aparecem, inclinadas às tuas ordens, entre as distintas servidoras. Mas a rainha, tua esposa, permanece à tua destra, ornada com um vestido de ouro, tendo os cabelos adornados de ouro, que a flava Ofir enviou dos fornos orientais.

11 E tu, Rainha, ouve, então, e guarda isto em teu coração; Não impeças que os meus preceitos caiam em ouvidos favoráveis; já agora esquece tanto a tua pátria quanto o teu pai, já agora afasta completamente de teu espírito os parentes queridos. Volta os teus olhos apenas para um único Rei, a ele apenas abraça com paixão, e com os olhos e com paixão apenas ao Rei, apenas a ele que pende da tua boca, e está com olhos fixos no teu belo rosto.

12 Reconhece este como Senhor, e, suplicante, venera-o; ele não

13 Se afastará dos teus obséquios e do teu zelo; e aquela rainha das ondas, Tiro, que acumula púrpura e ouro, adornar-te-á; e ao longe, pelas cidades vizinhas, os ilustres poderosos, com tesouros e bens, se prostrarão de maneira suplicante diante de ti; e receberéis esta merecida

14 honra do teu povo. Graciosa está toda a prole generosa da tirana Faros, está toda enfeitada de jóias e de ouro, e o rosto ilumina os trajes,

15 e mais belo do que a face enfeitada é o espírito. A ti, ó Rei, eis que é trazida uma esposa, rica em bens, rica em vestes ornadas de ouro, acompanhada das suas virgens, de estirpe próxima; com as virgens a quem uma multidão numerosa segue com um clamor favorável,

16 e, retumbante, com aplausos e com as danças de um alegre coro, conduzirá as alegres donzelas ao majestoso palácio.

17 Não provoques muito a saudade dos teus, ó virgem, a generosa descendência que nasce de tua prole diminuirá o doce amor do teu pai e da tua mãe; àqueles caberá governar as terras, e por todo o mundo a dominar, com os seus cetros, os povos soberbos.

18 E tu, rainha, não serás omitida em nossos versos, e por onde quer que a terra, que retumba com o líquido mar, é visível; tardiamente a posteridade te celebrará, e enquanto o céu continuar a movimentar os astros áureos, tu serás sempre celebrada pela fama que traz à memória.

## COMENTÁRIOS

Ao iniciar a paráfrase, o poeta recorre a um instrumento bastante usado por Ovídio nas *Metamorfoses*, a sinonímia. Ela é encontrada na série *cor*, *praecordia* e *pectore*. Dessas três palavras, apenas *cor* está presente na Vulgata. Esta, embora possa designar a sede da vida espiritual, anímica e intelectual, representa, aqui, apenas o *organum corporis*. A segunda palavra da série, uma *pluralia tantum*, refere-se ao músculo que separa o coração e os pulmões do abdômen, a saber, o diafragma, razão pela qual o poeta diz que é ele que entoa um novo cântico. O terceiro elemento da série, *pectore*, aqui também tem valor denotativo, pois diz respeito à parte externa do coração, ou seja, o peito.

A oração *cor micat* parece ser uma reminiscência dos *Fasti* 3, 36, que assim aparece: “corque timore micat.”

Como de praxe, o parafrasta, na terceira e quinta estrofes, retoma um sintagma por meio da repetição dele mesmo: *Regi ...Regi; Ensem ...ensem*.

Ainda que não seja para retomar um termo anteriormente mencionado, abundante é o uso da anáfora nas estrofes desta paráfrase: *Nec ...nec* (7<sup>a</sup>); *Auro ...Auro* (10<sup>a</sup>); *Jam nunc ...jam nunc* (11<sup>a</sup>); *Tota ...tota* (14<sup>a</sup>); *Diues ...diues* (15<sup>a</sup>).

Na quarta estrofe, embora o determinante *fortibus* esteja no mesmo caso de *armis*, ele se refere, na verdade, a *inuicte heros*, constituindo-se assim num exemplo de hipálage.

Ainda nesta estrofe, o parafrasta descreve o rei como um “heros”, expressão que, em hebraico, equivale a *gibbor*, ou seja, um guerreiro destacado por sua força e coragem. A escolha feita por Buchanan é respaldada por SE, que também emprega o termo *héroe*.

Na quinta estrofe, o vate escocês, ao escolher o vocábulo *currus*, parece ter consultado o texto hebraico, pois aqui a Vulg., seguindo o texto grego, emprega o verbo *regna*. A nota existente na SE aprova a escolha de Buchanan:

*Cabalgando: monta o cabalga, no a caballo, porque entonces no se estilaba hacer la guerra de este modo, sino em carro tirado por uno o más caballos (3 Re 2,31-38). Los LXX traducen “y reina”,...*<sup>24</sup>

Com as palavras *At regina*, aparece pela primeira vez (10<sup>a</sup> estrofe) a rainha egípcia. Vale lembrar que as mesmas palavras servem de introdução ao livro IV da Eneida, o que nos leva a concluir que o poeta escocês buscou inspiração para a composição de sua paráfrase nas fontes vergilianas. A descrição da aparência da rainha também deve ter sido inspirada na soberana de Cartago: “cui pharetra ex Auro, crines nodantur in aurum,/aurea purpuream subnectit fíbula vestem.” (livro IV, vv. 138-139).

Na décima estrofe, o emprego de *Ancillae* no lugar de *Filiae Regum* (na Vulgata e também no texto hebraico) parece contraditório, pois há uma nítida oposição social entre elas. A explicação para o emprego de *ancillae*, na paráfrase, encontra, com certeza, raízes na cultura judaica. Vários são, nas Escrituras, os usos figurados para o termo “serva”. Uma esposa ou uma mulher prestes a casar-se quase sempre se referia a si mesma como serva ou era assim chamada pelo seu marido, como no caso de Rute em relação a Boaz; Abigail em relação a Davi. Às vezes, a pessoa se referia

---

<sup>24</sup> Op. cit, p. 58.

a si mesma como serva, quando conversava com alguém superior a ela, como no caso de Ana ao se dirigir a Eli.

Para indicar a origem das *ancillae* o autor emprega a expressão *genus alto e sanguine Regum*, que, com certeza, também foi construída a partir do exemplo vergiliano: “... genus alto a sanguine Teucri...” (En. IV, 230).

Encontramos ainda, neste verso, o topônimo Ophyre, que, com certeza, foi retirado do texto hebraico, pois, embora não apareça na Vulgata, é atestado pelo texto original, אופיר (opir), e pelas outras versões:

NV e NVL: “...ornata Auro ex Ophir.”;

BJ: “...ornada com ouro de Ofir.”

ARA: “...adornada de ouro finíssimo de Ofir.

A SE também tece comentário sobre esta passagem: “Brocado de Ofir: lit. tela o joyas hechas com ‘oro de Ofir’”.

Embora não empregue a preposição *ex* para indicar a origem do ouro, como fazem as outras versões, o poeta, graças a um recurso metonímico, leva-nos, a partir do adjetivo *flava*, a vislumbrar o brilho do ouro oriundo daquela cidade.

Na décima primeira estrofe, ao falar que a noiva deve dar ouvido às palavras do marido, o poeta vai buscar, no episódio em que Enéias narra a Dido as suas desventuras, a fonte para a inspiração da frase *tuo qui pendet ab ore*, inspirada nas palavras do troiano: “pendetque iterum narrantis ab ore” (En. IV, 79). No verso seguinte, mais uma vez o poeta é influenciado por Vergílio, e, ao descrever o rei como quem *pulchris defixus vultibus haeret*, fez uso de uma outra passagem da Eneida, I, 495: “... obtutuque haeret defixus in uno...”.

A alusão mais clara à rainha Dido aparece, com certeza, na décima terceira estrofe, onde a construção *Tyrus te murice* foi elaborada a partir de “... Tyrioque ardebat murice ...” (En. IV, 262).

A expressão *Pharii proles* (14<sup>a</sup> estrofe) diz respeito à esposa egípcia de Salomão, cujas referências bíblicas podem ser encontradas em I Reis 9:16 e II Crôn. 8:11.

Ainda nesta estrofe, encontramos o adjetivo *decens*, o qual, ainda que não esteja presente nas outras versões, encontra apoio no texto hebraico: כְּבוֹדָה ((kebudda), “gloriosa”, “imponente”, “formosa”).

Continuando nesta estrofe, o autor, para enfatizar a riqueza da prole de Faraó, recorre a construção *gemmisque insignis et Auro*, baseada no verso 134 do IV livro da Eneida: “...ostroque insignis et auro ...”

Na décima sexta estrofe, embora não apareça *palatium* (NVL), a paráfrase está mais próxima do original ao empregar *aulam* (pátio do palácio; palácio) do que a Vulg., que faz uso de *templum*. O comentarista da SE corrobora a escolha de Buchanan:

*... tanto en neste versículo como en nel 9, la palabra hekal puede significar “palácio”, pero es más congruente que se refiera a uma parte de él especial, a modo de tienda o sala de adorno regio.<sup>25</sup>*

O emprego de um epíteto de Júpiter, neste caso, *regnator Olympi*, para designar o deus cristão, era lugar comum entre os escritores humanistas, o que demonstra, também, a convivência tranqüila entre um vocabulário pagão e um tema cristão. Encontramos este epíteto, para designar o deus dos deuses, por duas vezes no poeta mantuano. A primeira vez ocorre na En. II.779 (*superi regnator Olympi*), na despedida de Creúsa, e em VII.558 (*regnator summi Olympi*), quando Juno procura impedir o casamento de Enéias com Lavínia.

A construção *regere imperio terras* (17<sup>a</sup> estrofe) provavelmente foi inspirada no livro VI da Eneida, que diz: “... tu regere imperio populos, Romane, memento,...” (v. 851).

---

<sup>25</sup> op. Cit., p. 190.

Ainda nesta estrofe, o professor Green assim comenta a passagem *populos sceptris frenare superbos*:

*Buchanan's next line uses the word 'populos', combined at the end of the same line with the words 'frenare superbos', which echo those of Aeneas in A. 1523 (he is addressing Dido) '(gentis) frenare superbas'.<sup>26</sup>*

Na décima oitava estrofe encontramos duas reminiscências clássicas que nos conduzem ao poeta Ovídio, mais precisamente ao IV livro das Metamorfoses, livro este já citado na primeira paráfrase. Pela ordem, temos *quaque patet*, que se encontra no verso 725; e o vocábulo *circumsona* (v. 723), que foi tirado do mesmo contexto que deu origem ao segundo verso da primeira estrofe da paráfrase 42: “... quem turba canum circumsona terret”.

A expressão *semper celebrare* (último verso) foi, provavelmente, cunhada da oração recitada por Enéias ao rio Tibre (En. VIII.76):

“... semper celebrabere donis...”

---

<sup>26</sup> GREEN, Roger P. H. *Classical voices in Buchanan's hexameter psalm paraphrases*. London: Renaissance Studies, 18, 2004, p. 65.



## 5.5. PSALMUS XLVI

Este salmo pode ser caracterizado como uma meditação coletiva, do tipo esperançoso, com um oráculo de alcance admoestativo ao final. O tema fundamental é a consideração de Javé como refúgio seguro para Israel e como perfeito executor da vitória e da paz duradoura.

2 Quum muniat nos praesidio suo,

uirtute firmet, cum grauis intonat

procella, fortunae periculis

eripiat dominator orbis,

3 Nullam expauemus uim: quatiat licet

orbem tumultus, terraque sedibus

conuulsa, montium ruinis

arctet aquas pelagi frementis:

4 Insana quamuis aequora saeuiant,

et uorticoso gurgite torqueant

spumamque limumque, et procellis

terrificis scopulos flagellent.

5 Nam ciuitatem, cui Deus unice

indulget, aris et propriam suis

dicauit, argenti pererrans

lympha fugax hilaret liquore.

6 Occulta neuis aut timor hosticus

urbis quietem sollicitet, Deus,

gentis suae intentus saluti,

praeuenit auxiliis pericula.

7 Gentes tumultus concitet impias.

Et regna belli concutiat furor.

Flammis fremat caelum coruscis,

terrificet labefacta tellus:

8 Hac et duelli, pacis et arbiter

stat, praeliorum qui regit exitus,

munimen, et nostrae salutis

praesidium, Deus Abrahami.

9 Venite, adeste, et cernite non prius

audita, mira, incognita, quae Deus

patrauit in terris ab ortu

solis ad Hesperium cubile.

10 Funesta belli incendia sustulit:

fregit cruentae spicula laceae:

contriuit arcus, et uolucres

in cinerem minuit quadrigas.

11 Sedate motus mentis, ait Deus,

measque uires noscite, quem colet

quocunque sub caelo repostas

gens hominum colit orbis oras.

12 Hac et duelli, pacis et arbiter

stat, praeliorum qui regit exitus,

munimen, et nostrae salutis

Praesidium, Deus Abrahami.

## **TRADUÇÃO**

2 Visto que o Dominador do mundo nos livra dos perigos da sorte, visto que nos protege com o seu auxílio e nos encoraja com a sua força, quando a forte tempestade retumba,

3 Não tememos nenhuma adversidade; ainda que um pânico sacuda o mundo, e a terra seja arrancada de seus alicerces, e comprima as águas do agitado mar com o desabar dos montes;

4 ainda que os violentos mares se enfureçam, e sulquem com o vorticoso abismo a espuma e o limo, e fustiguem com terríveis tempestades os rochedos.

5 Pois a sua própria cidade, para com a qual Deus unicamente é complacente, ele consagrou nos seus altares, que o rio se alegre, ao afastar-se da fria água.

6 Que nem a violência oculta ou o temor do inimigo perturbe a paz da cidade; Deus, preocupado com a salvação da sua gente, socorre-a, em meio aos perigos, com seu auxílio.

7 Que o pavor atormente as ímpias nações. E que o furor da guerra aterrorize os reinos. Que o céu estremeça com chamas cintilantes, que a terra, derrubada, se apavore:

8 Nela se encontra o árbitro da guerra e da paz, aquele que governa o desfecho dos combates, o Deus de Abraão, abrigo e fortaleza da nossa salvação.

9 Vinde, aproximai-vos, e vede as coisas não antes ouvidas, maravilhosas, admiráveis e desconhecidas, que Deus realizou nas terras, desde o nascer do sol até o seu leito hespério.

10 Fez cessar os funestos incêndios da guerra; quebrou as pontas da sangüinária lança; destruiu o arco, reduziu a cinzas as velozes quadrigas.

11 Aplacai as preocupações da mente, diz Deus, e conheci o meu poder, ao qual venerará tudo que está sob o céu e a raça humana que habita as plagas recompostas da terra.

12 Nela se encontra o árbitro da guerra e da paz, aquele que governa o desfecho dos combates, o Deus de Abraão, abrigo e refúgio da nossa salvação.

## COMENTÁRIOS

A tradução que demos para *uirtute*, primeira estrofe, teve como base uma das definições dadas pelo índice da Vulg. a este vocábulo: “Virtus pro robore seu fortitudine.”<sup>27</sup>

O emprego da hipotaxe, na terceira estrofe deste salmo, é algo raro no livro de Salmos, pois a sintaxe hebraica, de maneira geral, prioriza a parataxe e a Vulgata, preocupada em apresentar uma tradução literal, raramente se afasta desse tipo de construção. Em Jerônimo, encontramos apenas uma conjunção subordinativa:

“Propterea non timebimus *dum* turbabitur terra, et transferentur montes in cor maris.”

Vemos acima que há, na Vulgata, duas orações subordinadas regidas pela conjunção *dum*, aqui na fronteira entre uma conjunção condicional e uma concessiva; enquanto a paráfrase apresenta três orações subordinadas: duas causais, regidas pela conjunção *cum*; e uma concessiva, regida pela conjunção *licet*.

Vejamos como se encontram os tempos verbais correspondentes a estas conjunções nos versículos três e quatro da Vulg:

“Propterea non timebimus dum turbabitur terra, et transferentur montes in cor maris./Sonuerunt et turbatae sunt aquae eorum; conturbati sunt montes in fortitudine eius.”

---

<sup>27</sup> Op. cit., p. 1237.

Percebemos que o emprego do pretérito perfeito no versículo quatro apresenta problemas de coerência verbal, já que nele se encontram duas orações subordinadas concessivas que se iniciaram no versículo três, não podendo, por isso, apresentarem verbos nestes tempos verbais.

Para ficar mais claro o que dissemos, vejamos os versículos três e quatro nas versões ARA, NVL e NV, respectivamente:

“Portanto, não temeremos ainda que a terra se transforme e os montes se abalem no seio dos mares,/ainda que as águas tumultuem e espumejem e na sua fúria os montes se estremeçam.”

“Propterea non timemus, dum subvertitur terra, et montes cadunt in medium mare./Tumultuentur, aestuent aquae eius, concutiantur montes impetu eius;”

“Propterea non timebimus, dum turbabitur terra, et transferentur montes in cor maris./Fremant et intumescant aquae eius, conturbentur montes in elationes eius.”

Além de estas versões corroborarem o tempo verbal presente na paráfrase, vale a pena destacar também o comentário da SE, que inclui, dentre três possibilidades possíveis para a tradução deste versículo, a escolhida por Buchanan:

*Todavía en subjuntivo, continuando el verso anterior y dependiendo de su partícula aunque: No temeremos... “aunque brame el mar, se revuelva las aguas y retiemblen los montes”.*<sup>28</sup>

Para falar do rio que alegra a cidade de Deus, o parafrasta (5<sup>a</sup> estrofe) bebe mais uma vez nas fontes horacianas e transcreve do Lib. II, ode III, v. 12 a frase *Lympha fugax*. Merece destaque o emprego de *hilaret*, verbo de emprego raro, mas clássico, em lugar de *laetificat* (Vulg.).

O autor mantém, *mutatis mutandis*, nos vv. 8 e 12, o estribilho presente na Vulgata:

“Dominus virtutum nobiscum; Susceptor noster Deus Iacob.”

---

<sup>28</sup> SE.Op. cit. p. 195.

Buchanan: “Hac et duelli, pacis et arbiter/ stat, praeliorum qui regit exitus,/ munimen, et nostrae salutis/ Praesidium, Deus Abrahami.”

Como vemos, o texto em estudo é mais longo do que o texto bíblico, o que, com certeza, é bastante natural em se tratando de uma paráfrase. Em substituição a *Dominus*, ele emprega a forma *arbiter*, que além de ser sinônima da forma citada, substitui também *rex*, trazendo à tona a idéia de “governante”, como no exemplo utilizado por Ovídio para se referir a Augusto: *arbiter imperii* (Tr. 5, 2, 47). Em substituição ao epíteto “*Dominus virtutum*” (“*Dominus exercituum*”, na NVL), o poeta emprega a oração *praeliorum qui regit exitus*, dando, assim, uma explicação para o epíteto.

Na oitava estrofe, ao citar o patriarca Abraão, o poeta segue, como de costume entre os humanistas, a morfologia do latim clássico para as palavras de origem hebraica. Assim sendo, em vez de fazer uso da forma mais comum da Vulgata – Abraham, ae ou apenas Abraham – ele emprega uma forma mais próxima da índole do latim clássico, conforme comentário do professor Ford: “he sets out to remove it from its ancient Hebrew setting. Even the proper names and adjectives–Isacides, Pharus, Iuda, solyma–are expressed in typically classical moulds”.<sup>29</sup>

Na nona estrofe, encontramos duas reminiscências do poeta Horácio. A primeira é usada para falar dos feitos grandiosos de Deus e se encontra no Lib. III, ode I, vv. 2-3: *non prius audita*; a segunda é a perífrase *ab ortu solis ad Hesperium cubile*, seguindo assim uma fórmula corrente neste poeta para designar o ocidente e o oriente:

“...famaque et maiestas imperi porrecta a cubili Hesperio ad ortus solis.” (Lib.IV, ode XV, vv. 14-16).

---

<sup>29</sup> Op. cit., p. 82.

Nos dois últimos versos da décima estrofe encontramos a oração *et uolucres/ in cinerem minuit quadrigas*, que na Vulgata corresponde à frase “Et scuta comburet igni”. Como o acusativo *quadrigas* não aparece nesta versão, nem na NVL e muito menos na NV, acreditamos que o poeta escocês se inspirou no texto hebraico para a seleção deste vocábulo, uma vez que esta versão, bem como a BJ e a ARA ratificam a escolha de Buchanan:

BH: “... e carroças consumirão em fogo.”

BJ: “... e atira os carros no fogo.”

ARA: “... queima os carros no fogo.”

Acrescente-se ainda o testemunho da SE: “... (el TM dice “carros”, por fácil confusión de una palabra que nunca se emplea de carros de guerra)...”<sup>30</sup>

Na décima estrofe, a paráfrase, com exceção do primeiro verbo, apresenta três sinônimos para os verbos presentes na Vulgata:

“Auferens bella usque ad finem terrae. Arcum conteret, et confringet arma, et scuta comburet igni.”

Percebemos aqui a preocupação do poeta com a coerência temporal entre os versículos, pois tanto na Vulgata quanto na paráfrase, a nona estrofe narra os feitos grandiosos de Deus no pretérito perfeito do indicativo, e continua a narrá-los na estrofe seguinte, o que levaria, portanto, ao emprego do mesmo tempo da estrofe anterior ou do presente do indicativo, e não ao do futuro imperfeito do indicativo, como se encontra na Vulgata. As versões BJ, ARA e NVL, ao apresentarem estes verbos no presente, estão mais próximas do texto da paráfrase do que da Vulg:

BJ: “acaba com as guerras até ao extremo da terra, quebra os arcos, despedaça as lanças, e atira os carros no fogo.”

---

<sup>30</sup> SE. Op.cit. p. 197.

ARA: “Ele pôe termo à guerra até aos confins do mundo, quebra o arco e despedaça a lança; queima os carros no fogo.”

NVL: “Qui compescit bella usque ad finem terrae, arcus conterit et confringit hastas, et scuta comburit igni.”

Na penúltima estrofe, como de hábito, o vate procura esclarecer o verdadeiro significado dos dois primeiros verbos do versículo 11 da Vulgata:

“Vacate, et videte quoniam ego sum Deus:”

Estes dois verbos, se comparados com as versões da BJ, ARA e NVL, são muito vagos quanto à ordem dada por Deus ao salmista:

“Tranqüilizai-vos e reconhecei: Eu sou Deus;”

“Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus;”

“Desistite et agnoscite me Deum”

Fica claro, então, que a oração escolhida por Buchanan, *Sedate motus mentis*, está mais próxima da BJ e a ARA do que o verbo da Vulgata. O segundo verbo, *noscite*, como se pode notar, não se encontra na Vulgata, mas é testificado pelas versões da BJ e da ARA, e diferenciando-se apenas da NVL pelo fato de esta preferir uma forma derivada, *ad + gnoscere*, à forma simples, *noscere*.

Na última estrofe, encontramos o nominativo *Praesidium* que, na Vulgata, tem, como correspondente, *Susceptor*, que no contexto bíblico significa “guardião”, “protetor”. Acreditamos, porém, que o termo escolhido por Buchanan está mais próximo do hebraico מִשְׁגַּב (misgab), “lugar fortificado”, “refúgio”, além de encontrar apoio na NVL (*Praesidium*).



## 5.6. PSALMUS XLVIII

Este salmo é um hino que celebra o monte Sião, residência do rei de Israel e lugar do templo, situado no centro da antiga Jerusalém. No que concerne ao ajuntamento dos reis para guerrear contra a cidade santa, talvez se refira ao fracasso da coalizão siro-efraimita contra o rei Acaz em 735 e a retirada de Senaqueribe em 701. Ainda que fatos históricos venham a comprovar muito do que é dito neste salmo, a simbologia perpassa todo o salmo, sendo Javé o verdadeiro rei e protetor de uma Jerusalém celestial, onde, segundo uma visão escatológica, reunir-se-ão todos os reis da terra.

2 Rector beate caelitum, cui nil uiget

Simile aut secundum, caelitum

Beate rector, sancta iure te Sion

In astra tollit laudibus:

3 Sion opacam uersa ad Arcton, regia

Formosa Regis optimi:

Sion uoluptas gentium, uberis soli

Aruis beatis accubans.

4 Sensere Domini uindicis potentiam

Solymae superba moenia:

5 Sensere numen, quum feroces uiribus

Coiere Reges, copiis

Castrisque iunctis, seruitutem ciuibus

Tuis minati et uincola.

6 Perstrinxit oculos intuentium stupor,

Et horror artus perculit:

7 Quales tremores querulus excitat dolor

Vexante partu feminas:

8 Pauorque trepida sparsit attonitos fuga,

Euri procella ut aequora

Excita ab imis penitus euertens uadis,

Trepidias carinas dissipat.

9 Haec facta priscis rettulere saeculis

Paruis parentes liberis:

Haec nos in urbe uidimus Dei, ratis

Qui frenat orbem legibus;

Haec urbe in illa uidimus, cui peruigil

Deus ipse custos excubat.

10 O sancte rerum genitor, in rebus malis

Tuam aduocamus dexteram:

Tuas ad aras supplices aduoluimur.

11 O rector orbis optime.

Tua laus per oras ultimas mundi, et tuae

Imago fulget gloriae

12 Et aequitatis. Te scelestos uerbere

Plectente iusto, gestient

Colles Sionis: nec feret tacitum suum

Iudae propago gaudium.

13 Ite, et Sionem obambulate, moenia

Spectate, turre arduas

14 Numerate, fossam et aggerem intuemini,

Molesque celsas aedium.

Narrate natis, posterorum ut audiant

Et obstupescant saecula:

15 Solumque noscant et colant nostrum Deum,

Ortusque finisque inscium;

Qui sempiternus sempiterna nos ope

A fraude uique proteget.

## **TRADUÇÃO**

2 Ó ditoso Senhor dos deuses, a quem nada há de semelhante ou próximo, ó ditoso Senhor dos deuses, com justiça, a santa Sião, em seus louvores, te eleva aos céus.

3 Sião, voltada para o fresco Norte, bela habitação real do excelente Rei; Sião, alegria das nações, a qual se estende sobre os ricos campos de um solo fértil.

4 Os soberbos muros de Jerusalém sentiram o poder do Senhor que os protege;

5 Sentiram o poder divino, quando os ferozes reis se ajuntaram com suas tropas e seus acampamentos reunidos, ameaçaram os teus cidadãos com a servidão e os grilhões.

6 O espanto ofuscou os olhos dos que olham e o horror abalou os seus membros;

7 e uma dor queixosa suscita neles tremores como os das mulheres em trabalho de parto;

8 e o pavor dispersou, em uma rápida fuga, os atônitos reis, como a tempestade do Euro, que revolvendo inteiramente as agitadas águas desde o fundo do mar, destrói os agitados navios.

9 Estes feitos os pais relataram aos seus filhinhos nos tempos antigos; estes feitos nós vimos na cidade de Deus, o qual governa o mundo com suas leis determinadas. Estas coisas nós vimos naquela cidade, a qual o próprio Deus, como um atalaia que não dorme, guarda.

10 Ó Santo Criador de todas as coisas, invocamos a tua destra em meio às adversidades; voltamos, suplicantes, para os teus altares.

11 Ó Excelente Senhor do mundo, o teu louvor está espalhado pelos confins da terra e a imagem da tua glória e da tua justiça resplandece.

12 Após terem sido castigadas com o teu justo açoite, as criminosas colinas de Sião te desejarão ardentemente; e o rebento de Judá não conseguirá manter calado seu regozijo.

13 Ide, rodeai Sião, contemplai seus muros, contai suas elevadas torres,

14 observai o seu fosso e a sua trincheira, e os elevados edifícios de seus palácios. Narrai isto aos vossos filhos, para que ouçam as gerações dos vossos descendentes e fiquem maravilhados;

15 conheçam e venerem unicamente ao nosso Deus, que não conhece o princípio e o fim; ele, que é eterno, nos protegerá da fraude e da violência com o seu eterno auxílio.

## COMENTÁRIOS

Como já é próprio de seu estilo, o parafrasta inicia sua obra invocando a Deus com algum tipo de epíteto. Logo na primeira estrofe, onde se exalta a grandeza de Deus, encontramos mais uma vez a pena do poeta Horácio no trecho *cui nil uiget simile aut secundum*, que foi transcrito quase que *ipsis litteris* do livro I, ode XII, v.18:

“Nec uiget quidquam simile aut secundum:”

Na terceira estrofe, ao falar da localização do monte Sião, o salmista, para designar o “Norte”, emprega *aquilonis*; já Buchanan recorre mais uma vez às odes horacianas (Liber II, ode

XII, vv. 15-16) e, assim, emprega a expressão *opacam ad Arcton*. Enquanto *Aquilo*, provavelmente derivado de *aqua*, significa “o que traz umidade”<sup>31</sup>, sendo, por isso, o vento do Norte; *Arcton*, por sua vez, é a constelação da *Ursa major et Minor* e de seu nome deriva o Ártico.

Ainda nesta estrofe, vale a pena comparar o segundo verso com o texto da Vulgata, respectivamente:

*Formosa Regis optimi*

“Regis magni”

Acreditamos que, por questões métricas e por influência clássica, o poeta preferiu *optimi a magni*.

Na sétima estrofe, o poeta recorre a uma figura de harmonia:

*Quales tremores querulus*

A repetição da sibilante /s/ e da vibrante /r/, que se constitui numa aliteração, serve para demonstrar o estado das mulheres em trabalho de parto.

Assim encontramos o versículo oito da Vulgata:

“In spiritu vehementi conteres naves Tharsis.”

Ao compararmos esta passagem com a oitava estrofe da paráfrase, verificamos que neste versículo não está presente o determinante *orientis*, que é testificado por duas versões:

ARA: “Com vento oriental destruístes as naus de Tharsis”

NVL: “Ut cum ventus orientis confringit naves Tharsis.”

Assim, para se referir ao “vento oriental”, o vate emprega o genitivo *Euri*, que tanto serve para designar o vento quanto a sua origem, o “Oriente”. Além de ser referendado por essas versões, o vocábulo presente no texto de Buchanan também é atestado pelo texto hebraico, que aqui

---

<sup>31</sup> LEWIS, Charlton T. & SHORT, Charles. *A latin dictionary*. London: Oxford University Press, 1996. p. 149.

emprega o vocábulo קָדִים (qadim), “orientes”. Vale destacar que a primeira tradução possível para este vocábulo não é “orientes”, e sim “vento orientes”, o que provavelmente contribuiu para a escolha feita pelo vate escocês. Além do exposto, vale ressaltar o testemunho da SE: “En v. 8, el TM lee *beruah qadim*= com el viento de Oriente;...”<sup>32</sup>

Na nona estrofe, encontramos a oração *in urbe vidimus Dei*, que corresponde a seguinte passagem da Vulgata:

“sic vidimus in civitate Domini virtutum,...”

A única diferença entre as duas passagens é a substituição, na paráfrase, de *urbe* por *civitate*. A distinção entre estes dois vocábulos se dá principalmente pelo fato de *civitas* possuir dois significados: um concreto e o outro abstrato. O primeiro para designar “a condição ou privilégios de um cidadão romano”, e este para designar “os cidadãos unidos em uma comunidade”, id est, “o Estado”. Porém nenhum dos significados apresentados se enquadra no contexto da paráfrase. O melhor significado para este contexto é, sem dúvida, “cidade”, significado adquirido, por metonímia de *urbs*, no período pós Augusto.

A frase *laus tua* (11ª estrofe) também foi copilada do texto de S. Jerônimo. Na mesma passagem, a frase *per oras ultimas mundi* corresponde à expressão bíblica “in fines terrae”

As formas declinadas de *Sion*, *Sionis* e *Sionem*, que aparecem nas estrofes doze e treze, foram construídas a partir do latim clássico, uma vez que na Vulgata este hebraísmo é indeclinável.

A parte b, do versículo 13, assim se encontra na Vulgata:

“Narrate in turris eius.”

Como podemos perceber, o verbo deste versículo não coincide com a décima terceira estrofe da paráfrase, que está em consonância com os verbos presentes na NVL, BJ e ARA:

---

<sup>32</sup> Op. cit., p. 202.

“... Numerate turre eius.”

“... enumerai suas torres;...”

“... contai-lhe as torres;...”

O genitivo plural *aedium* (14<sup>a</sup>) tem como correspondente, na Vulgata, *domos*. O termo usado na Vulgata é atestado pela ARA e BJ, que possuem a mesma tradução: seus palácios. A preferência por *aedes* nesta passagem talvez se deva ao fato de ser esta sinônimo de *domus*, conforme acentua o dicionário Oxford: “syn. Domus; usu. Only in the plural., as a collection of several apartments;...”<sup>33</sup>

Na décima quinta estrofe, para substituir as expressões bíblicas “in aeternum” e “in saeculum saeculi”, o vate recorre a uma figura de linguagem conhecida por paronomásia, que consiste na colocação próxima de diversos casos de uma mesma palavra, como ocorre com *sempiternus*, que se refere a Deus, e *sempiterna*, que se refere a *ope*.

## 5.7. PSALMUS XLIX

Pelas linhas deste salmo, que é do tipo sapiencial, o salmista nos leva a refletir sobre a glória vazia e a futilidade deste mundo. Para isto ele contrapõe os problemas dos ricos perversos e dos pobres piedosos, com alusão expressa à vida futura e a sanção dos dois grupos.

Sem fugir ao tema, Buchanan vai buscar, na filosofia epicurista, porém moderada, em especial na pena do poeta Horácio, a inspiração necessária para provar que o problema das retribuições e da felicidade dos ímpios são aparentes e efêmeras.

Embora na paráfrase apareçam alusões de quatro odes horacianas e uma alusão virgiliana, a ode XV, livro II, é sem dúvida a que mais contribuiu para a confecção da paráfrase, não apenas com transcrições de seus versos, mas principalmente com o tema, ou seja, ela é escrita com a finalidade de alertar-nos para o perigo da vaidade dos ricos e para a certeza da morte, que a tudo devora.

2 Audite gentes, ortus et occidens

Aduertite aures, et medio dies

Quos torret axe, et qui uitreum solum

Ponti niuali finditis orbita.

3 Audite, siue ignotus, et infima

De plebe pauper, siue opibus potens,

Multaque fulges plebe clientium,

Aurique gazis ditibus incubas.

4 Fontes recludam iam sapientiae:

---

<sup>33</sup> Op. cit., p. 1285.



Plenoque promam pectoris e penu

5 Prudentiam: iam lingua recondita

Oracula gestit carmine pandere.

6 Cur congerendis me cruciem bonis,

Famemque et acrem pauperiem timens,

Ut uita curis anxia tristibus

Me tristiozem trumat ad exitum?

7 Gemmis et auro et murices diuites

Superbientes adspice, qui sibi

Gaudent beato plaudere somnio,

Tutosque fluxis credere se bonis.

8 Germanus Auro non redimet suum

9 De morte fratrem: nec pretio Deum

Donisue flectet fata retexere,

Ut membra liquit frigida spiritus.

10 Sed nec perennes interitus moras

Diues pacisci, nec potis est putres

Ne soluat artus tempus edax: uetat

Id lege dura fixa necessitas.

11 Mors aequa stultis et sapientibus

Intentat arcum: par manet exitus

Vitae hos et illos: occupat improbis

Ignotus haeres parta laboribus.

12 Villae superbae delicias breues

Luxuque structas regifico domos

Linguunt: sepulchrique irremeabilis

Tenebricosis sub latebris iacent.

Quid fama duris parta laboribus

Prodest? Inanis quid tituli decus?

Quid aura blandae laudis, et ambitus

Nomen futuris prodere seculis?

13 Quum uani honoris uer breue floruit,

Letale spirans mortis hiems, uiros

Et bruta raptans interitu pari,

Obluionis nube pari premit.

14 Hac stulti ierunt: hanc male prouidos

Ducet nepotes error in orbitam:

15 Quos mors sepulchri sub scrobe conditos

Depascet, imbelles ut oues lupus.

Aeterna caeli temperies pios

Manes fouebit lucis in aureae splendore:

Qualis mane fluit nitor

Per prata uernis picta coloribus.

Stultis senectus robora deteret,

Pro sumtuosis bustum erit aedibus:

16 At me benignus de barathri cauo

Specu remissum suscipiet Deus.

17 Nec te cupido sauciet aemula,

Stuporue, si quem uideris impia  
De plebe fluxis conspicium bonis,  
Clarumque multa fulgere gloria.

18 Quum dexteram mors illacrymabilis

Iniecit, ex tam diuite copia  
Secum sub umbras nil feret: et comes  
Infida bustum gloria deseret.

19 Dum commeantis pectora spiritus

Haustus calescunt, perfruitur bonis,  
Sesesque curat molliter, et monet  
Omnes eundem pergere tramitem.

20 At quum parentes cesserit ad suos,

Longum dolebit stultitiam breuem,  
Ad regna tractus lucis egentia,  
Quae semper horror nubilus obsidet.

21 Rectrix honoris ni sapientia

Accesserit, brutis homo bestiis  
Nil interest: quos uita facit pares,  
Exspectat aequo inglorius exitus.

## TRADUÇÃO

2 Ouvi, povos, voltai os vossos ouvidos, oriente e ocidente, e aqueles a quem o dia no meio do céu queima, também vós que abris o solo vítreo do mar por meio de um caminho coberto de neve.

3 Ouvi, quer seja um desconhecido e pobre da mais baixa plebe, quer seja alguém poderoso em bens, brilhas em meio à numerosa plebe dos clientes e guardas os ricos tesouros de ouro.

4 Abrirei agora as fontes da sabedoria, e farei manifesta, do mais fundo do meu peito, a prudência;

5 Agora a minha língua, que estava escondida, anseia por cantar os teus oráculos em meio do canto.

6 Por que me atormentarei em acumular bens, temendo a fome e a terrível pobreza, visto que a vida, atormentada pelas tristes inquietações, empurra a mim, tristíssimo, para a morte.

7 Olha para os ricos que se orgulham de suas pedras preciosas, de seu ouro e de sua púrpura, os quais, em um sonho feliz, se alegram em aplaudir a si mesmos, e em crer que estão seguros nos bens passageiros.

8 Com o ouro um irmão não resgatará da morte seu irmão,

9 Nem com dinheiro nem com dádivas comoverá a Deus a refazer os destinos, assim que o espírito abandona os membros frios.

10 Mas o rico, morto, não está a receber os pagamentos inesgotáveis, e é impossível que o tempo voraz não decomponha os membros putrefatos; a necessidade, estabelecida por uma dura lei, proíbe-o.

11 A morte, igual para os estultos e para os sábios, retesa o seu arco; o fim da vida é o mesmo tanto para estes quanto para aqueles: um herdeiro desconhecido apodera-se dos bens obtidos com trabalhos desonestos.

12 Deixam os breves prazeres de uma altiva casa de campo e as casas construídas com o luxo real; e jazem sob o refúgio tenebroso do sepulcro de que não se volta. De que serve a fama obtida com árduos trabalhos? De que serve a honra de um título fútil? De que servem as riquezas de um brando louvor e dar a conhecer nos séculos vindouros a glória de sua ostentação?

13 Quando a breve primavera, que é vã, floresceu, o inverno que sopra o vento da morte, que arrebatou, com semelhante morte, os homens e os animais, oculta a ambos na nuvem do esquecimento.

14 Este é o caminho dos estultos; o erro, infelizmente, conduzirá os seus imprudentes descendentes para este caminho.

15 A estes, escondidos sob a cova do sepulcro, a morte devorará, assim como o lobo as pacíficas ovelhas. A eterna temperatura do céu aquecerá, com o esplendor da sua áurea luz, os piedosos mortos; tal qual a luz da manhã flui através dos prados ornados de cores primaveris. A velhice tirará dos estultos as suas forças, No lugar de suntuosas habitações haverá uma fogueira.

16 Mas o benigno Deus protegerá a mim, enfraquecido, da profunda caverna do abismo.

17 Nem o desejo, seu rival, ou o espanto te prejudicarão, se vires aquele, oriundo de uma ímpia plebe e célebre em grande glória, a brilhar ilustre entre os seus inconstantes bens.

18 Quando a inexorável morte lançou a sua mão (sobre ele), de tão abundante riqueza nada levará consigo para debaixo das sombras; e a glória infiel, sua companheira, abandonará o seu túmulo.

19 Enquanto os corações se aquecem com as emanções de um espírito que partiu, ele goza inteiramente dos seus bens, e cuida brandamente de si mesmo, e aconselha a todos a seguir o mesmo caminho.

20 Mas quando ele for (ao encontro de) para junto de seus pais, lamentará por um longo tempo a breve estultícia, levado para os reinos privados de luz, nos quais habita sempre um sombrio horror.

21 Se a sabedoria, que dirige a honra, não se chegar a ele, tal homem é semelhante aos animais irracionais; aos quais a vida torna semelhantes, e da mesma maneira a inglória morte os aguarda.

## COMENTÁRIOS

A paráfrase tem início com o mesmo verbo no imperativo e com o mesmo vocativo da Vulgata:

“Audite haec, omnes gentes;...”

Ainda na mesma estrofe, o parafrasta continua a seguir os passos do texto bíblico, só que trocando o verbo *percipite* pelo verbo *advertite*, daí a mudança de caso do vocábulo *ures*:

“Auribus percipite,”...

Na terceira estrofe encontramos palavras que também foram inspiradas na Vulgata:

“... Simul in unum dives et pauper.”

Vemos que o poeta manteve, do texto bíblico, o adjetivo substantivado *pauper*, mas no que se refere a *dives*, ele o substituiu por uma expressão tipicamente clássica, *opibus potens*.

Na quarta e quinta estrofes, verifica-se a presença explícita de dois termos da Vulgata, *sapientiae* e *prudentiam*, e o emprego da sinonímia no que tange a *pectoris*:

“Os meum loquetur sapientiam, et meditatio cordis mei prudentiam.”

A primeira oração acima, embora atestada pelas outras versões, não condiz com o original hebraico, conforme salienta Derek: “Decifrarei é lit. ‘abrirei’, e pode, portanto, significar expor o problema ou respondê-lo.”<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> KIDNER, op. cit., p. 203.

Fica claro, então, que o verbo escolhido por Buchanan, *recludam*, está mais próximo do hebraico do que da Vulg.

Assim encontramos o versículo 8 na Vulgata:

“Frater non redimit, redimet”

Como vemos, na oitava estrofe, para trabalhar o tema da redenção, o parafrasta faz uso da sinonímia ao empregar no mesmo contexto *germanus* e *frater*. Embora sejam sinônimos, estes dois vocábulos apresentam uma nítida distinção semântica. Enquanto *germanus* traz em si a idéia de “irmão de sangue”, “do mesmo pai”; *frater*, além de “irmão”, pode significar ainda “primo”, “companheiro”, sendo esta última acepção, provavelmente, a mais adequada neste contexto, já que para o rico perverso um companheiro rico vale mais que um irmão.

A partir da terceira estrofe, o poeta escocês utiliza as palavras do poeta Horácio (ode III, liber II, vv. 22-23), que, num tom epicurista, escreve a Délio e aconselha-o a viver de maneira moderada e tranqüila, pois a morte alcança tanto o rico quanto o pobre. Assim, os dois primeiros versos da terceira estrofe da paráfrase tomaram como modelo os versos da ode supracitada, que assim diz: “Divesne prisco natus ab Inacho/ ...an pauper et infima/De gente...” Fica claro, também, que além de o contexto ser o mesmo do poeta latino, a expressão *pauper et infima de plebe* foi quase que copiada, *ipsis litteris*, diferenciando-se apenas da ode pela substituição de *gente* por *plebe*.

Ainda dentro da preocupação em “se viver bem com pouco” (*Vivitur parvo bene*, Liber II, ode XVI, v. 13), o vate escocês continua, no final do mesmo verso, a seguir os passos do poeta.

Vejamos:

Buchanan: ...*Aurique gazis ditibus incubas*.

Horácio: “...non gemmis neque purpura ... neque Auro...” (Liber II, ode XVI, vv. 7-8)

Na nona estrofe o poeta se inspirou na Vulg. para a escolha do vocábulo *pretio*:

“Et pretium redemptionis animae suae.”

O mesmo ocorre com “interitus” (estrofe 10) e com *stultis e sapientibus* (11<sup>a</sup> estrofe), que são copilados do versículo 11 da Vulg.:

“Non videbit interitum, cum viderit sapientes morientes. Simul insipiens et stultus peribunt;...”

O último verso da décima estrofe e o primeiro da décima primeira foram compostos a partir de palavras tiradas do poeta de Venúcia:

“aequa lege Necessitas,

Sortitur insignes et imos;” (Livro III, ode I, vv. 14-15)

Vemos aqui que Buchanan não se limita a empregar termos presentes na ode horaciana tais como *aequa*, *lege* e *necessitas*, mas segue, como podemos constatar, ao compararmos os dois textos, a mesma idéia da ode, ou seja, que a morte está sempre às portas tanto do rico quanto do pobre e que ela os escolhe ao seu bel-prazer.

Ainda na décima primeira estrofe, o salmista, ao falar dos ricos desonestos, adverte-os para o fato de que eles dificilmente gozarão dos tesouros acumulados aqui na terra, ficando, para os seus descendentes, a parte de usufruir deles. Para a elaboração deste verso, o poeta mais uma vez lança mão de versos horacianos:

“Pallida Mors aequo pulsat pede pauperum tabernas/Regumque turre.”; (Lib. I, ode IV, vv. 13-14).

“... neque Attali ignotus heres regiam occupavi, ...” (Lib. II, ode XV, vv. 5-6).

Na estrofe seguinte, o poeta cita alguns bens deixados pelos ricos, como, por exemplo, “palacetes” e “casas de campo”:

“Villae superbae delicias breves

Luxuque structas regifico domos



Linquunt.”

Aqui, finalmente, se ouve a voz do poeta mantuano na construção *Luxuque ... regifico ...* (com o luxo real), que, por sua vez, foi inspirada no livro VI, v. 605 da Eneida, que assim se apresenta: *regifico luxu*. Como podemos perceber, a construção foi tomada *ipsis litteris*, com exceção, é claro, da ordem de colocação das palavras. Ainda neste verso, excertos da ode XVIII, lib. II, v. 19 ecoa nos versos de Buchanan. Vejamos:

Buchanan: ...*structas ... domos ...* (casas construídas);

Horácio: ...*struis domos ...* (constróis casas)

Verifica-se, então, que a única diferença existente entre as duas frases é o fato de o vate escocês empregar o determinante *structas* (construídas) em lugar do verbo *struis* (constróis), presente na ode.

Acreditamos também ser inspirada em Horácio a expressão *Nil interest* (nenhuma diferença há), último verso da paráfrase, a qual é encontrada na ode 3, v. 22, lib. II. É claro que a nossa afirmação aqui não se baseia apenas na reprodução fiel da expressão, uma vez que ela também poderia ser encontrada em qualquer outro autor clássico, mas se baseia, principalmente, no contexto em ela se encontra.

A presença do substantivo *nepotes* (14<sup>a</sup> estrofe), ainda que não corroborado pelas outras versões, leva-nos a crer que ou Buchanan seguiu alguma versão ou pesquisou alguma anotação sobre a passagem onde o substantivo se encontrava, pois a sua escolha encontra respaldo no comentário da SE; “*En pos de ellos para el targ es la posteridad de ellos*”<sup>35</sup>.

Nas estrofes 17 e 18, Buchanan busca explicar o significado de *gloria*, que aparece uma vez em cada uma destas estrofes, ou seja, que *gloria*, neste contexto, refere-se aos “bens” dos ricos,

---

<sup>35</sup> SE. Op; cit., p. 206.

conforme ratifica o comentário da SE: “*Gloria* es la que dan las riqueza, de las que el rico se vale para atemorizar al pobre, a la viuda, al desvalido”<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> Op. cit., p. 2107.

## 5.8. PSALMUS L

Este salmo é um oráculo que censura severamente os hipócritas e os falsos crentes. Seu autor, segundo o título, é Asafe, contemporâneo de Davi. Grande foi a influência da Vulgata na composição desta paráfrase.

1 Qui frenat aequis legisbus arbiter

Superba Regum colla minacium,

Vocabit in jus orbem ab ortu

solis ad Hesperium cubile.

2 Vultu uerendo tum sacer ardua

Pulchrae Sionis de specula loquens,

Ad gentis humanae coactum

Concilium Deus ora soluet.

3 Non facta semper, non sinet impia

Impune grassari, ueniet Deus:

Flammae uorax illum antecedit

Vis rapidis agitata uentis.

4 Testes uocabit, cum populo suo

Acturus, ignes, lumine conscio

Qui cuncta despectant ab alto, et

Omniparae sola uasta terrae.

5 Adeste primum gens mihi propria,

Gens sancta, (dicet,) cui super hostiis

Legem dedi rite offerendis,

Perpetuum pepigique foedus.

6 Hic aequitatem iudicis igneus

Miratus aether, iustitiam Dei

Annunciabit: nam sedebit

(Ne dubita) Deus ipse iudex.

7 Audi Abrahami progenies boni,

Peculiaris gens mihi: te uoco,

Testem benignitatis in te

Perpetuae, et soliti fauoris.

8 Non arguam te, quod mihi victimae

Cruore raro altaria sparseris,

Aut parcus armenti cremaris

Rara sacris holocausta flammis.

9 Non taurum egens te de stabulis peto,

10 Hircumue caulis: omne pecus meum est,

Quod montium anfractus pererrat,

Quod nemorum tegitur latebris.

11 Nec me uolucris rupis in edito

Vsquam recessu nidificans latet:

Non ulla picturato amictu

Ruris auis genialis hospes.

12 Quod esurirem, scilicet ut petam

A te necesse est, arbiter aetheris

Terrae, fretique, et quicquid ingens

Orbis habet gremio capaci.

13 Taurine uescor carnibus, aut bibo

14 Hirci cruorem? Pectore Candido

Grates age, et quouis litabis

Rite Deo sine caede uoto.

15 Tum deprehensus rebus in asperis

Securus implora: auxilium feram,

Grates ut accepta salute

Laetus agas, Dominumque laudes.

16 At impium sic alloquitur Deus;

Qua fronte leges tu recitas meas?

Et ore sanctum impurus audes

Sacrilego memorare foedus?

17 Tu legum habenis impatiens regi,

Et institutis, moribus et bonis

Iuratus hostis, uoce laudas,

Tecum animo mea uerba rides.

18 Cum fure furti consilium cois,

Moechis adulter te socium applicas:

19 Ad probra projectus, dolosa

perniciem meditare lingua.

20 Cum fratre iuncti uincula sanguinis

Oris procacis non rabiem premunt:

Infamia germanum eodem

Dedecoras utero creatum.

21 Et arbitraris me similem tui,

Quod perpetrata haec dissimulauerim?

Ne crede: tecum expostulabo,

Ante oculos tua facta ponam.

22 Considerate haec uos, quibus excidit

De mente caeca mentio numinis:

Ne, quumprehendam, nemo fit, qui de manibus mihi prensa tollat.

23 Si uictimam uis magnificam mihi mactare, laudes canta, age gratias:

Hac itur ad certam salutem,

Haec superos uia pandit axes.

## TRADUÇÃO

1 O árbitro que freia, com justas leis, os soberbos pescoços dos ameaçadores reis, chamará a juízo, desde o nascer do sol até o leito da hespéria, a terra.

2 Com seu rosto digno de respeito, então aquele que é Santo, falando de um lugar bastante elevado da bela Síão, Deus, junto à assembléia reunida, desatará as bocas do gênero humano (do homem).

3 Deus virá, não permitirá que as ímpias ações prossigam impunemente: a força voraz da chama, agitada pelos rápidos ventos o antecederá.

4 Ele convocará as testemunhas, o céu, que, cômscio de sua luz, olha do alto todas as coisas, e as vastas regiões da fértil terra.

5 Comparecei primeiramente, minha própria gente, gente santa – dirá –, a quem sobre os inimigos dei uma lei acima dos sacrifícios que devem ser oferecidos conforme os ritos, e estabeleci uma aliança eterna.

6 Neste momento, o ígneo céu, admirando a equidade do juiz, anunciará a justiça de Deus; pois o próprio Deus se assentará como juiz (Não duvides).

7 Ouve, descendência do bom Abraão, minha gente peculiar. Eu te chamo como testemunha de uma benignidade perpétua e de um favor habitual para contigo.

8 Não te repreenderei por teres banhado os meus altares com o exíguo sangue de uma vítima, ou, para economizar o rebanho, teres cremado poucos holocaustos em chamas sagradas.

9 Eu, ainda que necessitado, não te peço touro dos teus estábulos,

10 nem bode dos teus currais, pois todo rebanho me pertence, tanto o que percorre as curvaturas dos montes, quanto o que é coberto pelos esconderijos dos bosques.

11 A mim não me escapa nem a ave que põe ninhos no recôndito elevado de uma rocha; nem a ave ornada de várias cores que é hóspede do fecundo campo.

12 Ainda que eu tivesse fome, contudo seria necessário que eu te pedisse a ti, eu, o grande juiz do céu, da terra, do mar e de tudo o que o grande orbe tem em seu espaçoso seio

13 Alimento-me das carnes de touro, ou bebo

14 sangue de bode? Com um coração puro, sê grato a Deus, e em qualquer lugar oferecerás a Deus, conforme os ritos, um voto sem sacrifício.

15 Então, surpreendido pelas situações adversas, confiantes, implora a mim. Oferecer-te-ei auxílio, a fim de que, após teres recebido a salvação, feliz, rendas graças, e louves ao Senhor.

16 Mas ao ímpio assim fala o Senhor: Com que cara tu recitas as minhas leis? E com que boca sacrílega, tu que és impuro, ousas lembrar a santa aliança?

17 Tu, que não suportas ser governado pelas correias das leis, e após teres jurado pelas instituições, costumes e bens do inimigo, louvas com a tua voz, ries no teu íntimo das minhas palavras.

18 Tu formas um plano de furto com um ladrão; tu, adúltero, aproxima-te, como companheiro dos homens devassos;

19 Aplicado nas palavras torpes, e com tua dolosa língua, a meditar na ruína dos outros.

20 Os vínculos de sangue que te une ao teu irmão não diminuem a ira de uma boca leviana; desonras, com infâmias, o irmão gerado no mesmo ventre.

21 E me julgas semelhante a ti. Por que ocultaria eu estas ações? Não acredites. Queixar-me-ei de ti, porei os teus atos diante dos teus olhos.

22 Considerai vós estas coisas, das quais, oriunda de uma mente cega, a proposta da divindade discorda; não há ninguém, descobertas estas coisas, que vos tire das minhas mãos, quando eu vos tomar.

23 Se queres oferecer-me uma vítima sublime, canta louvores, rende graças, pois por aqui se vai à segura salvação, este caminho revela as regiões celestes.

## COMENTÁRIOS

Logo na primeira estrofe ecoa a voz do poeta Horácio: “... Regum colla minacium,...” (Lib. II, ode XII, v. 12).

Quanto ao emprego da expressão *ab ortu solis ad Hesperium cubile*, verificamos que ela é a mesma presente na paráfrase LXVI, diferenciando-se daquela apenas pelo ponto de partida. Enquanto aqui o ponto de partida é o oriente, na paráfrase XLVI é o ocidente, como se verifica no exemplo de lá extraído: “... a cubili Hesperio ad ortus solis”.



Ainda nesta estrofe, o poeta emprega o mesmo verbo presente na Vulgata, *vocare*, só que, diferentemente dela, que emprega o *perfectum*, “*vocavit*”, ele prefere o *infectum*, indo ao encontro, assim, da BJ e da ARA, que se diferenciam dele apenas por não empregarem o futuro, conforme os exemplos:

BJ: “Fala Iahweh, o Deus dos deuses, convocando a terra, do nascente ao poente.”

ARA: “Fala o Poderoso, o Senhor Deus, e chama a terra desde o Levante até ao Poente.”

O segundo verso da terceira estrofe também foi transcrito da Vulg.:

“Deus manifeste veniet;”

Como podemos perceber acima, a única distinção entre o texto de Jerônimo e o da paráfrase é a ordem das palavras, que, com certeza, foi alterada por razões métricas.

Não encontramos, em nenhum dicionário, registro do adjetivo *omniparae*, o qual parece ser um neologismo criado a partir do adjetivo *omniparens, -entis* ou uma glosa.

Quanto a Sião, ler o comentário da paráfrase do salmo XLIII.

Na terceira estrofe, ele também segue a Vulgata ao empregar a oração *Veniet Deus*. Para retratar o impacto deslumbrante e avassalador causado pela chegada da divindade, cujo aparecimento se dá no meio do fogo e da tempestade, o poeta recorre à voz do poeta mantuano na frase *Vis rapidis agitata ventis*, que se encontra na Eneida, VI, 75.

Na quarta estrofe, enquanto a Vulgata emprega a forma *advocabit*, composto de *vocabit*, o parafrasta prefere a forma primitiva, tendo como fonte de apoio a NVL:

“Vocat caelos...”

Neste verso também aparece, no genitivo, a palavra *terrae*, só que no texto bíblico ela aparece no acusativo singular. A expressão *populo suo* também foi inspirada na Vulgata, que a apresenta no acusativo singular, *populum suum*.

A expressão *iustitiam Dei annuñciabit*, sexta estrofe, também foi subtraída do texto bíblico: “...annunciabunt ... iustitiam eius”;

Verifica-se, então, que a substituição do genitivo *Dei* pelo pronome anafórico *eius* foi a única diferença entre elas. Aqui também encontramos outro excerto da Vulgata: *Deus iudex*.

A sétima estrofe começa, assim como no Salmo, com o verbo *audire* no imperativo. Para parafrasear a expressão bíblica “populus meus”, Buchanan emprega *Abrahami progenies boni*, fazendo menção, assim, ao primeiro patriarca do povo hebreu e com quem Deus fez o pacto de, a partir dele, constituir uma grande nação.

Vejamos como se inicia o versículo oito da Vulg.:

“Non in sacrificiis tuis arguam te;”

Constata-se, portanto, que, no que diz respeito à oração “Non arguam te”, o poeta não se preocupou nem em mudar a ordem de colocação dos termos que a compõem.

Da sétima à décima quinta estrofe, o juiz revela que não veio para pronunciar sentenças, mas para trazer a verdade à luz e os pecadores ao arrependimento.

Vejamos como se encontra o versículo nove na Vulgata:

“Non accipiam de domo tua vitulos, neque de gregibus tuis hircos;”

Ao compararmos este versículo com a paráfrase, percebemos, de imediato, que o poeta transcreve da Vulg. o vocábulo *hircus*, mas o emprega no singular. A escolha do número parece não ser aleatória, já que ele também é atestado pela BJ:

“... não vou tomar um novilho de tua casa, nem um cabrito dos teus apriscos;”

A escolha do vocábulo *taurum*, principalmente quanto ao número, parece ter sido inspirada no texto hebraico, uma vez que esta versão recorre ao termo פָּר (par), “novilho”, “touro”, que, como vemos, se encontra no singular.

O genitivo *rupis* com certeza está mais próximo do texto hebraico do que da Vulgata. A nossa conclusão se baseia no fato de que, no texto hebraico, a palavra ali presente é “montanhas”, ou seja, “conheço as aves todas das montanhas”. Assim, por metonímia, “rocha” se encontra no lugar de “montanhas”. Já na Vulgata, a representação destas aves se dá não pelo local onde elas habitam, mas pelo espaço onde voam:

“Cognovi omnia volatilia caeli”.

Na 12<sup>a</sup> estrofe, aparece o epíteto *arbiter aetheris*, que era empregado pelos poetas clássicos para se referirem a Júpiter, como testifica a seguinte passagem da Eneida: “rex Aetheris altus Iuppiter” (12, 140).

Da décima sexta à vigésima primeira, as palavras do Criador são dirigidas não mais aos gentios, mas aos nominalmente ortodoxos, aqueles que combinam a iniquidade com os atos do culto.

No final da décima sexta, o tradutor bíblico emprega o termo *testamentum*, mas o poeta prefere *foedus*. A *Nova Versio Latina* parece corroborar esta preferência, pois, tal qual o texto da paráfrase, utiliza a palavra *foedus*:

“... Et habes in ore tuo foedus meum?”

Constatamos, assim, que além da escolha do poeta não ser aleatória, o *Index Biblicus Doctrinalis* da Vulg. também ratifica esta escolha ao lembrar-nos que em muitas passagens da Vulg. *Testamentum* “ponitur pro foedere”<sup>37</sup>.

Logo no primeiro verso da estrofe seguinte encontramos uma expressão própria da linguagem jurídica, *legum habenis*, razão pela qual encontra acolhida em Cícero, na obra *De oratore* 3, 41, 166.

---

<sup>37</sup> Op. cit., p. 1211-12.

No último verso desta estrofe encontramos o sintagma *mea verba*, que na Vulgata aparece como “sermones meos”. Também aqui a NVL vem ao encontro da paráfrase ao empregar a mesma expressão, diferenciando-se apenas pela ordem das palavras:

“... Et projecisti verba mea post me”.

A construção *Et arbitraris me similem tui*, que aparece na vigésima primeira estrofe, é praticamente igual à da Vulgata:

“Existimasti inique quod ero tui similis:”

A diferença entre elas, *mutatis mutandis*, é de ordem meramente sintática. O latim da Vulgata, que já se afastava a passos largos do latim clássico, emprega o conectivo *quod* para introduzir uma oração que, no latim clássico, não possuía conectivo, mas era representada pelo verbo no infinitivo e possuía sujeito acusativo.

## 5.9. PSALMUS LI

O *miserere* é uma oração penitencial e, dentre os salmos penitenciais, é o mais usado, o mais traduzido e o mais comentado. A função emotiva, predominante neste salmo, apresenta um Davi arrependido de seus pecados pessoais e, após a sua confissão, a busca da santificação.

3 O Salus rerum, lacrimis precantum

Mollibus flecti facilis, rogantem

Lenis exaudi, scelerumque tetras

Ablue sordes.

4 Vsque peccati laue et usque labem,

Dum repurgatum maculis pudendis

Purius corpus niteat recocto ignibus Auro.

5 Nam meam agnosco (pudet heu pigetque)

Ah miser labem: uitique foeda

Mentis obuersans oculis imago semper oberrat.

6 Vnus arcani es mihi testis: unus

arbiter uerax, temerario ausu

improbas linguas tua iudicantum

facta refutas.

7 quippe iam primo scelus usque ab ortu

haeret, infectas uitians medullas:

deque conceptu genitricis hausit semina labis.

8 At tibi cordi est sine fraude ueri

simplicis candor, fideique certae

puritas, nullo labefacta duri

turbinis ictu.

Hanc facis tanti, uitiis ut atris

Oblito, legum sapientiaeque

Tu mihi arcanae facilis beatum

Indulseris haustum.

9 ergo me hyssopi, sator alme, lustra

Frondis adpersu: maculaeque cedent,

Membra candorem tibi lota uinent

Pura niualem.

10 Si bonus laetum placidusque mittas

Nuntium, tristem mihi recreabis

Gaudio mentem: stupidos recurret

Robur in artus.

11 Ne meos lapsus oculis acutis

Semper obserua, numeraue labes:

Sed malae culpae nimium tenaces abluere sordes.

12 Cor mihi rectum, scelerisque purum,

O potens rerum genitor, refinge:

Spiritum firmum renoua nouata

Cordis in aula.

13 Neu mihi auertas faciem, tuoque

Arceas uultu procul, auferasque

Spiritum sanctum, calida incitatus

Rursus ab ira.

14 Rede, speratae solido ut salutis

Gaudio per te fruar, inquieti

Spiritu motus animi rebelles

Principe firma.

15 tum meo exemplo moniti scelesti,

Quos uia flexit malesuadus error,

Denuo legum duce me tuarum

Iussa capessent.

16 Expia noxa mihi sospitator

Caedis infandae caput obligatum, ut

Te canam iustum, pariterque lapsis

Parcere largum.

17 Tu uiam uocis mihi pande: mutum

Tu Deus linguae moderare plectrum:

Tum feram late tua magna gentes

Facta per omnes.

18 Victimae si te caperent, dedissem

Victimam: sed te neque sanguis hirci

Fusus, aut sacris holocausta placant

Addita flammis.

19 Poenitens fraudum scelerumque pectus

Spiritus fracti, mala cor perosum,

Haec Deum placant: adhibe haec, et absque

Thure litabis.

20 Gentis humanae bone dux, Sionem

Quo soles uultu facilis tuere:

Pace florentes Solymae beatae protege turre.

21 Tum tibi uotis bona mens pudicis

Sacra persoluet: sacer hircus ignes

Pascet, et sanguis uituli calentem

Imbuet aram.

## **TRADUÇÃO**

3 Ouve, de maneira bondosa, ó salvação de todas as coisas, ao que roga, comove-te facilmente com as doces lágrimas dos que te suplicam, e purifica as repugnantes infâmias dos meus crimes.

4 Lava continuamente a mancha do meu pecado, a fim de que o meu corpo, livre das máculas que lhe causam vergonha, brilhe mais puro do que o ouro forjado de novo no fogo.

5 Porque conheço o meu pecado (Ai! Dele me vergonho e me arrependo) Ah! Miserável que sou; e a vergonhosa imagem do vício e do espírito, que está diante dos meus olhos, está sempre ao meu redor.

6 Tu és a única testemunha do meu segredo; o único juiz verdadeiro, tu repeles as línguas perversas daqueles que, com audácia temerária, julgam teus preceitos.

7 Com efeito, já desde o meu nascimento, o crime, que corrompe as medulas não formadas, está apegado a mim; e desde a minha concepção, experimentei a semente do pecado materno.



8 Mas o teu coração sem fraude, tem a candura de uma pura primavera, e a pureza de uma fidelidade segura, de modo algum abalada pelo duro golpe de um redemoinho. Tu a fazes de tanto valor que, esquecido dos meus funestos vícios, conceder-me-ás facilmente um gole feliz da sabedoria oculta das tuas leis.

9 Purifica-me, pois, com a aspersão da folha de hissopo, criador da vida; e as minhas máculas desaparecerão; após serem lavados por ti, os meus membros agora puros excederão a neve em brancura.

10 Se tu, que és bom e plácido, enviases uma notícia agradável, reanimarás, com a tua alegria, um espírito triste; a força voltará aos fracos membros.

11 Não observes sempre os meus erros com olhos recriminadores, nem enumeres as minhas máculas; mas purifica inteiramente as repugnantes infâmias de uma culpa funesta.

12 Devolve-me, ó Criador de todas as coisas, um coração reto e limpo de crimes. Renova (em mim) um espírito firme no espaço transformado do meu coração.

13 Não afastes de mim a tua face, nem mantendas o teu rosto longe de mim e, impellido outra vez pela ardente ira, não retires de mim o teu Espírito Santo.

14 Torna a fazer com que eu, por meio de ti, goze de uma alegria completa da esperada salvação; fortifica, com um espírito de nobreza, os movimentos rebeldes de uma alma inquieta.

15 Então, com o meu exemplo de uma profecia funesta, sendo eu o representante das tuas leis, os teus preceitos, que um erro maléfico desviou do teu caminho, novamente me alcançarão.

16 Purifica, Senhor, a minha cabeça oferecida a uma morte horrível, para que eu te celebre, tu que és justo, e igualmente pródigo em perdoar os que se encontram caídos.

17 Abre tu o caminho da minha voz; modera, ó Deus, o plectro mudo da minha língua; então anunciarei amplamente por todos os povos os teus grandes feitos.

18 Se as vítimas te cativassem, eu teria oferecido uma; mas nem o derramamento de sangue de bode, ou os holocaustos devorados pelas chamas sagradas te aplacam.

19 Um coração arrependido de suas fraudes e ações criminosas, espíritos quebrantados, um coração que detesta as coisas más, estas coisas comovem a Deus; oferece tais coisas e sacrificarás sem incenso.

20 Contempla com o teu rosto, ó bom Chefe da raça humana, a Sião, onde facilmente costumás habitar. Protege, com a tua paz, as luzentes torres da ditosa Jerusalém.

21 Então uma alma oferecer-te-á, com votos virtuosos, bens sagrados; um bode sagrado alimentará os céus, e o sangue de um vitelo tingirá o quente altar.

## COMENTÁRIOS

De início, vejamos como se encontra, na Vulg. e na NVL, a quinta estrofe, respectivamente:

“Quoniam iniquitatem meam ego cognosco...”

“Nam iniquitatem meam ego agnosco...”

Percebemos, então, que a paráfrase, no que concerne ao emprego de “nam” e “agnosco” está bem mais próxima da NVL do que da Vulg., o que vem a comprovar mais uma vez a influência de alguma versão da época sobre o texto de Buchanan.

Assim encontramos o versículo doze na Vulgata:

“Cor mundum crea in me, Deus, et spiritum rectum innova in visceribus meis.”

Ao compararmos este versículo com a décima estrofe da paráfrase, notamos que, embora permaneça a idéia original, a paráfrase está muito mais próxima da NVL:

“Cor mundum crea mihi, Deus, et spiritum firmum renova in me.”

Verifica-se, portanto, que a oração *Spiritum firmum renova*, não foi uma mera criação literária, mas, com certeza, deve encontrar apoio em alguma versão quinhentista, sendo também a tradução preferida da BJ e da ARA, respectivamente:

“... renova um espírito firme no meu peito;”

“... renova dentro em mim um espírito inabalável.”

Merece destaque ainda, o fato de a BJ empregar “no meu peito”, expressão esta bem mais inteligível, aproximando-se, assim da paráfrase, do que “in visceribus meis” (Vulg.), que é uma tradução literal do hebraico para designar “peito ou coração”, conforme explicação da própria Vulg.: “Viscera habebantur apud Hebraeos pro sede affectuum commotionumque animi, unde iuxta nostrum modum loquendi verbum esset vertendum in cor”<sup>38</sup>.

A escolha feita por nós para a tradução de “de nobreza” para o adjetivo *Principe*, baseia-se na explicação dada pela SE a este vocábulo: “un *espíritu* generoso, de *nobleza* (nedibah),...”<sup>39</sup> Vale lembrar que na Vulgata a forma latina utilizada é o adjetivo *principali*, que não traz consigo a idéia de nobreza.

Na vigésima estrofe, onde se encontra *Ierusalem* na Vulg., o vate escocês opta por *Solymae*, forma abreviada de *Hierosolyma* e de cunho notadamente clássico, conforme comentário do prof. Ford no salmo XLVI.

---

<sup>38</sup> Op. cit. p. 1237.

<sup>39</sup> Op. cit. p. 212.

## 5.10. PSALMUS LII

O salmo abaixo é uma forte repreensão ao homem perverso que usa a sua língua para o mal.

3 Quid gloriaris, impie Tyranne, prauis artibus?

Innoxis clementia

Diuina semper excubat.

4 Tua lingua semper fraudibus

Intenta comminiscitur

Nefas, nitente cotibus

Acutior nouacula.

5 Te praua rectis plus iuuant,

Plus falsa ueris recreant:

6 Dolisque pestilentibus

Libenter aurem commodas:

7 Ergo Deus te conteret,

Hominumque contubernio

Eliminabit, ac domum

Euertet omnem funditus.

8 Iustus uidebit, et grauem

Dei pauebit dexteram:

Vanaque dignos exitus

Ridebit impotentia.

9 En ille gaxis (inquiet)

Malisque fidens artibus,  
Securus ille numinis,  
Diuinae opis nil indigens.  
10 Ego, ceu uirens oliuula,  
Domini in agello consita,  
Florebo, spe fretus bona  
Coelestis indulgentiae.  
11 Te semper in coetu pio  
Fraudis scelestae uindicem  
Canam, et tuae clementiae  
Spe dura cuncta perferam.

### **TRADUÇÃO**

3 Por que te glorias, ímpio tirano, nos atos desonestos? A clemência divina sempre vela pelos inocentes.

4 A tua língua, mais afiada do que uma navalha reluzente nas pedras de amolar e aplicada às fraudes, sempre maquina o mal.

5 As coisas desonestas te agradam mais do que as retas, e as falsas te encantam mais do que as verdadeiras.

6 De boa vontade, dás ouvido às astúcias perniciosas.

7 Por isso Deus te destruirá, te expulsará do convívio dos homens e derrubará completamente os alicerces da tua casa.

8 O justo verá, e temerá a forte destra de Deus; e escarnecerá do desfecho da tua vã impotência.

9 (O justo) dirá: Eis aqui aquele que confia em seus tesouros, nos seus feitos perniciosos, que não teme a divindade e que não tem necessidade dos bens divinos.

10 Quanto a mim, florescerei como uma pequena oliveira verdejante, semeada no pequeno campo do Senhor, confiado na boa esperança da indulgência divina.

11 Cantar-te-ei sempre, vingador da fraude criminosa, e sofrerei todas as provações na esperança da tua clemência.

## COMENTÁRIOS

Buchanan inicia a paráfrase tal qual o salmista, ou seja, questionando o homem ímpio com a mesma indagação do salmista: *Quid gloriaris?*

Emprega também, assim como no texto hebraico, um vocativo, *impie Tyranne*, diferenciando-se, deste modo, do texto latino, que recorre, para falar do homem iníquo, a uma oração adjetiva: “... Qui potens es in iniquitate?” Além do caso, Buchanan, com certeza, foi buscar no original hebraico o vocábulo “tirano”, conforme nota da BJ sobre esta passagem: “O hebr. Seria traduzido:” Ó Tirano, ...”.<sup>40</sup>

Vejamos como se apresenta o sintagma *fraudibus Intenta* na BJ e na Vulg., respectivamente:

“... Tua língua é navalha afiada, autora de fraudes.”

“Sicut novacula acuta fecisti dolum.”

---

<sup>40</sup> A BÍBLIA DE JERUSALÉM. Português. *Bíblia Sagrada*. 2. ed. rev. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 1004.

Fica claro, então, que a construção *fraudibus Intenta* é testificada pela BJ, não apenas pela presença do vocábulo “fraudes”, mas também por apresentar uma sintaxe equivalente à paráfrase, ou seja, apõe ao lado de “língua” o seu determinante.

Na quarta estrofe, o sintagma *tua lingua*, que também aparece na Vulgata, é comparada a uma *novacula*, o que também ocorre na NVL e na BJ:

“Lingua tua est velut novacula acuta,...”

“tua língua é navalha afiada,”

O mesmo, porém, não ocorre na Vulgata:

“Tota die iniustitiam cogitavit lingua tua;

Sicut novacula acuta fecisti dolum.”

Neste versículo, embora a segunda oração expresse uma comparação, o termo da comparação, *nouacula acuta*, não é comparado à *lingua tua*, mas sim ao homem ímpio.

A oitava estrofe, com certeza, foi baseada no versículo oito da Vulg:

“Videbunt iusti, et timebunt; et super eum ridebunt, et dicent:”

Verifica-se, assim, a presença, na paráfrase, dos verbos *videre*, *ridere* e do nominativo *iustus*. A única diferença existente entre o texto da Vulg. e o da paráfrase é meramente quanto ao número, o que se deve, provavelmente, à métrica.

Na nona estrofe encontramos o adjetivo *uirens*, que substitui *fructifera*, na Vulgata. Destacamos este vocábulo pelo fato de ser ele a tradução literal da palavra que se encontra no texto hebraico, ou seja, רענו (raanan), que, literalmente, significa “verde”, “fresco”, mas que, metaforicamente, equivale a “próspero”, razão pela qual, talvez, a Vulgata tenha preferido a tradução conotativa à denotativa. Vale ressaltar ainda que a *Nova Versio Latina* e a Neovulgata, em concordância com Buchanan, também preferem *virens* a *fructifera*. Por fim, para reforçar a escolha feita por Buchanan, transcrevemos o comentário de Derek: “A **oliveira** é uma das árvores que vive

mais tempo; aqui, o fato é duplamente ressaltado, pois a oliveira na figura de Davi é **verdejante** (“cheia de seiva” – Weiser),...”<sup>41</sup>.

Nesta mesma estrofe, aparecem duas palavras no diminutivo: *olivula* e *agello*. Não acreditamos que a escolha destes dois vocábulo esteja simplesmente ligada à métrica, mas sim que as duas possuem valor afetivo, já que a função emotiva é a que predomina nesta passagem.

Ainda nesta estrofe, só que no terceiro verso, encontramos o adjetivo *fretus*, que com certeza foi empregado como sinônimo do verbo *confidere*, que não aparece na Vulgata (*speravi*), mas que é testificado pela NVL, ARA e BJ, respectivamente:

“... Confido in misericordia Dei...”

“... confio na misericórdia de Deus...”

“... eu confio no amor de Deus...”

---

<sup>41</sup> Op. cit., p. 217.



### 5.11. PSALMUS LIV

Neste salmo Davi suplica a Deus que o livre de seus inimigos, quer de outros povos, quer os de seu próprio povo.

3 Rerum parens me protege,

Et saeuo ab hoste libera,

Nomen boni ut colant tuum,

Et uim pauescant impii.

4 Audi benignus supplicem,

Nec durus aurem questibus

5 Occlude: uitae nam meae

crudelis hostis imminet.

Infectus hostis imminet

Vitae meae: nec uindicem

Dei potentis dexteram

Sibi imminentem respicit.

6 Rerum sed aequus arbiter

Opem feret: periculis

Me liberatum fulciet,

Et sospitem tuebitur.

7 Suis peribit artibus

Scelestas fraudes, et incident

In ipsa caeci retia,

Quae clam mihi tetenderant.

8 Liber periculo, uictimis

Te munerabor: te canam

Patrem, bonis placabilem,

Malisque formidabilem:

9 Qui libero molestiis

Mihi dedisti gaudia

Haurire laeto lumine

De clade gentis perfidae.

## TRADUÇÃO

3 Protege-me, Pai de todas as coisas, e livra-me do cruel inimigo, para que os bons cultuem teu nome e para que os ímpios temam tua força.

4 Ouve benignamente ao que te suplica e não feches severamente o teu ouvido aos que se queixam;

5 pois o cruel inimigo da minha vida se levanta contra mim. O perigoso inimigo da minha vida se levanta contra a mim; nem se volta para olhar a vingadora destra do poderoso Deus, a qual se levanta contra ele.

6 Mas o justo árbitro de todas as coisas me socorrerá, fortalecerá a mim, livre dos perigos, e me conservará a salvo.

7 Por meio de suas próprias artimanhas, a criminosa fraude sucumbirá, e os cegos cairão nas suas próprias redes, as quais, em secreto, foram armadas para mim.

8 Livre do perigo, oferecer-te-ei sacrifícios; celebrar-te-ei como Pai, clemente para os bons e temível para os maus.

9 Tu que me concedeste a mim, livre das moléstias, contemplar, com um olhar alegre, a desgraça de uma gente pérfida.

## COMENTÁRIOS

No primeiro verso encontramos um pedido de socorro do salmista e uma súplica para que Deus defenda a sua causa, outorgando-lhe justiça. No que diz respeito ao texto bíblico, apenas a palavra *vim* equivale à expressão *in virtute tua* (pela tua força), podendo, semanticamente, ser traduzida como “poder”. Em substituição ao vocativo predominante no livro II, *Deus, Elohim* em hebraico, o poeta recorre à forma clássica *Rerum parens*. O vate mantém também o modo predominante na Vulgata, o imperativo de súplica, através dos verbos *protege* e *libera*. A presença de duas orações subordinadas adverbiais finais mostra que o texto de Buchanan é mais hipotático do que o texto original, o que não é de se estranhar, uma vez que a língua hebraica (em especial o livro de Salmos) é, em sua maioria, uma língua paratática.

Na quarta e quinta estrofes, ainda de acordo com o texto de Jerônimo, predominam o emprego do imperativo *Audi* (presente na Vulgata) e *nec occlude*. Também do original latino encontramos o determinado *aurem*. Uma característica estilística de Buchanan é o emprego de adjetivos com valor de advérbios, como acontece aqui com o adjetivo *benignus*. Na Vulgata encontramos, no verso quatro, o imperativo *exaudi*, derivado de *audi*, que, por sua vez, é o preferido pelo poeta, sendo também a forma presente na Nova Versio Latina.

Na quinta estrofe, ao empregar o sintagma *crudelis hostis vitae meae*, o autor parece querer explicar o significado de *Et fortes quaesierunt animam meam* (Vulg.), conforme explicação da SE: “... violentos son los perseguidores de David, que *buscan su alma*, atentan contra su vida;...”<sup>42</sup>. Vale destacar ainda que a Nova Versio Latina e a Neovulgata corroboram o texto da paráfrase: *uitam meam*.

Ainda nesta estrofe, encontramos outra característica estilística de Buchanan, a qual, por sua vez, já estava presente no texto bíblico: o paralelismo. Aqui encontramos a construção *crudelis hostis imminet/ Infectus hostis imminet*, que pode ser classificada como um paralelismo sinonímico, uma vez que a mesma idéia é repetida, modificando-se apenas o determinante de *hostis*. Merece destaque ainda a presença da expressão *hostis imminet*, que é abundantemente empregada nas paráfrases do segundo livro. De natureza bélica, esta expressão parece ter sido cunhada de Júlio César, mais precisamente, acreditamos, de sua obra *De Bello Gallico*, como podemos comprovar com este exemplo: “instabat agmen Caesaris atque universum imminebat” (B. Gal. 1, 80).

Ainda na quinta estrofe, em lugar do hebraísmo *ante conspectum suum*, Buchanan emprega simplesmente o verbo *respicit*.

Na sexta estrofe, Deus é apresentado como o ajudador do salmista. Não encontramos aqui nenhuma reminiscência do texto bíblico, a não ser na idéia de que “Deus é o seu socorro”. Quanto aos tempos verbais, a paráfrase usa os verbos no futuro imperfeito (*feret, fulciet e tuebitur*), adiantando-se, assim, ao texto bíblico, que só vai empregá-lo a partir do versículo seguinte, preferindo, aqui, o presente: *adiuuat e est*.

Vejamos agora como se apresenta o final do versículo nove deste salmo na Vulgata e na ARA:

---

<sup>42</sup> Op. cit. p. 216.

“... Et super inimicos meos despexit oculus meus.”

“... e os meus olhos se enchem com a ruína dos meus inimigos.”

Ao compararmos as duas versões com a paráfrase, percebemos que esta está bem mais próxima da ARA do que da Vulgata, principalmente pelo fato de recorrer ao ablativo *clade*, que na ARA corresponde à “ruína”.

## 5.12. PSALMUS LV

O autor deste salmo, segundo o título, é Davi e relata dois episódios: a rebelião do filho de Davi, Absalão, e a traição de Aquitofel. Pode tipificar, ainda, a paixão de Cristo e a traição de Judas.

2 Caelitum rector bone, mitis

aurem

Admouem in rebus trepidis uocanti,

Neu meos uultu tetrico seuerus

Despice questus.

3 Adspice attentus mihi quo tumultu

Aestuet pectus: gemitus Dolores

Quo fremant, dum uis mihi frauque

Saeui

Imminet hostis.

4 Imminet saeuus capiti tyrannus,

Et meae famae meditatur atrox

Crimen, et secum furit impotenti

Turbidus ira.

5 Cor micat, neruis trepidant solutis

6 Ossium nexus, animus labascit,

semper et pallens oculis oberrat

Mortis imago.

7 Ergo sic mecum loquor: O quis altos

Nubium in tractus celeri columbae

Me leuet penna, nemorum et

Remotis

Sistat in antris!

8 Ut procul cura trepida metuque

Montium solos habitem recessus,

9 Ocior uentis ferar et corusci

Fulminis alis.

10 O Deus linguas male perde praeuas,

Illitas linguas gelido ueneno:

Quae dolis, probris, rabidisque

Vexant

Litibus urbem.

11 Siue lux fundat radios micantes,

Siue nox fundat tenebras opacas,

Excubant muris maledicta, uicis

Omnibus errant.

12 Vis, furor, fraudes, scelerum libido

Obsidet cunctos aditus uiarum,

Et fames auri miseram trucidans

Foenore plebem.

13 Si palam saeuos inimicus enses

Stringeret, si clam laqueos pararet,

Dente si famam peteret maligno,

Aequior essem:

14 Tu mihi insultas comes et sodalis,

15 Testis arcani taciturni, et auctor

Consili, sacrae totiesque iunctus

Foedere mensae.

16 Gentis humanae moderator, orbem

Qui salutari Regis aequitate,

Fraudis auctores scelerumque uiuos

Obrue terra.

17 At mihi attentam dabis aequus aurem,

18 Siue lux promat radios ab undis,

Siue lux condat radios sub undis

Vespere sero.

19 Inter hostiles dabis ut tumultus

Tutus euadam: mihi nam superbis

Viribus fretus numeroque saeuus

Imminet hostis.

20 O potens rerum, sine fine poenis

Tu premes iustis scelus impiorum

Arrogans pectus quibus obstinata

Intumet ira.

21 Pace qui ficta simulant amicae

Mentis affectus, animoque uirus



Occulunt, prisco neque facta curant

Foedera ritu:

22 Lacteus blando fluit ore riuus:

Bella cor spirat fera, suauiorque

Balsamo sermo secat instar ensis

Vulnere caeco.

23 Tu tui curam Domino relinque,

Is tuos gressus reget, is Dolores

Leniet, iustumque ope subleuabit

Rebus in arctis.

24 Impio, fallaci, auidoque caedis

Fila mortis rumpet uiridi in iuuenta:

Me tui, rector bone, spes fauoris

Certa fouebit.

2 Ó bom Senhor dos habitantes dos céus, ouve com brandura ao que clama em meio às adversidades, e não desprezes severamente as minhas lamentações com um rosto carregado.

3 Atento, examina-me, para que meu peito arda com a agitação e para que as minhas dores ressoem com o meu gemido, enquanto a força e a fraude do cruel inimigo pendem sobre mim.

4 O cruel tirano persegue a minha cabeça, e prepara uma acusação atroz à minha reputação, e furioso consigo mesmo, ele se agita com uma impotente ira.

5 O meu coração palpita; relaxados os nervos, as juntas dos ossos se agitam,

6 o meu espírito cambaleia, e a pálida imagem da morte passa sempre diante dos meus olhos.

7 Por isso assim falo comigo mesmo: Ó quem me elevaria às altas regiões das nuvens com as rápidas penas de uma pomba, e me colocaria nas distantes cavernas dos bosques!

8 Oxalá possa eu habitar os sopés recuados dos montes, longe das preocupações inquietantes e do medo,

9 eu seria levado pelos ventos mais rápidos e pelas asas de um raio cintilante.

10 Destrói grandemente, ó Deus, as más línguas, as línguas contaminadas pelo gélido veneno. As quais perturbam a cidade com enganos, opróbrios e discussões enraivecidas.

11 Quer a luz espalhe os seus luzentes raios, quer a noite espalhe as suas trevas opacas, as palavras injuriosas estão fora dos muros, vagam por todas as aldeias.

12 A violência, o furor, as fraudes, o desejo de crimes bloqueiam todos os acessos às ruas, e a fome de ouro que trucidava o miserável povo pela usura.

13 Se um inimigo desembainhasse publicamente as cruéis espadas, se preparasse secretamente ciladas, se procurasse fama por meio de um dente maligno, eu estaria mais tranqüilo.

14 Mas tu, companheiro e amigo, me insultas,

15 tu és testemunha de um segredo obscuro, e presidente da assembléia e tantas vezes unido à mesa sagrada pela aliança.

16 Ó Governador da raça humana, tu que governas a terra com uma equidade salutar, sepulta vivos na terra os que planejam fraudes e crimes.

17 Mas tu, que és justo, hás de ouvir-me atentamente,

18 Quer a luz faça aparecer das ondas os raios, quer, à noite, ela os oculte sob as ondas.

19 Tu permitirás que eu, seguro, escape dos tumultos por entre os meus inimigos; pois o cruel inimigo, confiado nas suas soberbas forças e no seu número, me persegue.

20 Ó Senhor de todas as coisas, eternamente tu condenarás com justas penas o crime dos ímpios, cujo coração arrogante se enche da ira obstinada.

21 Os quais, fingindo paz, simulam afetos de um coração amigo, e ocultam o seu veneno no espírito, e não cumprem os pactos feitos segundo o antigo rito.

22 Um lácteo rio flui de sua agradável boca; mas o seu coração exala ferozes guerras, e a sua palavra, que é mais agradável do que o bálsamo, corta como uma espada de golpe cego.

23 Entrega os teus cuidados ao Senhor, e ele dirigirá os teus passos e aliviará as tuas dores, e, com a sua força, socorrerá o justo nas suas dificuldades.

24 Ao homem ímpio, mentiroso, e ávido de morticínio, a morte romperá os seus fios na flor da mocidade; a mim, porém, ó bom Senhor, a esperança segura em teu favor me sustentará.

## COMENTÁRIOS:

O poeta busca em Vergílio as palavras apropriadas para compor a nona estrofe: *Ocyor ventis ferar et corusci Fulminis alis*, palavras estas presentes no segundo livro da Eneida, verso 319.

Na décima estrofe, como de hábito, Buchanan prefere a coesão lexical à gramatical, retomando, assim, o substantivo *linguas* não por meio de um pronome, mas repetindo-o. O mesmo não ocorre, porém, no verso seguinte, onde o pronome *Quae* retoma *linguas*.

Ainda nesta estrofe, vale comentar a presença do imperativo *perde*, “destrói”, que na Vulg. é representado pelo verbo *praecipita*. Embora este também possa ser traduzido

como “destruir” (uma acepção secundária e abstrata), acreditamos que a preferência por *perdere* está mais de acordo com o contexto em estudo, uma vez que ele traz consigo não apenas o sentido de uma destruição física, mas também moral. Aqui ainda, o vate, ao empregar o acusativo *linguas*, segue o texto da Vulg., indo, assim, de encontro aos texto da ARA, que emprega “conselhos” em lugar de “línguas”.

Na décima primeira estrofe, o poeta, para falar da noite e do dia, faz uso de um recurso poético bastante empregado no livro de Salmos: o paralelismo antitético. Assim, o primeiro verso, que é a imagem do dia, representa o anverso do segundo, que é a imagem da noite. A mesma imagem e a mesma idéia voltam a aparecer na décima oitava estrofe.

Na décima segunda estrofe, diferentemente da Vulg., que emprega *usura*, a paráfrase faz uso de um sinônimo deste vocábulo, *Foenore*, sinônimo este definido pelo próprio *index* da Vulg. como o “*lucrum quod ex pecunia vel aliis rebus commodatis exigitur.*”<sup>43</sup>

Há, na décima terceira estrofe, uma hipálage, pois embora *saevos* seja o determinante de *enses*, ele se refere, na verdade, ao “inimigo”.

Comparemos agora o versículo 14 da Vulg. com o mesmo versículo da NVL:

Vulg.: “Tu vero homo unanims...”

NVL: Sed eras tu, sodalis meus,...

Percebe-se, neste cotejo, que *Sodalis* (14<sup>a</sup> estrofe), graças à atestação da NVL, não é mero fruto da imaginação do poeta escocês, mas que provavelmente foi copilada de alguma versão latina.

O vocativo *O potens rerum*, vigésima estrofe, era um epíteto próprio para designar, na língua pagã, o deus dos deuses: *rerum omnium potens Juppiter* (TÁC. Hist. 4, 84).

---

<sup>43</sup> Op. cit., p. 1211.

Na vigésima primeira estrofe, encontramos uma expressão clássica, *Mentis affectus*, que nos faz recordar o poeta Ovídio nos Trist. 4, 3, 32.

Na vigésima segunda estrofe, destacamos, na expressão *Lacteus blando fluit ore riuus*, o adjetivo *blandus*, *a, um*, que também aparece na *Nova Versio Latina*, só que no grau comparativo: “Blandior butyro est facies eius,...” Cabe ressaltar ainda que, enquanto a Vulgata aqui emprega *vultus* e a NVL, *facies*, o vate escocês prefere *ore*, indo assim ao encontro da NV: “... est os eius,...”, e do texto hebraico, פה (peh), “boca”.

Na vigésima terceira estrofe, encontramos a construção *tu tui*, que corresponde a figura denominada de *annominatio*. Merece destaque também aqui a presença da expressão clássica *Rebus in arctis*, presente em Horácio e Ovídio (P. 3, 2, 25).

O poeta recorre, por questões métricas (conforme comentário do salmo XLII), ao emprego excessivo da conjunção enclítica *-que*, precedida da desinência de ablativo, *-o*, como se comprova nas estrofes 19 (*numeroque*), 21 (*animoque*) e 24 (*avidoque*).

Vejamos como se dá, na Vulg., a passagem do versículo 23 para o 24:

23: “Iacta super Dominum curam tuam, et ipse te enutriet; Non dabit in aeternum fluctuationem iusto.”

24: “Tu vero, Deus, deduces eos in puteum interitus.”

Como podemos perceber, o texto da Vulg., ao passar do versículo 23 para o 24, apresenta dificuldades de entendimento, pois poderia levar um incauto leitor a ficar em dúvida sobre quem seria lançado no Seol, o justo ou o ímpio. É claro que com a parte seguinte do versículo qualquer tipo de ambigüidade é dirimida, mas mesmo assim não há dúvidas de que o texto de Buchanan é mais esclarecedor, o que se comprova principalmente pela presença dos adjetivos *impio*, *fallaci* e *avido*.

### 5.13. PSALMUS LVI

Encontramos aqui uma oração proferida por Davi em meio a um perigo gravíssimo, onde se alternam a lamentação e a confiança em Deus.

2 Orbis creator me bonus adspice,

Iniurioso quem pede prorutum

Hostisque conculcat, premitque

Assiduis agitans periclis.

3 Conculcat hostis me numero ferox,

Et insolenti saeuitia premit:

Nec liberas lucas laborum,

Nec uacuas sinit ire noctes.

4 Seu luce terror sollicitus mihi,

Seu nocte circumstat, pater optime,

Spes rebus in duris mihi uma,

Et columen superas salutis.

5 Te fretus uno, pollicitis tuis

Innixus unis, nec metuam dolos

Mortalium caecos, minasque

Terrificas, et aperta Bella.

6 Calumniantur quae loquor omnia,

Prauaque carpunt facta libidine:

Huc conferunt omnem laborem, ut

Exitium mihi moliantur.

7 Coetusque cogunt, capiti meo,  
Qua fraude, qua ui, iugiter imminet:

Vestigia obseruant, nec horam

Insidiis uacuam relinquunt.

8 Impune tantam nequitiam ferent?

Prauique fructum consilii legent?

O arbiter mundi, nec illos

Praecipites agis in ruinam?

9 Meae labores tu numeras fugae:

Vrna repostas tu lacrimas meas

Seruas: apud te certa constat

Usque mei ratio doloris.

10 Aurem uocanti tu facilem mihi

Das, atque inanes spes facis hostium:

Et signa non obscura amici

Das animi, et stabilis fauoris.

11 Te fretus uno, pollicitis tuis

Innixus unis, nil metuam dolos

Mortalium caecos, minasque

Terrificas, et aperta bella.

12 Te semper ergo carmine patrio

laudabo, uitae praesidium meae:

13 Ex hostium ferro dolisque

Incolumis tibi uota reddam.

14 Te liberatus uindice, te meum

Firmante gressum, ne titubent pedes

Dum spiritus fouebit artus,

Iussa sequar tua, rector orbis.

## TRADUÇÃO

2 Olha para mim favoravelmente, Criador da terra, a quem, derrubado por um injurioso pé, o inimigo pisa, e, inquietando, esmaga com perigos constantes.

3 O feroz inimigo me pisa freqüentemente, e me oprime com crueldade insolente; ele não permite que passe os dias livres de sofrimentos nem as noites desocupadas.

4 Quer um terror freqüente esteja ao meu redor de dia, quer esteja à noite, ótimo Pai, és minha única esperança na adversidade e te ergues como coluna da minha salvação.

5 Confiado apenas em ti, apoiado apenas nas tuas promessas, não temerei as astúcias cegas dos mortais, e nem as suas terríveis ameaças, nem as guerras declaradas.

6 Tudo o que falo é transformado em calúnia, e alimentam-se das más ações de maneira libidínosa: aqui empenham todo seu esforço para maquinarem a minha morte.

7 Reúnem-se em assembléia, continuamente procuram a minha morte por meio da fraude, da violência; observam os meus passos, e não perdem uma hora livre para as ciladas.

8 Farão impunemente tão grande maldade? Colherão os frutos de uma deliberação corrupta? Ó Árbitro do mundo, tu não os atiras na ruína?

9 Tu contas os sofrimentos da minha fuga; minhas lágrimas tu as guardas depositadas na tua urna; junta a ti, sem cessar, está presente o motivo certo da minha dor.



10 Tu dás ouvido propício a mim, quando te invoco, e tornas vazias as esperanças dos inimigos; concedes-me sinais claríssimos do ânimo inimigo e do favor seguro.

11 Confiado apenas em ti, apoiado apenas nas tuas promessas, não temerei as astúcias cegas dos mortais, e nem as suas terríveis ameaças, nem as guerras declaradas.

12 Por isso eu sempre te louvarei com um cântico pátrio, Protetor da minha vida..

13 Livre da espada dos inimigos e dos dolos, render-te-ei votos.

14 Libertado por ti, Vingador, firmados os meus passos por ti, seguirei os teus preceitos, ó Senhor do mundo, enquanto o meu espírito aquecer os meus membros.

## COMENTÁRIOS

Nas duas primeiras estrofes, o poeta emprega duas vezes o verbo *conculcare* no presente do indicativo, indo assim de encontro à Vulg., que o emprega no pretérito perfeito: “...quoniam conculcavit me homo;” e “Conculcaverunt me inimici ...” A escolha do tempo feita por Buchanan vai encontrar respaldo na NVL, que emprega *conculcat* e *conculcant*, bem como na BJ e na ARA, que, de igual modo, optaram pelo presente.

Embora não encontre apoio nas outras versões, inclusive na Vulg., a frase *insolenti saevitia*, terceira estrofe, segundo verso, parece estar em consonância com o comentário da BJ, que, ao comentar a passagem, diz: “... são muitos os que do alto me combatem.”, salientando que “do alto” também é possível ser compreendido como “com altivez, “com orgulho”<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> Op. cit., p. 1008.

A construção *columen superas salutis* parece ter tido como fonte de inspiração o predicativo “mearum... columenque rerum”, dirigido a Mecenas por Horácio, em Lib. II, ode XVII, v. 4.

Na quinta estrofe, buscando a clareza, o autor emprega, no lugar de *caro* (Vulg.), o genitivo *mortalium*. A escolha feita pelo poeta tem explicação na própria Vulg.: “homo quatenus debilis ac infirmus: Ps 55,5;...”<sup>45</sup>. A SE, baseada nesta explicação, assim define o vocábulo “carne” nesta passagem: “La *carne* designa la parte débil del hombre (78, 39), impotente para oponerse a los planes divinos.”<sup>46</sup>

Na oitava estrofe, terceiro verso, o autor emprega *arbiter* como sinônimo de *rex*, *dominus*, como ocorre em Ovídio: *arbiter imperii* (Tr. 5, 2, 47) e *iudex*. Convém, portanto, fazer a distinção entre *arbiter* e *iudex*: o primeiro decide de acordo com a equidade; enquanto o segundo, de acordo com as leis.

No tocante à oração *Vestigia observant* (7<sup>a</sup> estrofe), que na Vulgata aparece como “... ipsi calcaneum meum observabunt.”, vale ressaltar que é praticamente a mesma presente na NVL: “... Vestigia mea observant...”

Vejamos como se encontra o versículo dezenove da Vulg:

“Deus, vitam meam annuntiavi tibi;”

Constatamos, então, que o verbo *numeras*, estrofe dezenove, não é atestado por esta versão, mas é atestado pela NVL (mesmo que não empregue o mesmo verbo, mas um sinônimo) e também pelas demais versões portuguesas:

BJ: “Já contastes..”

ARA: “Contastes os meus passos...”

---

<sup>45</sup> Op. cit., p. 1203.

<sup>46</sup> Op. cit., p. 220.

NVL: “Exsilii mei vias notasti;”

Ainda nesta estrofe, aparece o substantivo *urna*, que não aparece na Vulg., mas que é atestado por outras versões:

Vulg.: “Posuisti lacrymas meas in conspecto tuo,...”

BJ: “... recolhe minhas lágrimas em teu odre!”

ARA: “... recolheste as minhas lágrimas no teu odre;”

NVL: “Reconditae sunt lacrimae meae in utre tuo;”

Como vemos, Buchanan recorreu não à Vulgata, mas sim a outra fonte para a composição deste verso. A preferência de *urna* por *utre* se deve, provavelmente, a questões métricas, uma vez que o primeiro vocábulo termina por uma sílaba longa, enquanto o segundo, por uma sílaba breve. O texto do poeta também é ratificado pelo original hebraico, que aqui emprega נֹד (nod), “pele”, “odre”.

Ainda sobre “odre” e “contas”, vale a pena ouvir o testemunho de Derek Kidner sobre esta passagem: “... Parece ter trazido à mente o som semelhante de **n’od, odre**, assim como o verbo **contar** sugeriu a palavra relacionada com ele,...”<sup>47</sup>.

Na décima quarta estrofe vemos mais uma vez a preocupação do parafrasta em deixar o texto mais claro para o leitor. Assim, em lugar de empregar a fórmula consagrada “andar diante de Deus”, que aparece na Vulg. como *Ut placeam coram Deo* e na NVL como *Ut ambulem coram Deo*, ele emprega *Iussa sequar tua*, que nada mais é que a explicação para a fórmula.

Ainda nesta estrofe parecem ecoar as palavras de promessa feitas por Enéias à rainha Dido: “dum spiritus hos regit artus”. (En. IV, 336)

---

<sup>47</sup> Op. cit., p. 225.

## 5.14. PSALMUS LVII

O salmo 57, um cântico de súplica, fala sobre a situação em que Davi se encontrava quando, para fugir de Saul, se escondeu na caverna de Adulão.

2 Sancte parens, miserere animae pereuntis, et omnem

In te salutis quae locauit spem suae:

Meque tuis alis tectum defende, procellae

Dum saeuientis impetus deferueat.

3 Te uoco, te (solum in rebus quod restat egenis)

Appello, supplex et tuam imploro fidem.

Te uoco, qui cumulata mihi promissa refundes,

Et coepta duces prosperos ad exitus:

4 Qui mihi subsidium e caelo praebebis, et hostis

Iamiam imminentis liberabis faucibus:

Qui dabis auxilium ex adito sublimis olympi,

Memorque fidei et pristinae clementiae.

5 Inter enim saeuos habito feritate leones:

Flammam uomentes uersor inter belluas,

Língua quibus saeuo proscindit acutius ense,

Dentes sagittis lanceaeque cuspide.

6 O Deus, augustum celso caput exsere caelo:

Ostende terris gloriae iubar tuae.

7 Explicuere meis pedibus sua retia: terrae

Me saeuus hostis penitus afflictum premit.

Et scrobibus fossis iter obsedere: sed ipsi

Mihi paratas in scrobes caeci ruent.

8 Mens inuicta malis, animi uigor integer, orbis

Te uoce rector, te celebrauit lyra.

Eia age depositis mens expergiscere curis,

Et tu canora barbitos cum nabliis.

9 Ocius aurorae quam Lucifer excitet ignes,

Aurora cantus quam uolucrum exsuscitet;

10 Te, pater alme, canam: populos tua facta per omnes

Quacunque tellus panditur, uates feram.

11 Nam tua siderei bonitas fastigia caeli,

fidesque tractus nubium superuolat.

12 O Deus augustum nítido caput exsere caelo,

Ostende terris gloriae iubar tuae.

## TRADUÇÃO

2 Ó Santo Pai, tem misericórdia da minha alma que perece, e que depositou em ti toda a esperança da sua salvação; e protege a mim, abrigado nas tuas asas, até que a fúria de uma cruel tempestade arrefeça.

3 Invoco-te, chamo-te (é só o que resta na minha miséria), e, suplicante, imploro a tua fidelidade. Invoco-te, tu que derramarás de novo sobre mim as tuas promessas acumuladas, e levarás os teus planos até os términos prósperos.

4 Tu que dos céus me enviarás socorro, e me livrarás em breve da boca do iminente inimigo; tu que desde o santuário do sublime Olimpo me darás auxílio, e me lembro da tua fidelidade e da tua antiga clemência.

5 Pois habito de maneira selvagem entre os cruéis leões; vivo entre as bestas que lançam chamas, com as quais a língua, mais afiada do que a cruel espada, difama, pois os seus dentes estão em lugar de flechas e da ponta da lança.

6 Ó Deus, do alto céu mostra a tua augusta cabeça; ostenta às terras o esplendor da tua glória.

7 Estenderam as suas redes sob os meus pés; o cruel inimigo oprime a mim, abatido, profundamente; e bloquearam o caminho com covas; mas eles mesmos, cegos, cairão nas covas preparadas para mim.

8 O meu ânimo, inabalável pelos males, a força incorruptível do meu espírito, ó Senhor do mundo, celebrar-te-á com a voz e com a lira. Eia! vamos, desperta, minha alma, das preocupações passadas e entoa cantos com a harpa.

9 Que a estrela da manhã saia mais rápido do que os raios, e que a aurora desperte mais rápido do que o canto dos aves.

10 Cantar-te-ei, ó Pai Criador; por todos os povos e por onde quer que a terra se estenda, contarei, como vate, os teus feitos.

11 Porque a tua bondade voa por cima dos cumes do sidéreo céu, e a tua fidelidade por cima dos cursos das nuvens.

12 Ó Deus, do límpido céu mostra a tua augusta cabeça; ostenta às terras o esplendor da tua glória.

## COMENTÁRIOS

Como já é de praxe, o poeta inicia a sua paráfrase com um vocativo, *Sancte parens*, o qual, com certeza, pelo emprego de *Sancte*, se aproxima mais do texto bíblico do que do vocabulário pagão, embora a fórmula *parens* faça um caminho inverso, já que o latim cristão prioriza *Pater*.

Vale ressaltar que tanto este salmo quanto o anterior têm início com o verbo *miserere*, mas aqui a ênfase sobre este verbo é tanta (talvez pela sua repetição), que ele passou a nomear o próprio salmo. Razão pela qual, acreditamos, o poeta não o tenha omitido nesta paráfrase.

A primeira oração da quarta estrofe, *Qui mihi subsidium e caelo praebebis*, encontra apoio na BJ e na ARA pelo fato de explicitar o que é enviado do céu:

BJ: “... que do céu ele manda salvar-me,...”

ARA: “Ele dos céus me envia o seu auxílio...”

Além de ser corroborado por essas duas traduções, o texto de Buchanan é mais inteligível do que os textos da Vulg. e NVL, já que estes apenas insinuam o que é enviado dos céus:

Vulg.: “Misit de caelo,...”

NVL: “Mittat de caelo...”

No primeiro verso da terceira estrofe, o poeta, com certeza, foi buscar as expressões *in rebus ...egenis ... supplex* na Eneida (VI, 91), conforme constatação abaixo:

“... cum tu supplex in rebus egenis...”

O predomínio do presente do indicativo, nas estrofes três e cinco, também está mais de acordo com a NVL e a BJ do que com a Vulgata, vejamos:

Vulg.: Clamabo ad Deum altissimum, Deum qui beneficit mihi;

NVL: Clamo ad Deum altissimum, ad Deum qui bene facit mihi;

BJ: Eu clamo ao Deus altíssimo, ao Deus que faz tudo por mim.

Ao compararmos a construção do último verso da quinta estrofe com a versão da NVL, verificamos que esta emprega os mesmos instrumentos de guerra presentes na paráfrase, o mesmo não acontecendo com a Vulg.:

Vg: "... dentes eorum arma et sagittae,..."

NVL: "Dentes eorum sunt lanceae et sagittae,".

No que se refere ao genitivo *leonum* (sétima estrofe), vejamos como ele se apresenta na Vulg. e nas outras versões:

Vulg.: "Et eripui animam meam de medio catulorum leonum";

NVL: "In medio leonum decumbo";

BJ: "Eu me deito em meio a leões".

Fica claro, então, ao compararmos a Vulg. com as outras versões, que o autor da paráfrase não preferiu "leão" a "filhote de leão" de maneira aleatória, mas se baseou em alguma versão da época ou no texto hebraico, uma vez que este também apresenta o vocábulo לִבְאִים (lebaim), leões.

Uma marca estilística relevante em Buchanan é a sua preocupação em fazer com que os estribilhos não sejam totalmente iguais, acrescentando-lhes, para isso, pequenas modificações, como ocorre aqui. Assim, o estribilho, que aparece nas estrofes seis e doze, sofre uma pequena modificação: o adjetivo *celso*, que aparece na sexta estrofe, é substituído, na décima segunda, por *nitido*.

Na sétima estrofe, ao falar da armadilha preparada pelo ímpio, a paráfrase emprega *retia*, diferentemente da Vulg., que emprega *laqueum*, mas igual à NVL, que também a



preferere: “Rete paraverunt gressibus meis:” As versões da BJ e ARA também empregam o substantivo “rede” e não “laço”. Neste mesmo verso, na Vulg. encontramos: “Foderunt ante faciem meam foveam,...”, enquanto Buchanan, em lugar desta última palavra, emprega *fossis*. Assim aparece esta oração na NVL: “Foderunt ante me fossam:” Vemos, então, que a escolha feita pelo poeta é corroborada pela nova versão.

Vejamos como se encontra, nas demais versões, o vocativo *mens* (penúltimo verso da oitava estrofe), traduzido aqui como “alma”,:

Vulg.: “Exsurge, gloria mea;...”

NVL: “Evigila, anima mea;...”

ARA: “Desperta, ó minha alma!”

Como vemos, duas versões corroboram o texto da paráfrase. Ao empregar o vocativo *mens* em lugar de *gloria*, Buchanan busca apenas esclarecer o significado do hebraico נפש (nepesh), que aqui significa “alma”, conforme explicação do *index* da Vulg.: “gloria hominis dicitur ipsius anima.”<sup>48</sup>

Na nona estrofe, encontramos a palavra *aurora*, que não está presente em Jerônimo: “Exsurgam diluculo.”, mas consta na NVL e também na NV: “Excitabo auroram.” A BJ também faz uso da forma “aurora”.

---

<sup>48</sup> Op. cit., p. 1213.

## 5.15. PSALMUS LVIII

Mais um salmo de increpação, onde os juízes, por se mostrarem injustos, são advertidos severamente.

2 Qui iura celso de solio datis,

Qui frena legum flectitis, em erit

De plebis ut caussis egenae

Iudicio statuatis aequo?

3 Quin mente praua nequitiam et dolos

Versant, sub umbra iustitiae tegunt

Iniuriam: factis honesti

Obiiciunt speciem pudendis.

4 Materna ab aluo flagiti uiam

Sensim sequuntur: perque suos gradus

Obliqua sectandi libido

Cum teneris adolescit annis.

5 Lingua uenenum pestifera gerunt:

6 Auresque claudunt consiliis, uelut

Obturat aures callida aspis,

Quae magicos metuit susurros.

7 Confrige malas, o Deus: impudens

Os comminutis contere dentibus:

Et rictibus saeuus hiantes

Hos inhihe catulos leonum.

8 Emissa fracta cuspidē spicula

Intercidant, nec uulnera perferant:

Ipsique uanescant repente,

Per bibulas uelut unda arenas.

9 Sensim liquescant, tardigradus uelut

Limax: acerbo funere deserant

Vitale lumen, more fetus

Ante suum pereuntis ortum.

10 Florentis aevi in lumine, turbinis

Vis atra tollat progeniem, prius

Quam surculus spinas tenellus

Exserat, et stimulis acutis

Fecunda late brachia porrigat.

11 Iustique poenae uindicis exitum

Laeti uidebunt, impiique

Sub pedibus fluuium cruoris.

12 Vitae bene actae gens hominum sciet

Manere iustos praemia: at impios

Manere poenas, arbitrumque

Esse Deum sciet orbis aequum.

## TRADUÇÃO

2 Vós que julgais do vosso elevado trono, que dirigis os freios das leis, acaso haverá um justo juízo para que estabeleçais sobre as causas de um povo necessitado?

3 Longe disso, planejam, com a mente corrompida, a fraude e o dolo, sob a sombra da justiça escondem a injúria; apresentam um aspecto de honesto a ações vergonhosas.

4 Desde o ventre materno seguem naturalmente o caminho da vergonha; e por seus próprios passos, a lascívia, desejosa de dividir, cresce juntamente com os tenros anos.

5 Com a língua perniciosa, geram veneno;

6 e tal como a astuta áspide, que teme os mágicos sussurros, tapa os seus ouvidos, assim fecham os seus aos conselhos.

7 Quebra as queixadas, ó Deus, roça, boca impudente, nos dentes quebrados; e detém estes filhotes de leões.

8 Que as suas lanças, quebradas pela ponta, caiam ao serem lançadas, e que não produzam ferimentos; e que eles mesmos desapareçam imediatamente como a onda através das absorventes areias.

9 Liquefazem-se naturalmente como a vagarosa lesma; Que com uma cruel morte abandonem a luz vital, conforme o feto que morre antes de seu nascimento.

10 Que a força tempestuosa de um redemoinho leve a sua descendência na luz de uma idade em flor, antes que o tenro arbusto mostre os seus espinhos, e estenda largamente os seus fecundos ramos às estacas pontiagudas.

11 Os justos, alegres, verão o cumprimento da pena do vingador, e, sob seus pés, um rio de sangue do ímpio.

12 A raça humana saberá perfeitamente que os justos esperam as recompensas de uma vida íntegra; mas saberá que os ímpios esperam as suas punições, e que Deus é o justo árbitro do mundo.

## COMENTÁRIOS

Na quinta estrofe, ao empregar o vocábulo *uenenum* para a composição de seu verso, fica claro que o poeta bebeu em uma fonte bíblica diferente da Vulg., pois em Jerônimo o termo utilizado é “furor”. Ao compararmos ainda a paráfrase com a NVL e a NV, percebemos que as três versões empregam a mesma palavra, *uenenum*, sendo esta preferência também atestada pelas versões da BJ e ARA.

Ainda nessa estrofe, vejamos o versículo oito da Vulgata:

“Molas leonum confringet Dominus”.

Como podemos perceber, todas estas palavras, com exceção de *Dominus*, se encontram na paráfrase. No que se refere ao verbo, verificamos que o modo escolhido pela paráfrasisista está em consonância com as versões da NVL, BJ e ARA, respectivamente:

“Molares leonum confringe, Domine

“... arranca as presas dos leõezinhos, ó Iahweh!”

“... arranca, Senhor, os queixais aos leõezinhos.”

Vê-se, então, que o texto de Buchanan não é ratificado apenas pela presença do imperativo, mas também, em consequência dele, pela presença do vocativo.

A preferência por *malas* (*molas*, na Vulgata) talvez se deva ao fato de que o emprego de *molae* para designar as “maxilas” seja de uso muito raro, sendo atestada, por isso, em escritores tardios e na própria Vulgata, conforme testemunho de A. Ernout: “Dans

la Vulgate, *molae* designe (...) les ‘molaires’,...’<sup>49</sup>. *Malae*, ao contrário, identifica, de imediato, “as partes anteriores da face”, ou seja, a “queixada superior”.

A escolha por *catulos leonum*, sétima estrofe, (*leonum*, na Vulgata) parece estar baseada não apenas em alguma versão latina da época, mas principalmente no original hebraico, já que nesta versão encontramos כפיריים (kepirim), que significa “jovens leões”. A BJ e a ARA também vão ao encontro do texto de Buchanan, pois ambas empregam “leõezinhos”. E Kidner, comentando esta passagem, diz: “A agressividade dos leõezinhos (leões jovens em pleno vigor)...”<sup>50</sup>.

Os dois primeiros períodos da oitava estrofe, *Que as suas lanças, quebradas pela ponta, caíam ao serem lançadas*, embora venham a divergir da Vulg. e da BJ, aproximam-se bastante da NVL e da ARA, como podemos comprovar abaixo:

“Si dirigunt sagittas suas, sint velut obtusae.”

“... ao dispararem flechas, fiquem elas embotadas.”

Como ocorreu com a quinta estrofe, na nona também encontramos uma alusão a outra fonte bíblica que não a Vulg. Nesta versão, assim se encontra este verso:

“Sicut cera quae fluit auferentur;”.

Já na NVL e nas versões vernaculares (BJ e ARA), a forma *limax*, “lesma”, prevalece sobre a forma “cera”. O texto hebraico emprega שבלול (shabbelul), “caracol”, que, por ser da mesma família da lesma, também corrobora o texto de Buchanan.

Ainda nesta estrofe, assim se apresenta o seu último período na Vulg.:

“... Supercecidit ignis, et non viderunt solem.”

---

<sup>49</sup> ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. 4. ed. Paris: C. Klincksieck, 1959. XIII, p.

<sup>50</sup> Op. cit., p. 231.

Vejamos como ele se encontra na NVL e na NV, respectivamente:

“Quase fetus abortivus mulieris, qui solem non vidit.”

“sicut abortivum mulieris, quod non vidit solem.”

Percebemos, então, que a NVL é o texto que mais se aproxima da obra de Buchanan, principalmente pelo emprego de *fetus*; já a NV, embora não contenha este vocábulo, está, sem dúvida, mais próxima da paráfrase do que da Vulg., o que ocorre também com as versões vernaculares:

(BJ) “... como aborto que não chega a ver o sol!”

(ARA) “... como o aborto de mulher, não vejam nunca o sol.”

Não bastassem as atestações acima, a paráfrase tem ainda a seu favor a fonte hebraica, que emprega aqui o substantivo נפל (nepel), “nascimento fora de tempo” ou “aborto”.

Na décima estrofe aparece mais um vocábulo que não é atestado pela Vulgata: *turbinis*. Contudo ele está presente na NVL, inclusive quanto ao caso, e também é encontrado na BJ, na ARA, conforme os exemplos:

NVL: “... aestus turbinis...”

BJ: “... que o furacão os carregue!”

ARA: “... como por um redemoinho.”

O comentarista da SE também faz referência a este vocábulo: “... olla a la que el **huracán** del desierto arrebató en un momento las zarzas que la calentabam.<sup>51</sup>”

Outro exemplo de uma fonte bíblica diferente da Vulgata se encontra na décima primeira estrofe, onde o poeta emprega *pedibus* em lugar de “manus” (Vulg.). Mais uma vez o escocês encontra respaldo em outras versões bíblicas para a escolha do vocábulo em

---

<sup>51</sup> Op. cit., p. 224.

debate. Tanto a NVL quanto a NV preferem “pedes” à “manus”, preferência esta reforçada pelas versões de BJ e ARA, que também empregam “pés”. A escolha do parafrasta também é atestada pelo texto hebraico: פֶּעַם (paam), “pé”.



## 5.16. PSALMUS LXI

Encontramos aqui um salmo chamado de real, pois se constitui na oração do rei Davi quando se encontrava desterrado de Jerusalém, provavelmente durante a rebelião de seu filho Absalão.

2 Audi uocantem me bonus, et meis

Intentus aurem da precibus, Deus.

3 Proiectus oris orbis in ultimis,

Ad te recurram rebus in asperis.

Me siste rupis culmine in arduo

4 Procul periclis: semper enim tui

Spe fretus, hostis tutus ab impetus,

Munitae ut arcis praesidio fui.

5 Tentorio fac semper ut in tuo

Degam, sub alis proteger et tuis:

6 Qui lenis aurem das precibus meis,

Qui uota laetum ducis ad exitum.

Frenare sceptris te metuentium

7 Haereditatem das mihi: regiae

Tu longa uitae tempora porrigens

Nectes peractis secula seculis.

8 Securus ut te perpetuo colat

Rex, liberalem porrige dexteram

Fortuna in omni: quaque soles fide

Fac ut fruatur pollicitis tuis.

9 Ac tum periculis liber ab asperis,

Te uoce, dulci te cithara canam,

Pacti tenacem, et munificum tuis;

Et uota ad aras perpetuo feram.

### **TRADUÇÃO**

2 Ouve bondosamente a mim que clamo, ó Deus, e atentamente dá ouvidos às minhas preces.

3 Lançado nas mais distantes regiões da terra, a ti recorrerei nas horas de dificuldade. Longe dos perigos, coloca-me no elevado cume de uma rocha;

4 pois eu estou sempre confiado na tua esperança, defendido do ataque do inimigo, como se eu estivesse sob a proteção de uma cidade fortificada.

5 Faze com que eu viva sempre no teu tabernáculo, e me abrigue debaixo das tuas asas.

6 Tu que ouves benignamente as minhas preces, que dás um final feliz aos meus votos. Tu me concedes governar com cetro a herança dos que te temem.

7 Tu, prolongando os longos anos da vida, acrescentarás anos aos anos percorridos.

8 Para que o rei, confiante, te venere perpetuamente, estende a tua abundante destra sobre toda a sua fortuna; tu que estás acostumado com tal fidelidade, faze com que ele usufrua das tuas promessas,

9 e enfim, livre dos árduos perigos, cantarei a ti, que és firme no teu pacto e generoso para com os teus, com a voz e com a doce cítara; e levarei os meus votos aos teus altares perpetuamente.

## COMENTÁRIOS

Vejamos como se encontra o primeiro versículo deste salmo na Vulgata:

“Exaudi, Deus, deprecationem meam, intende orationi meae.”

Como podemos perceber, Buchanan mantém, na primeira estrofe, o mesmo paralelismo presente na Vulgata, conhecido como paralelismo sinonímico, em que a mesma idéia é repetida em diferentes palavras.

O verbo *audi*, além de ser atestado pela NVL, é citado pelo professor McFarlane como um exemplo colhido da *Nova tralatiao*: “*Audi* is preferred to *exaudi*, ...”<sup>52</sup> Buchanan, ainda na primeira estrofe, emprega os adjetivos *Bonus*, *Intentus*, *lenis* com valor de advérbio, sendo que o adjetivo *Intentus* é usado em substituição ao verbo “intende”, presente na Vulg.

Na terceira estrofe, a construção *Me siste rupis culmine in arduo* encontra eco na NV:

“In petram inaccessam mihi deduc me.”

Vejamos, então, as semelhanças existentes entre a versão acima e a paráfrase. A primeira diz respeito ao modo do tempo, imperativo, que na Vulg. aparece no pretérito perfeito (*exaltasti*). A segunda semelhança se refere à presença de determinantes para “pedra”, *culmine in arduo*, na paráfrase, e *inaccessam*, na NV.

---

<sup>52</sup> Op. cit. p. 60.

Na quarta estrofe, a paráfrase emprega o advérbio *semper* em lugar da fórmula bíblica *in saecula*. Além de ser corroborado pela NVL (*semper*), este advérbio também é preferido pelas versões modernas: “sempre” ou “para sempre”

Ainda nesta estrofe, atentemos para a segunda parte do versículo cinco da Vulg.:

“Protegar in velamento alarum tuarum.”

É digna de destaque aqui a distinção entre *in* e *sub*. Embora ambas estejam regendo ablativo e tragam consigo a idéia de “lugar onde”, o sentido espacial é mais marcante na segunda, razão pela qual ela é também a preferida pela NVL:

“Confungiam sub tegmen alarum tuarum!”

Verificamos, ainda, que o poeta, ao escolher o verbo *protegar*, levou em conta apenas o texto da Vulg.

O genitivo *metuentium* (6ª estrofe) se opõe ao dativo *timentibus* (Vulg). Além da diferença semântica entre os dois vocábulos, vale ressaltar que o caso escolhido por Buchanan é atestado pela NVL e NV (*timentium*), sendo esta também a tradução preferida pela BJ e pela ARA:

BJ: “... e me dás a herança dos que temem o teu nome.”

ARA: “e me deste a herança dos que temem o teu nome.”

Como vemos acima, a versão da BJ concorda quase que inteiramente com o texto de Buchanan, inclusive no que se refere ao tempo verbal. A única diferença é o complemento do verbo “temer”. Já no que diz respeito à ARA, embora o genitivo partitivo continue, a escolha do tempo verbal não coincide com o da paráfrase.

O emprego de *uota*, nesta estrofe, sugere, segundo o professor McFarlane, que “Buchanan may well have followed the note on NT *vota*, defined as *preces* in grave

circumstances.”<sup>53</sup> Além deste testemunho, vale lembrar que tanto a NVL quanto a NV seguem, no que se refere ao emprego deste vocábulo, o texto de Buchanan.

A presença do nominativo *Rex* (8<sup>a</sup> estrofe), embora não encontre eco na NV, na BJ e na NVL, parece encontrar apoio na NVL:

“Regnet in aeternum coram Deo;”

Verifica-se, então, que o verbo empregado pela versão acima é derivado da forma escolhida por Buchanan.

---

<sup>53</sup> Op. cit., p. 61.

## 5.17. PSALMUS LXII

Este belo poema é uma meditação de confiança unicamente em Deus por parte do salmista Davi, quando se vê contrariado pelos hipócritas.

2 Mens acquiescit unice mea in Deo:

Hinc spes salutis, arduis

3 In rebus arx haec: tutus hoc munimine

Nullum tremiscam ad impetum.

4 Quousque tectis fraudibus subuertere

Innoxium tentabitis?

Poenas daturi mox et ipsi, improuidi

Iamiam imminentis exitus,

Proni in ruinam incubitis, ceu moenia

Saxis solutis putria:

5 Et interim omnes corporisque et ingenii

Vires eo contenditis.

Vobis placetis fabulis uanis, gradu

Turbetis impii ut pium.

Clam deuouetis corde tacito, propalam

Laudatis ore subdolo.

6 At tu acquiesce mens mea in Deo tamen:

Hinc spes salutis, arduis

7 In rebus arx haec: tutus hoc munimine

Nullum tremiscam ad impetum:

8 Spes inde uitae et gloriae pendet meae,

Et roboris fiducia.

9 Quocunque caeli gens colis sub sidere,

Huic crede rem, sobolem, domum:

Omnes ad illum mentis aegritudines,

Et laeta defer et refer:

Semperque praesens numen eius omnibus

Adeste coeptis senties.

10 Ventosa regum et principum potentia

Est uanitate uanior,

Adeoque fumo leuior: ut si principum

Hac lance uires omnium,

Inanitatem hac colloces, cunctis simul

Inanitas praeponderet.

11 Ne firma spera parta per vim: ne nimis

Confide stultis uiribus.

Opes abundant affluenter? Ne bonis

Da rebus animum credulum.

12 Semel est professus, nec semel tantum Deum

Id profitentem audiuius,

Se posse solum cuncta, se solum bonum,

Et arbitrum rerum unicum:

13 Bonis benignum semper et placabilem

Malisque formidabilem.

## TRADUÇÃO

2 A minha alma descansa unicamente em Deus; daí vem a esperança da minha salvação, este é o meu refúgio nos momentos de angústia:

3 Seguro neste abrigo, não temerei nenhum ataque.

4 Até quando tentareis destruir com fraudes encobertas o inocente? Logo eles próprios, surpreendidos agora pela iminente morte, hão de conceder penas, e vós estais propensos à ruína como as muralhas carcomidas quantos às pedras soltas.

5 E, entretanto, empregais todas as forças do corpo e do espírito contra ele. Agrada-vos as fábulas vãs que perturbeis o homem piedoso com um passo ímpio. Secretamente amaldiçoais com um coração oculto, mas publicamente louvais com uma boca enganadora.

6 Mas tu, alma minha, descansa contudo em Deus;

7 dele vem a esperança da minha salvação, este é o meu refúgio nos momentos de angústia:

Seguro neste abrigo, não temerei nenhum ataque.

8 daí vem a esperança da minha vida e da minha glória, e a confiança da minha força.

9 Toda a raça do céu, venerai sob as estrelas, confia a ele os teus negócios, a tua descendência e a tua casa; e, com alegria, apresenta e expõe a ele todas as inquietações do teu espírito; e perceberás que o poder dele está presente em todos os teus projetos.

10 O efêmero poder dos reis e dos príncipes é mais vão do que a própria vaidade, e, com certeza, mais leve do que a fumaça; ainda que (como se) colocasses as tuas forças por aqui



na balança de todos os príncipes ou por ali a tua futilidade, esta seria, ao mesmo tempo, a mais importante de todas.

11 Não esperes nas aquisições obtidas por meio da força; nem confies em todos os teus recursos. As tuas riquezas abundam grandemente? Não entregues um espírito crédulo às coisas boas.

12 Ele declarou uma vez, não ouvimos isto: Deus declarou uma vez tão grandemente, que só ele pode tudo, que só ele é bom e o único árbitro de todas as coisas.

13 Ele é sempre benigno e clemente para os bons e terrível para os maus.

## COMENTÁRIOS

Logo na primeira estrofe, percebe-se, pela distância entre o texto da paráfrase e o da Vulg., que Buchanan buscou, em outra versão bíblica, elementos para a composição de sua obra. Comparemos, então, os textos da Vulg. e da NVL com o do poeta:

Vulg.: Nonne Deo subiecta erit anima mea?

NVL : In Deo tantum quiescit anima mea,..."

Verificamos, assim, que o texto da paráfrase é bem mais parecido com o da NVL do que com o texto da Vulg. Além de concordarem quanto ao tempo verbal, os dois textos tem em comum o emprego do verbo *quiescere*. Na NVL ele aparece na forma primitiva, *quiescit*; já na paráfrase, encontramos a forma derivada *acquiescit*. Vale ressaltar que esta construção se encaixa perfeitamente na versão da BJ e do texto em hebraico:

BJ: "Só em Deus a minha alma repousa,..."

BH: "Somente por D-us minha alma espera silenciosamente."

O comentário da SE também testifica em favor da paráfrase: “El TM lit. ‘solo en Elohim se aquieta mi alma’,...”<sup>54</sup>.

Vejam os como se apresenta o versículo cinco (ARA) ou seis (BJ, NVL e V) deste salmo nestas quatro versões:

NVL: “In Deo tantum quiesce, anima mea, quia ab ipso venit quod spero.”

BJ: “Só em Deus, ó minha alma, repousa, dele vem a minha esperança;”

ARA: “Só em Deus, ó minha alma, espera silenciosa, porque dele vem a minha esperança.”

Vulg.: “Verumtamen Deo subiecta esto, anima mea, quoniam ab ipso patientia mea;”

Fica claro, então, pelos exemplos acima que a paráfrase está mais próxima das três primeiras versões do que da Vulg., embora as duas estejam de acordo quanto ao uso de conjunções adversativas no início do período e tenham em comum com as outras versões o emprego do vocativo. Merece destaque a presença do vocábulo “esperança”, que não aparece na Vulg., mas que é atestada pelas outras versões, sendo que a NVL, em lugar de empregar o nominativo *spes*, faz uso da uma oração “Quod spero”. Além das versões supracitadas a escolha de Buchanan também é atestada pelo texto hebraico, que igualmente emprega תְּקוּהָה, “esperança”. A SE faz o seguinte comentário: “En v.6-7 ofrece el estribillo dos variantes accidentales: *lo que espero* (lit. “mi esperanza”)<sup>55</sup>.”

Eis como se apresenta o versículo quatro na Vulg. e na NVL, respectivamente:

“Quousque irruitis in hominem? Interficitis universi vos, tanquam parieti inclinato et maceriae depulsae?”

---

<sup>54</sup> Op. cit., p. 231.

<sup>55</sup> Op. cit., p. 232.

Quousque irruitis in hominem, subvertitis eum omnes, ut parietem inclinatum, ut murum ruentem?

Ao compararmos as duas versões com a paráfrase, logo verificamos, pela presença do verbo “subuertitis” e do particípio “ruentem”, que ela está mais próxima do texto da NVL do que da Vulg., o que comprova mais uma vez a influência de outra fonte, que não a de Jerônimo, sobre o texto de Buchanan.

## 5.18. PSALMUS LXIII

Esta oração se aproxima bastante dos salmos 42 e 43, principalmente pela linguagem afetiva e pela distância do santuário.

2 Deus, salutis auctor et custos meae,

Te ueneror roseus quum fugat astra dies.

Te mens anhelat, membra sitiunt languida,

Terra uelut pluuias Arida quaerit aquas.

Quamuis arenas aridas aestu colam,

3 Praesentem Dominum mens uidet usque meum;

Non aliter adita arcana quam si conspicer,

Numinis adseruant quae monumenta tui.

4 Nec dulcis aequae est uita quam benignitas,

Qua uitam munis prosequerisque meam.

5 Ergo remotis dissitus quamuis locis,

Praesidio tutus te celebrabo tuo:

Tui sonabunt nominis praeconia,

Quae dederis uitae tempora cunque meae.

6 Nec uictus aequae recreat corpus, tua

Excitat ut mentem laus celebrata meam.

7 Tu nocte carmen, mane tu carmen mihi es:

8 Tu trepido praesens fers mihi semper opem.

Securus alis conquiesco sub tuis:

Teque procul curis et tua facta canam.

9 Te quaerit animus, te colit, te deperit:

Tu ualida fulcis me, pater alme, manu.

10 At qui laborant per nefas me perdere,

Consiliis prauis digna ruina premet.

11 Ferro profundent spiritum nefarium:

Membra dabunt auidis dilanianda lupis.

12 Rex laetus autem uindicem agnoscet Deum,

Et quicumque Dei numina rite colunt.

Metu stupentes conticescent impii,

Spe stolidi fluxis qui tumuere bonis.

## TRADUÇÃO

2 Deus, Autor e Guardador da minha salvação, venero-te quando o róseo dia afugenta os astros. A minha alma anela por ti, os meus lânguidos membros têm sede de ti, tal qual a terra seca deseja as águas da chuva. Embora eu habite nas areias ressequidas pelo calor,

3 a minha alma vê o meu Senhor presente em qualquer lugar; como se eu contemplasse os santuários ocultos que guardam os ornamentos da tua divindade.

4 A vida não é tão doce quanto a tua benignidade, por meio da qual tu honrarás a minha vida com funções oficiais.

5 Por isso, embora disperso por lugares afastados, celebrar-te-ei, seguro na tua proteção. Os elogios ao teu nome ressoarão, os quais, em qualquer tempo, terás dedicado aos anos da minha vida.

6 Nem o alimento reanima tanto o meu corpo, quanto o teu louvor, quando celebrado, aviva a minha alma.

7 Tu, quer seja à noite, quer seja pela manhã, és o meu canto.

8 Tu, presente, socorres sempre a mim, temeroso. Seguro, descanso debaixo das tuas asas; e, longe das preocupações, cantarei a ti e aos teus feitos.

9 O meu espírito te busca, venera-te, ama-te; tu me sustentas com a tua forte mão, ó Pai criador.

10 Mas aqueles que trabalham para me destruir por meios ilícitos, uma desgraça digna de resoluções insensatas os oprimirá.

11 Por meio da espada derramarão um espírito criminoso; darão aos ávidos lobos os seus membros dilacerados.

12 Mas o rei, alegre, conhecerá o Deus vingador, e todos aqueles que, segundo os ritos, veneram o poder de Deus. Por medo, os ímpios, estupefatos, calar-se-ão; os quais, com uma esperança tola, se encheram de bons ares.

## COMENTÁRIOS

Logo na primeira estrofe, verifica-se a diferença temporal entre a paráfrase e a Vulgata:

“... ad te de luce vigilo. Sitivit in te anima mea;”

Como vemos, embora na primeira oração do texto da Vulg. o verbo *vigilo* apareça no presente, a oração seguinte já se apresenta com o verbo no pretérito perfeito, indo de encontro, assim, ao texto da paráfrase, que privilegia o presente.

Ainda na primeira estrofe, merece destaque o determinante escolhido pela Vulgata para o determinado *terra*:

“... In terra deserta...”

Ao substituir *deserta* por *arida*, o poeta encontra apoio no texto da NVL, BJ e ARA:

“... Ut terra arida...”

“... como terra seca...”

“...como terra árida...”

Com certeza não precisamos ir muito longe para concluir que a preferência de “árida” por “deserta” foi a melhor escolha, uma vez que a última é ambígua quanto ao estado da terra, que tanto pode estar “desabitada” quanto “seca”.

Ainda nesta passagem, ao empregar o conectivo *ut*, o poeta se aproxima mais do TM, como testifica o comentário da SE: “En lugar de *be-eres* = *en la tierra*, con sentido local, el TM y antiguas versiones (...) leen *ke-eres* = *como tierra*, con sentido comparativo...”<sup>56</sup>

Vejamos como se encontra a sétima estrofe na Vulg.:

“Si memor fui tui super stratum meum, in matutinis meditabor in te.”

Percebemos, então, que, ao escolher o nominativo *carmen*, o autor torna seu texto mais inteligível e mais conciso que o da Vulg., conforme comentário da SE: “En quanto despierto, ‘me acuerdo de ti’ (*zákarti*) y *en ti medito* (imperfeito frecuentativo): suelo decir mis alabanzas...”<sup>57</sup>.

Na oitava estrofe, mais uma vez percebe-se a diferença entre a paráfrase e a Vulg. no que concerne ao emprego dos tempos:

---

<sup>56</sup> Op. cit., p. 234.

<sup>57</sup> Op. cit., p. 234.

“... Et in velamento alarum tuarum exsultabo.”

Ao escolher o presente, *conquiesco*, o parafrasta mostra mais uma vez que a escolha dos tempos na sua obra não é aleatória, como podemos comprovar com as versões da BJ e da NVL:

“... à sombra de tuas asas, eu grito de alegria;”

“... et in umbra alarum tuarum exsulto:”

Assim, ao escolher o presente, o poeta provavelmente estava com outro texto em mãos, além, é claro, da Vulg.

A construção *qui ... perdere*, embora não apareça na Vulg. é atestada pela NVL:

“Qui autem perdere...”

Se compararmos a tradução da Vulg. com a da BJ, constataremos que esta está mais próxima da paráfrase do que aquela:

“Ipsi vero in vanum quaesierunt animam meam:”

“Quanto aos que me querem destruir,...”

Fica evidente, mais uma vez, que, além da Vulg., Buchanan fez uso de outra versão bíblica.

Na décima primeira estrofe, encontramos o vocábulo *lupis*, que se opõe a *vulpium* (Vulgata). Segundo Kidner, embora a mesma palavra hebraica sirva para ambos, *lupus* seria a palavra mais próxima de *canis aureus* do que raposa, pelo fato de os chacais serem animais que se alimentam da carniça residual. Conclui-se, então, que houve, por parte de Buchanan, consulta a outras fontes. A SE também reforça a escolha de Buchanan: “Los



LXX traducen 'la zorra', y ésta es la traducción su'al; pero el uso popular lo entendia del *chacal*, pues el zorro no suele alimentarse de cadáveres.”<sup>58</sup>

Em substituição a oração “Rex ... laetabitur” (vulgata), a paráfrase emprega o sintagma *Rex laetus*, que, com a presença do adjetivo, torna mais vivo o sentimento do rei naquele momento.

---

<sup>58</sup> Op. cit., p. 235.

## 5.19. PSALMUS LXIV

Este salmo, graças ao pedido de auxílio nas suas primeiras linhas, pode ser definido como uma oração lamentativa.

2 Audi, Sancte Parens, non tetricus preces

Te poscentis opem rebus in asperis:

3 Et fallacis ab hostis

Vitam fraudibus eripe.

Praurorum tacitis factio me dolis

Oppugnat; trucibus consiliis fremunt,

Conspirantque scelesti:

Tu me dux bonus eripe.

4 Linguas ceu gladios exacuunt suas:

Oris pestiferi uerba nefaria

Intentant, medicata

Tanquam spicula toxico;

5 Ut rectos animi ex insidiis petant:

Et securi auida mente coquunt nefas:

Nec quenquam malefacti

Formidant fore uindicem.

6 Designant animis horrificum scelus,

Et saeuo laqueos consilio parant:

Inter seque loquuntur,

Nemo conscius haec sciet.

7 Cor, mens, ingenium, consilium, labor,

Huc tendunt, facies ut scelerum nouas

Et fraudum meditentur:

Hoc unum studium fuit.

8 Ast illos subiti cuspide spiculi

Incautos feriet magna Dei manus,

Et lethalia certa

Figet uulnera dextera.

9 Spectantes gelidus corripit timor,

Auctori exitium quum uideant suae

Dirum immittere linguae

Virosae mala toxica.

10 Gens humana tuae robora dexteræ

Agnoscet, meritis laudibus efferet:

Et mirabitur altae

Lumen perspicientiae.

11 Iusti spes animos eriget, et Dei

Tutus praesidio laetitia fremet:

Et gaudentia corda

Vero simplice gestient.

## TRADUÇÃO

2 Ouve, Pai Santo, as minhas preces, tu que não és severo para com os que te pedem socorro nas adversidades,

3 e livra minha vida das astúcias do falaz inimigo. A facção dos malfeitores me ataca com dolos traiçoeiros; em assembléias ameaçadoras os criminosos murmuram e conspiram. Livra-me, tu que és um bom guia.

4 Como espadas afiam suas línguas; como flechas embebidas em veneno, lançam contra mim, por meio de uma boca perniciososa, palavras criminosas;

5 a fim de, a partir de armadilhas, atingirem os retos de espírito, e, seguros, maquinam, com uma mente ávida, o mal; e não temem que há de existir algum vingador de suas más ações.

6 E, em seus pensamentos, tramam um terrível crime, e preparam, em cruéis deliberações, armadilhas; conversam entre si; nenhuma testemunha tomará conhecimento destas coisas.

7 O coração, a mente, o pensamento, o plano, o trabalho estão voltados para cá, para que sejam planejados novos tipos de crimes e de fraudes; esta foi a única preocupação.

8 Mas a poderosa mão de Deus ferirá repentinamente aqueles desprezados com uma lança e a sua destra certa desferirá golpes letais.

9 Um temor gélido se apodera daqueles que observam, quando vêem os perniciosos venenos da virosa língua levarem a terrível morte ao seu próprio autor.

10 A raça humana conhecerá a força da tua destra, elevará até os céus os justos louvores e admirar-se-á da luz do teu profundo conhecimento.

11 A esperança restabelecerá a coragem do justo, e, seguro na proteção de Deus, ele gritará de alegria e os corações jubilosos exultarão com uma alegria verdadeira.

## COMENTÁRIOS

A paráfrase prefere *Audi* a “Exaudi” (Vulgata) primeiro verso;

Vejamos como se encontra a segunda parte do versículo dois na Vulgata:

“... A timore inimici eripe animam meam.”

Ao compararmos este versículo com os dois primeiros versos da terceira estrofe da paráfrase, verificamos que o verbo empregado nesta foi transcrito da Vulg., e que a substituição de “animam” por *Vitam* é de ordem meramente sinonímica, uma vez que, no contexto bíblico, muitas vezes *anima dicitur pro vita*, como no seguinte exemplo:

“Sin autem mors eius fuerit subsecuta, reddet animam pro anima,...” (Êx 21.23).

Ainda na terceira estrofe, encontramos o ablativo *consiliis*, que, embora não seja atestado pela Vulg., encontra apoio na NVL:

“Protege me a concilio malignorum,...”

Vejamos como se encontra o início da quarta estrofe na NVL e na Vulg.:

“Qui acuunt ut gladium linguas suas,...”

Quia exacuerunt ut gladium linguas suas;...”

Embora a paráfrase, assim como a Vulg., prefira a forma verbal composta à simples, no que concerne ao tempo ela está mais próxima da NVL do que do texto de Jerônimo, sendo também o presente o tempo preferido pela BJ e ARA: “afiam”.

Eis como se encontra a última parte do verso quatro na NVL e na Vulg.:

“Dirigunt ut sagittas verba venenata,...”

“Intenderunt arcum rem amaram,...”

Verificamos, com os exemplos acima, que a paráfrase (quarta estrofe) recorre, quanto à escolha do verbo, à Vulgata, diferindo desta apenas na escolha do tempo, que se

encaixa perfeitamente com o presente na BJ (ajustam) e ARA (apontam). No que diz respeito, porém, aos sintagmas *uerba* e *toxico* fica claro que estão bem mais próximo da NVL, já que o primeiro vocábulo se encontra nesta versão e “venenata” tem como correspondente semântico, na paráfrase, *toxico*, o qual também é atestado pela BJ: “... palavra venenosa,...”

Embora no antepenúltimo verso da sexta estrofe, o poeta escocês empregue o mesmo vocábulo presente na Vulg., *laqueos*, vale destacar o tempo verbal escolhido pela Vulgata:

“... Narraverunt ut absconderent laqueos... ;”

Verifica-se, então, que no texto bíblico predomina o uso do *perfectum*, enquanto que na paráfrase predomina o *infectum*, representado aqui pelo presente do indicativo. A escolha do tempo pelo poeta escocês é corroborada pela BJ e ARA, respectivamente:

“... calculam como esconder armadilhas,...”

“... falam em secretamentearmar ciladas;...”

A presença de *cor* e *mens*, quando na Vulg. só o primeiro vocábulo aparece, é testificada pela NVL:

“... Et mens cuiusque et cor sunt profunda.”

Vejamos agora como se encontram os dois primeiros versos da oitava estrofe na Vulgata, no texto em hebraico e na NVL:

(Vulg.) “Et exaltabitur Deus. Sagittae parvulorum factae sunt plagae eorum;”

(BH) Então D-us subitamente atirou-lhes uma seta;...”

(NVL) “Sed Deus ferit eos sagittis,...”

Ao compararmos os dois versículos com a estrofe da paráfrase, verificamos que esta está bem mais próxima da NVL. Logo de início, os dois textos empregam uma conjunção

adversativa; em seguida o verbo *ferire*, cuja única distinção é por conta do tempo (presente na NVL e futuro na paráfrase); ambas também apresentam o complemento do verbo *ferere* (*eos* na NVL e *Illos* na paráfrase); por fim, a forma concreta “*sagittis*” é substituída, na paráfrase, por uma metonímia (*cuspidē spiculi*).

## 5.20. PSALMUS LXV

Encontramos aqui um hino e, como tal, não contém alusões a nenhuma data histórica especial.

2 Te manent laudes, Deus, in Sione:

Hic tibi castis operata sacris

Vota gens soluet tua, uictimisque

Imbuet aras.

3 Quique tam praesens tibi supplicantum

Exitus uotis tribuas secundos,

Te petent gentes sub utroque mundi

Axe jacentes.

4 Nostra nunc justis scelerata facta

Nos premunt poenis: facilis querelis

Tu tamen flecti, mala seruitutis

Vincula franges.

5 O quater, plusquam quater, o beatos,

Quos leges, lectos facies amicos:

Vt colant puri tibi dedicati

Atria templi.

Illa lux Felix, cumulata cunctis

Lux bonis, pectus satiabit aegrum

Gaudio, quae nos reduces sacrata



Sistet in aede.

6 Annues nostris facilis querelis,

Finium terrae Deus ultimorum

Spes, et extremas maris ambientis

Gurgite terras.

Tum stupor mentes quatiet tuentum,

O Deus, nostrae columnen salutis,

Te malis durum, miseris benignum,

Omnibus aequum.

7 Tu potens rerum, ualidisque polens

Viribus, firmas stabili catena

Montium tractus, jugaque inquietis

Tunsa procellis.

8 Tu maris Nigris agitata uentis

Terga componis: cohibes rebelles

Gentium motus, placidaque mutas

Pace tumultus.

9 Vltimi rerum tua signa norunt

Et pauent fines, quoties coruscis

Turgidum flammis fremuit sonoro

Murmure coelum.

Quique Phoebaeos habitant ad ortus,

Et quibus sera face Phoebus undas

Tingit, auctorem te hilares fatentur

Lucis et umbrae.

10 Tu solum terrae sitientis imbrem

Laetus inuisis, grauidaeque nubis

De sinu fundis genitale pigros

Semen in agros.

Alueus pleno tibi semper amne

Turgidus laeta nouat arua fruge,

Floribus campos, nemorum uirentes

Fronde recessus.

11 Rore tu leni sola contumacis

Maceras terrea, subigisque glebas:

Ebrios sulcos uiridante amictu

Messis inumbras.

12 Qua feres gressus, renouabis annum

Fertilem frugum: uegetansque fetus

Per cauas ualles riguosque saltus

Impluet humor.

13 Gestiet pauper tuguri colonus,

Lacte distentas comitans capellas:

14 Mugient colles, et amica fessis

Silua iuuencis.

Spes aratoris cupidas fouebit

Fluctuans latis seges alma campis:

Vt canat festa tibi feriatu

Carmen in umbra.

## TRADUÇÃO

2 A ti, ó Deus, duram os louvores em Sião; com piedosos sacrifícios, a ti a tua nação pagará, neste lugar, os seus votos e tingirá os teus altares com vítimas.

3 E que tu, tão presente, concedas felizes soluções aos que te suplicam com votos, os povos que se encontram sob os pólos do mundo te buscarão.

4 Agora nossos feitos criminosos nos oprimem com justas penas; tu, porém, ao desviar-te facilmente das queixas, quebrarás os cruéis grilhões da servidão.

5 Ó muitas vezes felizes aqueles que tu escolherás; tu os tornarás amigos seletos; para que, puros, habitem nos átrios do templo dedicado a ti. Aquela luz favorável, cheia de todos os bens, a qual nos colocará a nós, que voltamos, na tua sagrada morada e saciará, com alegria, o peito ferido por uma espada.

6 Anuirás facilmente as nossas queixas, ó Deus, esperança dos mais longínquos territórios da terra, e do mar, que rodeia, com o seu abismo, as mais distantes terras. Então um espanto abalará as mentes dos que observam, ó Deus, sustentáculo da nossa salvação, tu que és duro para com os maus, benigno para com os infelizes e justo para com todos.

7 Tu, ó Senhor de todas as coisas, que dominas as válidas forças, firmas em estável cadeia as extensões das montanhas e os seus cumes que foram esmagados pelas inquietas procelas.

8 Tu constróis as costas do mar que são agitadas pelos ventos sombrios; conténs a rebeldia das nações e transformas o tumulto em uma plácida paz.

9 Os habitantes das mais distantes terras conhecem os teus sinais e os países se apavoram todas as vezes que o céu, intumescido de raios cintilantes, retumba com um sonoro murmúrio. Aqueles que habitam próximo aos lugares onde o sol nasce, e aqueles a quem o sol tardiamente tinge as ondas com a sua luz, os homens alegres reconhecem que tu és o autor da sombra e da luz.

10 Tu, alegre, vens ver o solo, de uma sedenta terra, molhado; e do teu peito que gera nuvens carregadas, derramas a tua semente nos campos estéreis. O leito sempre alagado por um rio transbordante renova, com frutos, as alegres searas; os campos com flores e os recônditos verdejantes dos bosques com folhagem.

11 Tu amoleces com o suave orvalho os solos da rebelde terra, preparas o terreno, e sombreias com um manto verde os sulcos cheios da colheita.

12 Por onde tu vieres a caminhar, renovarás um ano fértil de frutos; pelos côncavos vales e pelos úmidos desfiladeiros os frutos verdes exalarão o seu líquido.

13 O colono, sem cabana, que acompanha as cabritinhas cheias de leite, alegrar-se-á.

14 Os outeiros e o bosque, amigo das novilhas cansadas, rugirão. A boa colheita, que é agitada pelos ricos campos, conservará as esperanças desejadas do lavrador; para que, ocioso na sombra, ele entoe a ti um agradável cântico.

## COMENTÁRIOS

Quanto à ordem das palavras no início da paráfrase, o autor mantém a mesma presente na Vulg.:

“Te decet hymnus, Deus, in Sion,...”

As diferenças, como vemos, dizem respeito apenas às substituições do verbo *decet* por *manent* e de *hymnus* por *laudes*. Quanto à declinação de Sion, já tecemos os devidos comentários em outro salmo.

O acusativo *uota* e o dativo *tibi* (segunda estrofe) também foram cunhados a partir do texto da Vulg.:

“...Et tibi reddetur votum in Ierusalem.”

Na sétima estrofe, terceiro verso, encontramos a construção *Montium tractus*, onde o primeiro elemento, teve, por fonte de inspiração, o versículo sétimo da Vulg.:

“”Praeparans montes in virtute tua,...”

Na estrofe seguinte, o genitivo *maris* é transcrito do versículo oito da Vulg.:

“Qui conturbas profundum maris,...”

Na décima estrofe, o genitivo *terrae* também encontra correspondente na Vulg.:

“Visitasti terram, et inebriasti eam;”

Ainda nesta estrofe, o nominativo *tumultus*, que não encontra respaldo na Vulg., é atestado pela NVL:

“... et tumultum nationum:...”

A escolha do poeta escocês também encontra apoio na BJ: “‘e o tumulto (dos povos)’, hebr.;”<sup>59</sup>

A décima terceira estrofe foi cunhada quase que integralmente de Vergílio:

“... pauperis et tuguri...” (Buc. I, 68)

“Thyrsis ovis, Corydon **distentas lacte capellas**,...” (Buc. VII, 3)

---

<sup>59</sup> Op. cit., p. 1017.

Vemos, então, que a única diferença entre o sintagma da paráfrase e o destacado acima é de ordem de colocação das palavras, fato este ocorrido, com certeza, por razões métricas.

Vejamos, agora, como se apresenta a segunda parte do versículo quatro na NVL e na Vulg.:

“... **Opprimunt nos** delicta nostra:...”

“Verba iniquorum praevaluerunt super nos,...”

Ao compararmos a parte em negrito com *Nos premunt*, da paráfrase, percebemos que este excerto está bem mais em consonância com esta versão do que com a V. A única distinção se deve a escolha do verbo, uma vez que o verbo escolhido pela NVL é uma forma composta (ob + premo) do verbo *premere*, forma preferida pela paráfrase. Mas quanto ao pronome *nos* e ao tempo empregado, presente do indicativo, os textos permanecem iguais.

Ainda quanto à seleção temporal (quinta estrofe), enquanto a Vulg. emprega o pretérito, “elegisti”, para se referir ao bem-aventurado, a paráfrase prefere o futuro, estando, assim, mais próximo da NVL, que emprega o presente, “eligis”, e da BJ e ARA, que privilegiam o presente, “escolhes”

Na sexta estrofe, segundo verso, a Vulg. se faz presente:

“...Spes omnium finium terrae,...”

Vemos, então, que o vate escocês transcreveu esta passagem para a sua obra, fazendo apenas o acréscimo do genitivo *ultimorum*, o que, com certeza, dá feições clássicas à expressão bíblica.

Na décima primeira estrofe, o acusativo *glebas* teve origem em uma fonte diferente da Vulg., uma vez que ele é encontrado na NVL, mas é substituído naquela por *genimina*.

No início da última estrofe encontramos mais um eco clássico. Desta vez o poeta em destaque é Ovídio. Assim encontramos o verso 648 do livro XIV das Metamorfoses:

“... iurares **fessos** modo disiunxisse **iuuencos**.”

Merece destaque o emprego anafórico do pronome tu, quando na Vulg. e também na NVL ele é substituído por um pronome relativo ou é omitido.

Para descrever o agricultor nos últimos versos da última estrofe, o parafraza foi beber mais uma vez nas fontes do poeta Vergílio (Buc. I, 4-5):

“... tu, Tityre, lentus in umbra/formosam resonare doces Amaryllida silvas.”

Assim, ao compararmos o texto vergiliano com o da paráfrase, percebemos tão grande semelhança entre eles, que a paráfrase parece baseada não na passagem bíblica, e sim no autor latino.

## 5.21. PSALMUS LXXII

Este salmo é atribuído a Salomão e trata inicialmente do seu próprio reinado ou do seu filho. Porém, pela declaração de que seu reino era eterno, o Targum e os cristãos passaram a ver o Messias na figura do rei.

1 Da tuae Regi, Deus, aequitatis

Ius ad exemplum dare, filioque

Regis ut legum patriae ad salutem

Flectat habenas.

2 Ut regat iustis populum institutis,

Pauperum questus facili tuorum

Aure cognoscat, dirimatque lites

Legibus aequis.

3 Pace laetentur iuga montiumque

Horridi saltus: genitrix quietis

Aequitas colles amet, asperosque

Ruris alumnos.

4 Ius suum det pauperibus, potentum

Curet ut ne ui tenues premantur,

Destruat quisquis miseros dolosis

Litibus urget.

5 Vt reformidet uenientis aeui

Gens tuum nomen, sua sol diei



Donec effundet, sua luna donec

Lumina nocti.

6 Aequitas et ius ueniens olimpo

Recreet terras, ueluti sub aestu

Imber, et rores pluuii beatos

Ruris honores.

7 Floreat, rerum hoc moderante habenas

Ius bonae paces uigeant, perenni

Luna dum cursu rediens nouabit

Menstrua uultus.

8 Imperii fines maris unda fluctu

Hinc et hinc claudat: spatiumque latis

Quod modum regnis faciat, sit idem

Terminus orbis.

9 Ad pedes illi cadat aduolutus

Aethiops: hostes ueniam precati

Supplices. Uultus humiles comamque in

Puluere uerrant.

10 Qui tenent pontum, refluique ponti

Insulas, regesque Arabum beati,

Thuris et dites uenient Sabaei,

Dona ferentes.

11 Illum adorabunt, mare qua remotis

Obstrepat terris, metuentque reges:

Seruiente gentes sub utroque mundi

Axe iacentes.

12 Ille desertos ope subleuabit:

13 Eximet curis querulus: egeno et

14 Pauperi dextram dabit: obrutosque

Foenore soluet.

Nec uelut uilem tenuis cruorem

15 Plebis effundi sinet: ergo uiuat,

Deque thesauris Arabum beatis Munera sumat.

Ac suo Regi bene comprecatus,

Illius laudes canat, illum honoret,

Largam opum dextram celebret, patremque

Vulgus adoret.

16 Per feros montes segetem refundat

Terra, tam densis crepitans aristis,

Quam graui cedros Libani flagelant

Murmure uenti.

Augeat prolem numero carentem

Per uias urbis bona pax beatae:

Laeta ceu campis riguis per imbrem

Gramina surgunt.

17 Nomen aeterno iuuenescat aeuo:

Filii nomen, iubar usque solis

Dum uagae fundet radiata terris

Lumina flammae.

Ille Rex gentes faciet beatas,

Quas sinu claudit refugo Amphitrite,

Omnis hunc tellus canet Amphitrite

Cincta beatum.

18 Isaci gentis Domino Deoque

Laus, honor, uirtus: opis haud egenus

Illa, quae cuncti attoniti intuentur,

Perficit unus.

19 Nomen augustum canat omnis aetas:

Ulla quod nunquam taceat uetustas:

Nominis sancti penetret per omnes

Gloria terras.

1 Dá, ó Deus, ao rei e ao seu filho a tua justiça, dá como exemplo da tua equidade, de modo que ele afrouxe as rédeas das leis para a salvação da pátria.

2 Para que governe o seu povo com justas instituições, para que examine com um ouvido favorável as queixas dos teus pobres, e para que venha a dirimir os litígios com justas leis.

3 Que as cumes de montanhas e montes e de terríveis desfiladeiros se alegrem na paz: que a equidade, geradora da paz, ame os outeiros, e os rudes habitantes do campo.

4 Que ele conceda a sua justiça aos pobres, que cuide para que eles não sejam oprimidos pela força dos poderosos, e que destrua qualquer um que ameace os infelizes com questões dolosas.

5 Para que o teu povo da futura geração tema o teu nome, enquanto o sol derrama a sua luz de dia, e a lua à noite.

6 Que a sua eqüidade e justiça, oriunda do Olimpo, reanime as terras, tal qual a chuva no forte calor, e o feliz orvalho da chuva, glória do campo.

7 Que este floresça, regendo as rédeas das coisas, que a boa paz também floresça, enquanto a lua, refazendo seu curso mensal, renovará a sua forma.

8 Que, de lá pra cá, a onda do mar, com as suas vagas, feche os territórios do império; e o espaço, que impõe medidas aos astros, dê também igualmente término ao mundo.

9 Que o etíope, prostrado, caia-lhe aos pés; que os inimigos, suplicantes, peçam perdão e que os rostos humildes arrastem seus cabelos no pó

10 Aqueles que dominam o mar e as ilhas da maré vazante, os ditosos reis dos árabes e os sabeus, ricos em incenso, virão, trazendo presentes.

11 Eles o adorarão por onde o mar abala as distantes terras, e os reis o temerão; e as nações que vivem sob os dois pólos do mundo o servirão.

12 Ele sustentará os abandonados com o seu poder;

13 tirará as preocupações dos que se lastimam;

14 dará ao necessitado e ao pobre a sua destra e libertará os que se encontram oprimidos pelos juro. Do mesmo modo não permitirá que o insignificante sangue da humilde plebe seja derramado;

15 viva, portanto, e receba os presentes dos valiosos tesouros dos árabes. E após ter rogado bem ao seu Rei, cante-lhe louvores, honre-o, celebre a sua rica destra e o vulgo adore ao Pai.

16 Que a terra, através dos selvagens montes, produza novamente a seara, retinindo tanto nas densas espigas, quanto os ventos agitam, com o seu ruído, os cedros do forte Líbano.

Que, pelas ruas da cidade feliz, a boa paz aumente a prole que míngua; tal como as abundantes relvas surgem nos campos regados pela chuva.

17 Que ao longo dos tempos seu nome seja sempre jovem; que o nome do filho brilhe até o nascer do sol, enquanto a luz, radiada pela vaga chama, se derrama sobre as terras. Este célebre Rei fará felizes a todas as nações que o mar cerca com um sino refugo; toda a terra, rodeada pelo mar, cantará este bem-aventurado.

18 Louvor, honra e poder sejam dados ao Senhor e Deus do povo de Isaque; ele, não destituído de bens, executa sozinho aquelas maravilhas que todos, espantados, observam.

19 Que todas as gerações cantem o seu augusto nome; e que os tempos antigos nunca venham a se calar. Que a glória do seu santo nome penetre por todas as terras.

## COMENTÁRIOS

No que se refere ao início da quinta estrofe, vejamos o comentário da BJ: “que ele dure”, grego; ‘que eles temam’, hebr”.<sup>60</sup> Percebemos, então, que embora o poeta se afaste das outras versões, que preferem seguir a Vulg. e o texto grego, ele, ao empregar o verbo *reformidet*, está bem mais próximo do texto hebraico não só no significado da forma verbal, mas também no tempo escolhido, já que a Vulg. prefere o futuro: *permanebit*.

Embora o vocábulo *imber* (sexta estrofe, terceiro verso) não esteja presente na Vulgata (*pluvia*), ele atestado pela NVL e pela Neovulgata, respectivamente:

“Sicut imbres qui irrigant terram.”

“et sicut imber irrigans terram.”

---

<sup>60</sup> Op. cit., p. 1026.

Verificamos, ainda, que, quanto ao número, a paráfrase está mais próxima da Neovulgata.

Na sétima estrofe, ao empregar *Floreat*, o autor provavelmente consultou alguma versão latina da época, uma vez que este verbo é atestado pelas duas versões latinas atuais e pelas versões portuguesas:

NVL e Neovulgata: “florebit”;

BJ e ARA: “floresça”.

Graças aos exemplos em português, podemos concluir que a escolha do tempo feita pela vate escocês mais uma vez não foi aleatória, mas, com certeza, baseou-se em alguma versão da sua época.

Algo curioso (nona estrofe) é a presença do nominativo *Aethiop*, pois este vocábulo só é atestado pela Vulgata, não sendo encontrado, porém, em nenhuma das quatro versões aqui estudadas. A Neovulgata emprega, em seu lugar, “incolae deserti” e NVL, “inimici”.

Ainda nesta estrofe, encontramos o ablativo *Puluere*, “pó”. A Vulgata, em seu lugar, emprega “terram”, que, como sabemos, além de pó, pode possuir muitos outros significados. A escolha de Buchanan encontra acolhida nas outras quatro versões: NVL e Neovulgata: “puluerem”; BJ e ARA: “pó”.

Na décima estrofe, embora o genitivo *Arabum* e os nominativos *reges* e *saba* também estejam presentes na Vulgata, foi, com certeza, no poeta Horácio que o poeta escocês se inspirou para compor esta estrofe, pois assim encontramos a ode XXIV, lib. I, vv. 1-4:

“Icci, beatis nunc **Arabum** inuides  
Gazis, et acrem militiam paras  
Non ante devictis **Sabaeae**  
**Regibus...**”

A mesma coisa voltará a acontecer na décima quinta estrofe com *Arabum* e *beatis*.

Nos dois primeiros versos da décima primeira estrofe, a pena do poeta Horácio mais uma vez se faz notar:

“... qui remotis/Obstrepat Oceanus Britannis,...” (Lib. IV, od. XIV, vv. 47-48)

Na décima sexta estrofe, encontramos o nominativo *Gramina*, que, embora não seja atestado pela Vulgata (*foenum*), encontra apoio na NVL: “gramina”.

Vejamos como se encontra o final do versículo dezessete na Vulg.:

“Omnes gentes magnificabunt eum.”

Como vemos, na Vulgata não aparece o vocábulo *beatum*. Mais uma vez se constata que o parafrasta fez uso de uma versão quinhentista, uma vez que este acusativo é atestado pela NVL: “beatum”; pela BJ: “feliz” e pela ARA: “bem-aventurado”.

O fato de o parafrasta preferir (última estrofe) *gloria* a *maiestas* também está mais de acordo com o texto hebraico do que com o da Vulgata, conforme comentário da SE: “Rara es también en la Vg la versión *maiestatis* por *kabod* = δόξης...”<sup>61</sup>

---

<sup>61</sup> Op. cit., p. 258.

## 6. CONCLUSÃO

Ao concluirmos este trabalho, acreditamos ter realizado aquilo a que nos propusemos, a saber, traduzir o Livro II da obra *Psalmorum Davidis Paraphrasis Poetica*, identificar as fontes utilizadas na sua composição e analisá-lo em seus aspectos lingüísticos, filológicos, literários e estilísticos.

No que concerne à tradução, se por um lado ela exigiu bastante de nós em razão de não termos acesso a nenhuma tradução da obra em estudo, por outro lado a comparação com o texto da Vulgata veio a elucidar muitas dúvidas referentes a vocábulos e excertos que se nos apresentavam. Mesmo tendo recorrido muitas vezes a esta versão, procuramos fazer uma tradução mais poética que as versões portuguesas dos salmos. Além disso, o trabalho teria sido bem mais árduo e penoso se não tivéssemos contado com o auxílio do nosso orientador.

Quanto à identificação das fontes, o trabalho se mostrou cansativo, porém compensador. A pesquisa no texto hebraico foi facilitada pela grande quantidade de notas de rodapé e comentários bíblicos das versões. No que tange às fontes clássicas, foi exigido de nós uma atuação de “detetive”, uma vez que tivemos de ficar horas e horas indo do dicionário para a obra à procura de “pistas” que nos levassem a identificar a presença de determinado vocábulo ou passagem de autores clássicos. Por não termos acesso à terceira fonte (versões latinas quinhentistas), utilizamos versões latinas atuais e Bíblias em português e espanhol, as quais foram de grande valia para a confecção do trabalho. Vejamos, então, como se deu a contribuição de cada fonte.

A contribuição do original hebraico na obra de Buchanan se dá pela presença de um bom número de vocábulos que ora esclarecem algumas passagens que se encontram obscuras na Vulgata, ora fazem uma revisão no texto desta, uma vez que estas



substituições, alterações e acréscimos são atestados por outras versões. Além dos vocábulos, algumas passagens, que, ainda que não tenham sido copiadas *ipsis litteris* do texto hebraico, também contribuíram para tornar o texto da paráfrase bem mais inteligível que o de Jerônimo.

Conforme visto, há um bom número de autores clássicos na obra de Buchanan, mas os que mais se destacam, pela ordem, são Horácio, Vergílio e Ovídio. Os dois primeiros, além de terem colaborado com um número significativo de vocábulos, expressões e excertos, também contribuíram para reforçar a temática de alguns salmos. Assim, no salmo XLIX, ouvimos a voz do poeta de Venúsia a convidar-nos a aproveitar o dia presente (*carpe diem*), pois os prazeres moderados do quotidiano e a captação do imediato são as únicas posses de que o homem realmente dispõe aqui na terra.

Do mesmo modo, Buchanan, ao fazer alusão ao amor de Salomão e da rainha de Sabá, no salmo XLV, não emprega apenas vocábulos e passagens oriundas principalmente do IV livro da Eneida, mas vai muito além, pois encontra em Vergílio os personagens ideais para substituir os personagens bíblicos. Assim fazendo, a temática do amor desgraçado e infeliz entre Enéias e Dido é exposta neste salmo, bem como os bens e as riquezas da rainha de Cartago.

A presença de uma terceira fonte nesta obra também é bem clara quando comparamos outras versões, quer sejam em português quer sejam em latim com o texto das paráfrases. Como já dissemos, por não termos em mãos versões latinas do século XVI, tivemos de recorrer a versões latinas atuais. Ao fazermos isso, tivemos uma grata surpresa ao descobrirmos que Buchanan estava bem à frente de seu tempo, já que vocábulos, expressões e tempos verbais presentes em sua obra e que não se encontram na Vulgata são atestados pela *Nova Versio Latina* (1951) e pela Neovulgata (1978),

além de serem corroborados pelos textos e comentários das versões em português (Almeida Revista e Atualizada, Bíblia de Jerusalém) e espanhol (La Sagrada Escritura).

No que diz respeito aos comentários lingüísticos, filológicos, literários e estilísticos, percebemos que Buchanan, ainda que as suas paráfrases tenham se mostrado superior às de seus colegas, manteve algumas características próprias de um poeta renascentista, tais como: sintaxe clássica; uso excessivo de partículas conectivas; repetição de palavras; retomada de um vocábulo por ele mesmo; emprego de centões e, embora com mais parcimônia que os seus contemporâneos, epítetos de deuses pagãos para denominar o Deus cristão. No que se diz respeito aos centões, o Dr. Gaertner vê algo de muito positivo no seu emprego: “... *centos* proved how well read an author was and indeed brought frequently a felicitous perfection into an otherwise pedestrian work.”<sup>62</sup>

---

<sup>62</sup> Op.cit. p. 281.

## 7. BIBLIOGRAFIA

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. Português. *Bíblia Sagrada*. 2. ed. rev. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
- A BÍBLIA SAGRADA. Português. *Bíblia Sagrada*. Traduzida por João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Ed. Preparada por R. Kittel e P. Kahle. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1961.
- BIBLIA SACRA iuxta Vulgatam Clementinam. Ed. Preparada por COLUNGA, Alberto O. P., Et TURRADO, Laurentio. 10. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1999.
- BUCHANANUS, *Georgius*. *Psalmorum Davidis Paraphrasis Poetica*. Londini: Grant, MDCCLXXV.
- CAESAR. *The Gallic War*. Volume I. Translated by H. J. Edwards. London: Loeb Classical Library, 1988.
- CICERO. *On Old Age. On Friendship. On Divination*. Translated by W. A. Falconer. London: Loeb Classical Library, 2000.
- \_\_\_\_\_. *On the Orator*. Volume III. Translators E. W. Sutton and H. Rackham. London: Loeb Classical Library, 1988.
- DAVIDSON, Benjamin. *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*. United States of America: Zondervan Publishing House, 1993.
- ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. 4. ed. Paris: C. Klincksieck, 1959. XIII, 820p.
- FORD, Philip J. *George Buchanan, Prince of the Poets*. Aberdeen: Aberdeen University Press, 1982.
- GAERTNER, Johannes A. *Latin Verse Translations of the Psalms 1500-1620*. Harvard: in *Theological Review*, XLIX, 1956, 271-305.
- GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris: Hachette, 1934. 1.702p.
- GREEN, Roger P. H. *Classical voices in Buchanan's hexameter psalm paraphrases*. London: in *Renaissance Studies*, 18, 2004, p. 55-89.
- HARRIS, R. Laird, Jr, Gleason L. Archer, Waltke, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia: Antigo Testamento*. Tradução de Márcio L. Redondo, Luiz A T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

- HORACE. *Odes and Epodes*. Edited and translated by Niall Rudd. London: Loeb Classical Library, 1989.
- JEANNERET, Michel. *Poésie et tradition biblique au XVIe siècle*. Paris: [S.L.], 1969.
- KIDNER, Derek. *Psalms 1-72: An Introduction and Commentary on books I and II of the Psalms*. Leicester: Inter-Varsity Press, 1981.
- LA SAGRADA ESCRITURA: Antiguo Testamento IV, texto y comentario de Los Salmos y los Libros salomónicos. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, MCMLXIX.
- LEBESGUE, Raymond. *George Buchanan, sa vie, son oeuvre, son influence en France et en Portugal*, em Boletim do Instituto Francês em Portugal, II. Coimbra, 1936, pp. 190-210.
- LEWIS, Charlton T. & SHORT, Charles. *A latin dictionary*. London: Oxford University Press, 1996.
- MCFARLANE, I. D. et al. *Notes on the composition and Reception of George Buchanan's Psalm Paraphrases*, in Renaissance Studies. Owen, Edinburgh and London, 1972, pp. 21-62.
- MARTIAL. *Epigrams, I. Spectacles, books 1-5*. Translated by D. R. Shackleton Bailey. London: Loeb Classical Library, 1990.
- MORENO, Antonio García. *La neovulgata: precedentes e actualidad*. Navarra: Ediciones Universidad de Navarra, 1986.
- OVID. *Fausti*. Volume V. Translated by J. G. Frazer and revised by G. P. Goold. London: Loeb Classical Library, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Metamorphoses: Books IX-XV*. Translated by Frank Justus Miller and revised by G. P. Goold. London: Loeb Classical Library, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Tristia, Ex. Ponto*. Volume VI. Translated by A. L. Wheeler and revised by G. P. Goold. London: Loeb Classical Library, 1988.
- PLAUTUS. *The Marchant. The Braggart Warrior. The Haunted house. The Persian*. Translated by Paul Nixon. London: Loeb Classical Library, 2001.
- REMAINS OF OLD LATIN: ENNIUS, CAECILIUS. Translated by E. H. Warmington. London: Loeb Classical Library, 1990.
- SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos. *Buchanan e o ambiente Coimbrão no século XVI*. Lisboa: Humanitas, XV e XVI, 1963-4, pp. 261-327.

STEINMETZ, David C. *The Bible in the Sixteenth Century*. Durham and London: Duke University Press, 1990.

TACITUS. *Histories IV-V. Annals I-III*. Translators Clifford H. Moore and John Jackson. London: Loeb Classical Library, 1990.

TERENCE. *The woman of Andros, The Self-tormentor, The Eunuch*. Volume I. Translated by John Barsby. London: Loeb Classical Library, 2001.

VIRGIL. *Eclogues, Georgics, Aeneid I-VI*. With an English translation by H. Rushton Fairclough. London: Loeb Classical Library, 1994.